

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM TEOLOGIA

MARCOS GAUDARD CORRÊA

**FUNDAMENTOS BÍBLICOS PARA A LIDERANÇA CRISTÃ PROTESTANTE EM
SUA ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO DE COMUNIDADES PROFÉTICAS E
MISSIONAIS**

RECIFE

2022

MARCOS GAUDARD CORRÊA

**FUNDAMENTOS BÍBLICOS PARA A LIDERANÇA CRISTÃ PROTESTANTE EM
SUA ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO DE COMUNIDADES PROFÉTICAS E
MISSIONAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como requisito acadêmico para conclusão do Curso de Mestrado em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemático-Pastoral

Linha de pesquisa: Teologias e Temas de Fronteiras

Orientador: Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira

RECIFE

2022

C824f

Corrêa, Marcos Gaudard.

Fundamentos bíblicos para a liderança cristã protestante em sua atuação na formação de comunidades proféticas e missionais / Marcos Gaudard Corrêa, 2022.
112 f.

Orientador: Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia.
Mestrado em Teologia, 2022.

1. Teologia. 2. Liderança Cristã - Protestante.
3. Liderança Cristã - Formação. I. Título.

CDU 248:248.21

Lucia Belian - CRB-4/1286

MARCOS GAUDARD CORRÊA

**FUNDAMENTOS BÍBLICOS PARA A LIDERANÇA CRISTÃ PROTESTANTE EM
SUA ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO DE COMUNIDADES PROFÉTICAS E
MISSIONAIS**

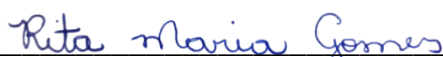
Dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Mestre em teologia.

Aprovada em 10 de maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)
Orientador



Profa. Dra. Rita Maria Gomes
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)
Leitora interna



Prof. Dr. Agabo Borges de Sousa
Universidade Estadual de Feira de Santana, BA
Leitor externo

AGRADECIMENTOS

Expresso a minha gratidão...

A Deus, por sua graça e sustento em todo o tempo. Sem Ele não teria chegado até aqui.

À minha família, em especial, à minha amada esposa, Soraya Salazar Corrêa, pela companhia e apoio constante.

Ao professor Pedro Rubens Ferreira Oliveira, meu orientador, pela preciosa ajuda nessa jornada.

À minha comunidade de fé, a amada Igreja Batista da Capunga, especialmente, à sua liderança, pelo encorajamento constante.

Ó profundeza da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus!
Quão insondáveis são os seus julgamentos e impenetráveis os seus caminhos!
Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor?
Ou quem foi o seu conselheiro?
Ou, ainda, quem lhe deu primeiro, para dever ser pago em troca?
Pois tudo é dele, e por ele, e para ele.
A ele a glória eternamente!
Amém.

Romanos 11,33-36

RESUMO

Diante das inúmeras transformações pelas quais o mundo tem passado, torna-se necessário buscar novos paradigmas para o exercício da liderança no contexto das comunidades cristãs. O mundo atual tem sido identificado por quatro fatores determinantes que, na língua inglesa, formam a sigla VUCA: Volatility, Uncertainty, Complexity e Ambiguity. Esse cenário de volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade tem se refletido na sociedade, nas famílias, nas organizações e nas comunidades cristãs, exigindo que os líderes deste tempo questionem sua maneira de atuar e desenvolvam qualidades, estilos e competências necessárias não somente para enfrentar os seus desafios, mas também para descobrir as oportunidades de mudança e crescimento. Por trás de uma crise pode haver uma grande oportunidade, a qual será bem aproveitada se houver disposição de aprender, inovar e reinventar processos, organizações e, sobretudo, a si mesmos, especialmente, ao considerar as Escrituras Sagradas como referência. Certamente, os líderes bíblicos do passado podem inspirar a liderança em suas comunidades contemporâneas. Por isso, foram escolhidos, a título de exemplos, apenas quatro personagens bíblicos reconhecidos na tradição bíblica, dentre os mais destacados na liderança do povo de Deus em momentos diferentes da história: Moisés, o libertador, que liderou o povo de Israel desde a sua saída do Egito até a entrada da terra de Canaã, entregando a lei que serviria para distinguir Israel dos demais povos da Palestina; Davi, o maior rei da história, que serviu de paradigma para os demais reis de Israel; Elias, o grande profeta que marcou a história do profetismo em Israel, e João Batista, enviado por Deus para preparar o caminho para o Messias, tornando-se a primeira voz profética do Novo Testamento. Esses líderes, apesar das suas limitações, dos seus erros e acertos, apresentaram fundamentos de liderança que apontam para Jesus, a melhor referência de liderança encontrada nas Escrituras Sagradas. Para os cristãos, Jesus é considerado o maior líder de todos os tempos e tem muito a ensinar e inspirar os líderes com o seu estilo de liderança. Ele desenvolveu uma liderança profética, sacerdotal, de acordo com os valores do reino de Deus, discipuladora, servidora e pastoral, apresentando durante o seu ministério terreno os fundamentos que se tornaram referenciais de liderança para o mundo. Por essa razão, a releitura atenta das Escrituras, especialmente, dos Evangelhos, permite estudar e aplicar o estilo e os fundamentos de liderança de Jesus, os quais oferecem inspiração criteriosa para a busca de respostas e novas perspectivas frente aos desafios que representam a formação e edificação de comunidades cristãs proféticas e missionais na atualidade. Essa releitura aliada à escuta dos sinais dos tempos e dos apelos do povo, contribui para a busca de novas pistas para uma liderança que seja sinal do Reino de Deus no mundo.

Palavras-chave: Escrituras, Jesus Cristo e Liderança.

ABSTRACT

It is necessary to seek new paradigms for the exercise of leadership in the context of Christian communities according to the countless transformations that the world has undergone. The contemporary world has been identified by four determining factors: Volatility, Uncertainty, Complexity, and Ambiguity (VUCA). Society in general, families, organizations, and Christian communities reflect this scenario; those behaviors require leaders for this time to question their way of acting and develop the qualities, styles, and skills necessary to discover opportunities for changes and growth. These elements will also help them face the challenges that lie before them. Behind a crisis, there can be a great opportunity. The opportunity will be well-taken advantage of if there is a willingness to learn, innovate, and reinvent processes, organizations, and especially themselves, always considering the Holy Scriptures as a reference. Biblical leaders of the past can positively inspire leadership in their contemporary communities. For this reason, four biblical characters recognized in the biblical tradition were selected for the present investigation. There were prominent men in the leadership of God's people at different times in history: Moses, the liberator, who led the people of Israel from their departure from Egypt to their entry into the land of Canaan; the same one who delivered the law that would serve to distinguish Israel from the other peoples of Palestine; David, the greatest king in history, the reference for the other kings of Israel; Elijah, the great prophet who marked the history of prophetism in Israel; and John the Baptist, sent by God to prepare the way for the Messiah, the one who became the first prophetic voice of the New Testament. These leaders present leadership foundations that point to Jesus, the best leadership reference in the Holy Scriptures. The four characters analyzed are given as reference, despite the limitations, mistakes, and successes. Christians consider Jesus Christ the paramount leader of all times; He has much to teach and inspire leaders with his leadership style. Jesus developed a prophetic, priestly guidance, according to the values of the kingdom of God. His leadership was also disciple-making, servant, and pastoral. During his ministry on Earth, he presented the foundations that became leadership references for the world. Careful re-reading of the Scriptures (especially the Gospels) allows the leader to study and apply Jesus' leadership style and foundations, which offer inspiration for the search for answers to current challenges. Some of these challenges are the formation of prophetic and missional contemporary Christian communities. Reviewing, combined with listening to the signs of the times and the community's needs, will contribute to the search for new clues for leadership that is a sign of the Kingdom of God in the world.

Keywords: Scriptures, Jesus Christ, and Leadership.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 ASPECTOS DO CENÁRIO ATUAL	13
2.1 O MUNDO VUCA	13
2.2 AS COMUNIDADES CRISTÃS	16
2.3 O PAPEL DA LIDERANÇA	22
3 MODELOS DE LIDERANÇA SEGUNDO AS ESCRITURAS	29
3.1 MOISÉS, O LÍDER LIBERTADOR	30
3.2 DAVI, O LÍDER CORAJOSO E QUE APRENDEU COM SEUS ERROS	37
3.3 ELIAS, O GRANDE PROFETA	44
3.4 JOÃO BATISTA, O LÍDER PROFETA PRECURSOR DO MESSIAS	49
3.5 APRENDENDO COM LÍDERES DAS ESCRITURAS	53
4 O MODELO DE LIDERANÇA DE JESUS	57
4.1 LIDERANÇA PROFÉTICA	58
4.2 LIDERANÇA SACERDOTAL	64
4.3 LIDERANÇA DE ACORDO COM OS VALORES DO REINO DE DEUS	70
4.4 LIDERANÇA DISCIPULADORA	79
4.5 LIDERANÇA SERVIDORA	86
4.6 LIDERANÇA PASTORAL	93
4.7 APRENDENDO COM JESUS	100
5 CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

Em um mundo cheio de transformações, as comunidades cristãs precisam buscar novos paradigmas para cumprir a sua missão.

Já no Antigo Testamento é possível identificar a iniciativa de Deus ao formar para si um povo para ser bênção para os outros povos do mundo. Em Gênesis 12.,1-3,

o SENHOR disse a Abrão: 'Parte da tua terra, da tua família e da casa de teus pais para a terra que eu te mostrarei. Eu farei de ti uma grande nação e te abençoarei. Tornarei grande o teu nome. Tu sejas uma bênção. Eu abençoarei os que te abençoarem, e quem te injuriar, eu o amaldiçoarei: em ti serão abençoadas todas as famílias da terra'. (BÍBLIA, 2020)

Esse texto demonstra que o propósito de Deus era fazer desse homem que teve o seu nome mudado de Abrão para Abraão, o líder de um povo abençoado e que isso incluísse todas as famílias do mundo.

As Escrituras narram a fidelidade de Deus à promessa feita a Abraão, pai da fé, mas, ao mesmo tempo, expressam que seus sucessores e os descendentes de Israel nem sempre foram fiéis à missão recebida. Por isso, depois da tentativa de tantos profetas, Jesus de Nazaré inaugurou uma nova Aliança, cumprindo a profecia de Jeremias, renovando o povo de Deus (BÍBLIA, 2020):

Dias virão – oráculo do SENHOR – em que firmarei com a comunidade de Israel – e a comunidade de Judá – uma nova aliança. Será diferente da aliança que firmarei com seus pais quando os tomei pela mão para fazê-los sair da terra do Egito. Eles romperam minha aliança; eu, porém, continuo sendo o dono deles – oráculo do SENHOR. Eis pois, a aliança que firmarei com a comunidade de Israel depois desses dias – oráculo do SENHOR – eu depositarei minha instrução no seu íntimo, inscrevendo-a em seu coração: eu me tornarei Deus para eles, eles se tornarão um povo para mim (Jr 31,31-33).

Tendo perdoado o seu povo por quebrar a antiga aliança, Deus promete, através do profeta, estabelecer ou imprimir a sua lei, a sua instrução, não mais em tábuas de pedra, como acontecera no Sinai, mas no íntimo, na mente e no coração, produzindo regeneração, o que aconteceu a partir do ministério de Jesus, com a pregação do Evangelho.

Depois da ressurreição de Jesus, o movimento que Ele havia iniciado foi crescendo mediante o trabalho dos pais apostólicos e anunciou o Evangelho a muitas

peças em muitos lugares, irrompendo as primeiras comunidades cristãs que foram se espalhando pelo mundo inteiro. Dessa forma, os apóstolos assumiram a missão de convocar o povo e continuar o anúncio do Evangelho de Deus.

Antes da ascensão de Jesus, os apóstolos estavam reunidos e lhe fizeram esta pergunta (BÍBLIA, 2020):

SENHOR, será que é agora o tempo em que vais restabelecer o Reino para Israel?”. Ele lhes disse: “Não vos compete conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou por sua própria autoridade; mas recebereis uma força, a força do Espírito Santo que virá sobre vós; e sereis então minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, até as extremidades da terra (At 1,6-8).

A “força do Espírito Santo” (BÍBLIA, 2020) foi derramada sobre os discípulos no dia de Pentecostes, uma festa judaica celebrada cinquenta dias depois da Páscoa, quando estavam reunidos em Jerusalém, judeus de todas as partes do mundo. Pela obra do Espírito Santo, naquele dia, cada um podia ouvir a palavra de Deus na sua própria língua materna (At 2,8). Nesse dia, ao ouvirem as palavras do humilde pescador, a multidão ficou abalada e perguntou a Pedro e aos demais apóstolos:

‘Que é que nós devemos fazer, irmãos?’. Pedro lhes respondeu: ‘Convertei-vos: receba cada um de vós o batismo no nome de Jesus Cristo para o perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois é a vós que é destinada a promessa, e aos vossos filhos, bem como a todos os que estão longe, quantos o SENHOR nosso Deus chamar’. Com muitas outras palavras Pedro testemunhava; e encorajava-os dizendo: ‘Salvai-vos desta geração transviada’. Os que acolheram a sua palavra receberam o batismo e houve cerca de três mil pessoas que nesse dia se juntaram a eles (At 2,37-41).

Através do trabalho dos pais apostólicos e de inúmeros cristãos anônimos, o Evangelho foi anunciado em muitos lugares, irrompendo o surgimento das comunidades cristãs.

Após a morte de Estêvão (BÍBLIA, 2020), “rompeu contra a Igreja de Jerusalém violenta perseguição. Todos, com exceção dos apóstolos, se dispersaram nas regiões da Judeia e da Samaria. Aqueles, no entanto, que haviam sido dispersos iam de um lugar para outro, anunciando a Boa-Nova da Palavra” (At 8,1,4).

Esses mesmos chegaram a Antioquia onde “o SENHOR os assistia de tal modo que foi grande o número dos que se voltaram para o SENHOR, abraçando a fé”. O rumor deste acontecimento chegou aos ouvidos da Igreja que estava em Jerusalém, e delegaram Barnabé para Antioquia (At 11,21-22). Esse Barnabé foi a

Tarso convidar Paulo para ajudá-lo no ministério em Antioquia, onde, “pela primeira vez os discípulos foram designados com o nome de ‘cristãos’” (At 11,26).

O apóstolo Paulo, enquanto esteve com Barnabé em Antioquia e depois, durante as suas viagens missionárias, juntamente com os seus companheiros, propagou o Evangelho em diversos países do mundo conhecido da época.

De acordo com Hale, o propósito de Lucas ao escrever Atos dos Apóstolos foi “explicar a emergência de uma comunhão religiosa mundial, através da aceitação da proclamação do evangelho de Jesus Cristo” (HALE, 1983, p. 134).

Atos, portanto, narra o cumprimento de um propósito demonstrado por Deus desde os tempos do Antigo Testamento, identificando nos diversos relatos, um movimento do Espírito Santo ao chamar e formar um povo com a missão de preparar a humanidade para o encontro com Deus.

O apóstolo Pedro (BÍBLIA, 2020) afirma:

vós mesmos entráis como pedras vivas na construção da casa habitada pelo Espírito, para constituir uma santa comunidade sacerdotal, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo. Vós, porém, sois a raça eleita, a comunidade sacerdotal do rei, a nação santa, o povo que Deus conquistou para si, para que proclameis os altos feitos daquele que das trevas vos chamou para sua maravilhosa luz; vós que outrora não éreis seu povo, mas agora sois o povo de Deus; vós que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia (1Pd 2,5,9-10).

Pedro (BÍBLIA, 2020) destaca que a igreja é o “povo que Deus conquistou para si” (1Pd 2,9), ou seja, o povo que pertence somente a Ele com uma finalidade: compartilhar o Evangelho de esperança e salvação em Jesus Cristo. Tendo em vista que não conseguiu fazer de Israel um povo sacerdotal, que levasse todos os demais povos do mundo ao seu encontro, Deus, por meio de Jesus, edificou a igreja com uma missão: “para que proclameis os altos feitos daquele que das trevas vos chamou para sua maravilhosa luz” (1Pd 2,9).

Shelley afirma que

a igreja é uma comunidade de pessoas - o povo de Deus - que deve sua existência e peculiaridade a um fato fundamental - o chamado de Deus [...] Este chamado é o núcleo do conceito do Novo Testamento sobre igreja. A ideia acha-se impregnada no termo usado com maior frequência para designar a igreja. O termo grego *ekkesia* é construído da raiz do verbo *kaleo* que significa chamar. A *ekklesia*, então é a assembleia ou congregação chamada para reunir-se (1989, p. 21).

Jesus disse: “edificarei a minha igreja” (Mt 16,18). Essa foi a primeira aparição da palavra ‘igreja’ no Novo Testamento. Ao analisar essa palavra, Warren Wiersbe afirma que

o significado literal é "uma assembleia convocada". A palavra é usada mais de cem vezes no Novo Testamento e, em pelo menos noventa dessas ocasiões, diz respeito à igreja (congregação) local. No entanto, esse primeiro uso de *ekklesia* indica que Jesus tinha em mente a Igreja como um todo. Não estava construindo apenas uma assembleia local, mas uma Igreja universal composta de todos aqueles que confessam a mesma fé declarada por Pedro (2006, p. 74).

O propósito de Jesus foi edificar uma comunidade profética e missional, que vivesse de acordo com os valores do seu reino, cumprisse a missão de proclamar o Evangelho do reino de Deus e fosse relevante para o seu tempo! Ele chamou e edificou a sua igreja para dar-lhe uma missão, que faz parte da sua natureza e razão de existir. A igreja existe por causa da missão!

Willian Temple afirma que “a igreja que vive para ela mesma morrerá por ela mesma”. (TEMPLE apud KOHL; BARRO, 2006b, p. 198).

Karl Barth também lembra que

onde a vida da igreja se esgota servindo a si mesma, tem sabor de morte, e esqueceu o decisivo: que toda essa vida só se vive em desempenho do que nós temos chamado de o serviço de arauto da igreja, a *proclamação*, o *kerigma*. Uma igreja que conhece sua missão não quererá e nem poderá, em nenhuma de suas funções, persistir em ser igreja por amor de si mesma. Existe o ‘rebanho dos crentes em Cristo’, porém dito rebanho é *enviado*: ‘Ide e anunciai o Evangelho’. Isto não quer dizer: ‘Ide e celebrai cultos’, ‘Ide e edificai com a pregação’, ‘Ide e celebrai os sacramentos’, ‘Ide e apresentai-vos com uma liturgia que pode reproduzir a liturgia celestial’ [...] Certamente, não existe proibição alguma em fazer tudo isso, e até existem muitas razões para fazê-lo, porém, nada de tudo isso, absolutamente nada, como um fim em si mesmo! Pelo contrário, o único que deve contar em tudo isso é isto: ‘anunciai o Evangelho a toda criatura’ (BARTH apud BARRO, 2003, p. 178).

Jorge Henrique Barro destaca que “a igreja que vive para si mesma, conforme Barth, tem sabor de morte. Que morte? A morte da sua razão de existir” (BARRO, 2003, p. 179). John Stott assevera que

Uma das maiores necessidades da Igreja é uma consciência sensível do mundo ao nosso redor. Se formos verdadeiros servos de Jesus Cristo, manteremos nossos olhos abertos (como ele o fez) à necessidade humana, e nossos ouvidos alertas aos prantos angustiados. Nós reagiremos com compaixão e de modo construtivo (novamente, como ele o fez) à dor das

peças. [...] A menos que ouçamos atenciosamente às vozes da sociedade secular, lutemos para compreendê-las e nos sensibilizemos com as frustrações, ira, perplexidades e desespero das pessoas, faltará em nós autenticidade como discípulos de Jesus de Nazaré. Nós correremos o risco de responder a perguntas que ninguém está fazendo, coçar onde ninguém sente coceira, suprir mercadorias para as quais não há demanda – em outras palavras, de ser totalmente irrelevantes (STOTT, 2021, p. 18).

Roy Fish, lembrava que, como sabemos, existe um abismo entre o ser humano e Deus (informação verbal)¹. Esse é o abismo provocado pelo pecado, cuja ponte da salvação foi construída por Jesus, o único mediador e reconciliador entre Deus e a humanidade. Entretanto, antes desse abismo do pecado, existe um outro abismo formado pelos "ismos" deste tempo, dentre eles poderíamos destacar: relativismo, individualismo, pós-modernismo ou modernidade líquida, com o derretimento dos sólidos, dos valores absolutos. A ponte sobre esse abismo não é construída por Jesus. É construída pela igreja e tem um nome: ponte da relevância. Na medida em que a igreja constrói essa ponte, o ser humano tem condições de compreender melhor a sua condição de perdição eterna e a possibilidade de salvação em Jesus.

De que maneira a igreja constrói essa ponte da relevância? Em 1Ts 1,3, o apóstolo Paulo (BÍBLIA, 2020) afirma: "conservamos a lembrança de vossa fé ativa, de vosso amor sacrificado e de vossa perseverante esperança, que nos vêm do nosso SENHOR Jesus Cristo, diante de Deus nosso Pai". Paulo escreve acerca da operosidade que resulta da fé, da abnegação que resulta do amor e da firmeza que resulta da esperança. Em síntese: fé, esperança e amor. Essas três virtudes são bases do cristianismo.

A igreja encontra melhores condições de ser relevante para a sociedade na medida em que ama e demonstra esse amor com ações de compaixão e graça.

A ponte da relevância pode ser construída quando a igreja entende o seu lugar no mundo e, particularmente, no lugar e na cultura onde foi plantada.

Silva lembra que "as igrejas precisam aceitar o desafio de compreender a cultura para a qual foram enviadas por Jesus". (SILVA apud STETZER; PUTMAN, 2018, p. 14). Essa compreensão permitirá construir pontes por meio de uma linguagem clara, inteligível, que lhes permita comunicar melhor o Evangelho.

¹ Informação coletada em aula no Southwestern Baptist Theological Seminary, em 2002.

Faz-se necessário ter sensibilidade para perceber que “não vivemos mais num mundo em que a cosmovisão cristã predomina e de que as pessoas às quais fomos enviados a comunicar o evangelho não trabalham com as mesmas categorias com as quais trabalhamos” (SILVA apud STETZER; PUTMAN, 2018, p. 14). Essa percepção leva a comunidade cristã a enfrentar o desafio de uma profunda mudança na forma de comunicar o evangelho. A mudança não atinge o conteúdo, a essência da mensagem, mas a forma pela qual ela deve ser comunicada, compreendendo e fazendo pontes com a cultura das pessoas que serão alvo dessa mensagem. Costa afirma que

o desafio da igreja hoje é interpretar o conteúdo de Jesus no contexto onde ela está. O foco é Jesus, e a “arena” onde falaremos de Jesus é o lugar onde Deus nos pôs. A igreja de Jesus deve conhecer Jesus, amar Jesus, viver Jesus e repartir Jesus em cada lugar que ocupa na sociedade, com o objetivo de transformar essa sociedade (COSTA, 2015, p. 17-18).

Nessa ‘arena’, que é o mundo, a igreja tem a missão de compartilhar o Evangelho (BÍBLIA, 2020) e o amor de Deus, tornando-se um local de abrigo. Jesus disse: “A que é comparável Reino de Deus? A que hei de comparar? Ele é comparável a um grão de mostarda que um homem toma e planta em seu jardim. Ele cresce e se torna uma árvore, e os pássaros do céu fazem os ninhos em seus ramos” (Lc 9,18). Essa simples parábola ensina que o reino de Deus é um lugar de refúgio. Da mesma forma as comunidades cristãs devem ser locais de refúgio para aqueles que sofrem, cumprindo a sua missão.

Do tempo do Novo Testamento ao tempo mais próximo de nossa missão, merece destaque o Pacto de Lausanne que foi escrito em 1974 como fruto do reconhecimento do distanciamento da igreja do seu propósito inicial.

Deus tem chamado do mundo um povo para si, enviando-o novamente ao mundo como seus servos e testemunhas, para estender o seu reino, edificar o corpo de Cristo, e também para a glória do seu nome. Confessamos, envergonhados, que muitas vezes negamos o nosso chamado e falhamos em nossa missão, em razão de nos termos conformado ao mundo ou nos termos isolado demasiadamente. Contudo, regozijamo-nos com o fato de que, mesmo transportado em vasos de barro, o evangelho continua sendo um tesouro precioso. À tarefa de tornar esse tesouro conhecido, no poder do Espírito Santo, desejamos dedicar-nos novamente (PACTO DE LAUSANNE, 2020).

Como consta no Pacto acima, a confissão de negação do chamado é fundamental para que a igreja volte ao seu propósito ou chamado original, na perspectiva daquilo para o qual fora edificada por Jesus, tornando-se uma igreja missional que, de acordo com Michael W. Goheen, é “uma igreja que entende que sua própria identidade e natureza são definidas pela história da Bíblia” (A IGREJA, 2017). A história da Bíblia define a identidade e a natureza da igreja a partir da sua missão. Segundo Goheen, em entrevista para *Ultimato*, o papel da Igreja

é ser uma testemunha da salvação cósmica do reino de Deus, que virá com a volta de Cristo. A igreja é uma amostra desse reino que há de vir e entende que sua própria natureza é ser missional, uma vez que aponta para esse mundo que há de vir pelo bem das nações. Uma igreja que entende que foi escolhida pelo bem do mundo. Ela existe para ser uma amostra do que há de vir pelo bem do mundo [...] (ULTIMATO, 2017).

Ao participar da missão de Deus no mundo, a igreja contribui para o bem do mundo, exercendo a sua influência como sal e luz, apontando para Cristo e os valores do seu reino.

A liderança cristã tem um papel fundamental nesse processo, tendo em vista que, desde o início do movimento cristão, sempre foi um fator determinante para levar as igrejas ao cumprimento da missão que Jesus lhes deixou.

Por isso, nesta pesquisa, procura-se responder à seguinte pergunta: quais são os fundamentos da liderança encontrados nas Escrituras, os quais ajudarão os líderes cristãos na formação de comunidades proféticas e missionais?

A presente pesquisa apresenta, primeiramente, alguns elementos do cenário atual. Em segundo lugar, revisita alguns personagens bíblicos reconhecidos pela tradição cristã como paradigmáticos, para, enfim, descrever os traços principais da liderança de Jesus, como cumprimento das Escrituras e inspiração para as lideranças das comunidades missionais, na perspectiva de responder aos desafios contemporâneos.

2 ASPECTOS DO CENÁRIO ATUAL

Se compreendemos que, “liderar é um processo de influência em que um ou vários indivíduos conduzem um grupo a um objetivo comum que atende a perspectivas multidimensionais (individual, grupal e organizacional)” (PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021), faz-se necessário refletir sobre o contexto em que ocorre esse processo de influência. Mais que fazer uma análise do contexto, esboçar-se-á alguns aspectos que permitem uma aproximação da realidade complexa perante a qual as lideranças são desafiadas a repensar seu papel.

2.1 O MUNDO VUCA

Para descrever a realidade da sociedade nessa imensa aldeia global, nos anos 1990, surgiu o termo VUCA, “utilizado inicialmente pelas unidades militares dos EUA para designar o novo contexto mundial” (CEARÁ, 2021), que seria firmado em quatro fatores principais: Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade. As iniciais dessas palavras em inglês (Volatility, Uncertainty, Complexity e Ambiguity) formam o nome VUCA. Trata-se de

um período de crescente avanço tecnológico, mas marcado simultaneamente pela instabilidade política, deterioração das condições ambientais e eventos globais que ceifam vidas, e impactam negativamente as economias e os negócios. Esse novo cenário tecnologicamente intenso, volátil, incerto, complexo e ambíguo é caracterizado como VUCA (PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021).

O campo empresarial tem recebido uma grande influência desses fatores. “No Mundo VUCA, uma companhia no outro lado do planeta ou um grupo de estudantes recém-formados em sua cidade podem até mesmo tornar o seu modelo de negócios inteiramente obsoleto em questão de meses” (CEARÁ, 2021). Essa situação pode produzir insegurança para algumas organizações e/ou para a sociedade em geral, ao mesmo tempo em que pode representar tremendas oportunidades de crescimento e desenvolvimento de processos, produtos e pessoas.

Os pilares do chamado mundo VUCA correspondem, de certa forma, àquilo que tem sido retratado como a era da modernidade líquida ou pós-modernidade.

Luiz Sayão (2018) afirma que, na pós-modernidade, é possível perceber “o movimento da cultura que rejeita os valores da modernidade e vê com desconfiança os princípios racionais supostamente universais, desenvolvidos na época do iluminismo”.

Bauman, um dos filósofos que procuraram descrever essa realidade como modernidade líquida, afirma que

os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas 'por um momento'. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas. [...] Essas são razões para considerar 'fluidez' ou 'liquidez' como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade (2001, p. 8-9).

De acordo com essa análise, percebe-se que os valores tidos como sólidos estão se derretendo, tornando-se líquidos que podem ser depositados em qualquer forma e tomar qualquer forma, caracterizando processos de mudança que ocorrem nas organizações, nas famílias e na sociedade em curto espaço de tempo.

A volatilidade encontrada no mundo VUCA refere-se à velocidade em que a 'fluidez' ou 'liquidez' acontece. Trata-se de um movimento acelerado em que

as coisas, produtos, serviços, marcas, empresas, mercados, ciência, tecnologia, medicina, condições, situações e contextos, vão evoluindo e se superando, mudando, aparecendo e desaparecendo, o tempo todo e cada vez mais rápido (RODRIGUES, 2018, p. 49),

Conseqüentemente, esse processo volátil exige que as decisões sejam tomadas num curto espaço de tempo.

Novas descobertas no campo da ciência e da tecnologia têm provocado grandes transformações na forma de viver em sociedade. Por exemplo, os aplicativos de celulares estão mudando a forma como as pessoas se deslocam de um lugar para outro, estacionam seus veículos, pagam suas contas, fazem suas compras... Algumas

profissões estão desaparecendo e outras se adaptando ou se reinventando para não desaparecerem. Fábricas trocam a mão de obra humana por robôs, diminuindo o número de colaboradores e aumentando a produção. O que mais assusta é a velocidade em que essas transformações estão ocorrendo.

No mundo empresarial “é a velocidade atordoante da circulação, da reciclagem, do envelhecimento, do entulho e da substituição que traz o lucro hoje – não a durabilidade e confiabilidade do produto” (CEARÁ, 2021).

Outro fator em destaque no mundo VUCA é a incerteza que, talvez possa ser considerada decorrente da volatilidade. As mudanças são realizadas a todo tempo, gerando incertezas e dificultando previsões sobre o que pode acontecer num curto espaço de tempo.

Portanto, a dificuldade está em “prever o que virá, de saber o que fazer ou dizer diante dos fatos, acontecimentos e eventos, e com os resultados e implicações que isso pode acarretar” (RODRIGUES, 2018, p. 49).

Bauman acredita que a volatilidade é resultado da “crescente convicção de que a mudança é a única coisa permanente e a incerteza a única certeza” (CEARÁ, 2021).

Essa incerteza, possivelmente, seja decorrente da complexidade do mundo pós-moderno. Para as organizações, refere-se à multiplicidade, diversidade e interconectividade de fatores que precisam ser considerados ao analisar os ambientes e tomar decisões. “Quanto mais complexo o ambiente, mais difícil de analisá-lo” (PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021). A complexidade pode ser

representada pelos impactos e efeitos da presença de variáveis interdependentes e da multiplicidade de elementos para a tomada de decisão. A vida das pessoas e a esfera dos negócios estão muito mais confusos, caóticos, entrelaçados e emaranhados por múltiplos elementos. Os critérios utilizados para as escolhas são menos óbvios e alterar o estado de uma variável envolvida, pode afetar e alterar o equilíbrio de todo um sistema (RODRIGUES, 2018, p. 49).

Em certo sentido, “por todas as características anteriores, o Mundo VUCA é inerentemente ambíguo” (CEARÁ, 2021). Observa-se que a ambiguidade está relacionada à “falta de clareza e dificuldade de entender exatamente o que a situação está resultando em uma obscuridade da realidade. Quanto mais ambíguo é o ambiente, mais difícil é interpretar” (BENNET; LEMOINE; JOHANSEN apud PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021).

A ambiguidade está

ligada a dilemas e às dúvidas causados pela multiplicidade de possibilidades de interpretação de acontecimentos, fatos, dados e informações. Essa indefinição da compreensão da realidade que aumenta as chances de enganos, erros de leitura de sinais e interpretação de significados. E que pode causar confusão nas análises das relações de causa-e-efeito (RODRIGUES, 2018, p. 49).

Quanto mais ambíguo o ambiente, mais difícil se torna a interpretação e a tomada de decisão. “Em diversas situações, não haverá uma resposta ideal, apenas um jogo de ganhos e renúncias, onde o certo para determinado grupo será visto como errado por outro, e você terá de fazer uma escolha” (CEARÁ, 2021).

O mundo VUCA exige que as organizações “sejam ágeis, capazes de fazer coisas de maneiras diferentes e rápidas em resposta à mudança”, o que implica em adotar e melhorar a capacidade de aprender (HORNEY; PASMORE; O’SHEA, 2010 apud PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021). O conhecimento em si “se tornou transitório devido à rapidez de mudança” (HALL; ROWLAND apud PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021).

Procurar discernir esse cenário e suas implicações, torna-se uma necessidade constante para as organizações, bem como toda a sociedade na busca de respostas e posturas para lidar com um mundo cada vez mais desafiador.

2.2 AS COMUNIDADES CRISTÃS

As comunidades cristãs não apenas estão inseridas em contextos específicos, no tempo e no espaço, mas elas consideram o mundo como o lugar da manifestação de Deus. E, certamente, o cenário atual afeta o desenvolvimento das organizações religiosas e das comunidades cristãs. Como postula o pensamento pós-moderno, estamos referidos “não à verdade absoluta, e sim às verdades relacionadas. Não existe uma razão suprema, mas sim razões existentes. Não há um conhecimento universal e objetivo, e sim uma representação de todas as coisas em relação às outras” (COSTA, 2015, p. 20).

Esses aspectos da pós-modernidade têm atingido os cristãos em todos os ambientes, começando em suas famílias, trazendo importantes consequências para as comunidades cristãs, especialmente com respeito aos valores absolutos apresentados pelas Escrituras.

Existe uma cultura sem absolutos que se instala discretamente. Existe uma pregação velada ao pluralismo de ideias, crenças e valores. Predomina a relativização das coisas (tudo é relativo, inclusive Deus, dependendo do ponto de vista em questão). Negação da culpa e da responsabilidade pessoais (COSTA, 2015, p. 20).

Além desse contexto geral contemporâneo, nos últimos dois anos, muitas comunidades foram afetadas diretamente pela pandemia da Covid-19, não somente por causa de muitas perdas por falecimento, mas também pelo afastamento causado pelo medo de saírem do isolamento social e retornarem à comunhão. Mesmo quem conseguiu superar a pandemia sem maiores perdas tiveram que fazer uma revisão na sua forma de ser e cumprir a sua missão, buscando manter os seus valores e reinterpretando o sentido das Escrituras.

Vale destacar que antes da pandemia já era possível constatar um processo de enfraquecimento do cristianismo em várias partes do mundo. A pandemia, portanto, não é a primeira razão, mas, possivelmente, o fator que agravou a situação que algumas comunidades cristãs já vinham enfrentando, em diferentes regiões do mundo.

Ao visitar as sete igrejas da Ásia Menor, conhecidas como as sete igrejas do Apocalipse, Hernandes Dias Lopes relata:

Chorei copiosamente sobre os escombros e ruínas daquelas igrejas. Elas estão literalmente mortas. Restam apenas ruínas de um passado glorioso que foi. As glórias daquele tempo distante estão cobertas de poeira e sepultadas debaixo de pesadas pedras. Hoje, nessa mesma região, há menos de 1% de cristãos (2013, p. 9).

Algumas metáforas fortes indicam a crise grave das comunidades cristãs: alguns falam de morte, outros falam de erosão e ainda há quem compare com uma árvore ou concreto que vai corroendo.

Swindoll descreve esse processo como uma erosão que aos poucos atinge a igreja e a destrói, talvez, de uma forma semelhante aos cupins que são capazes de corroer árvores e concretos. Quando menos se espera, a árvore ou a parede cai.

Ele relata a experiência de um amigo que visitou uma antiga igreja fundada por uma denominação tradicional e conservadora, repleta de pessoas que amavam a Deus e à sua Palavra, a ponto de proclamá-la com suas palavras e, principalmente, com o seu estilo de vida. Sem a mera intenção de organizar uma denominação, seu

modo de viver permitiu o início de um movimento que alcançou a Inglaterra e os Estados Unidos.

Entretanto, com o passar dos anos, aconteceu aquilo que Swindoll chama de “uma erosão vagarosa, silenciosa e sutil”. Com o passar do tempo, essa denominação não conseguiu reter as suas convicções originais, ou sequer se lembrar delas (SWINDOLL, 2012, p. 19).

Essa morte, erosão ou corrosão tem alcançado o movimento cristão em muitos lugares do mundo. É possível ver os seus efeitos na teologia e na vida de muitas comunidades.

Ao escrever o prefácio do livro *Desvendando o Código Missional*, de autoria de Ed Stetzer e David Putman, Silva afirma que “mais do que entender por que as igrejas estão morrendo (ou meramente sobrevivendo), precisamos pensar no que Jesus nos chama a fazer na história” (SILVA apud STETZER; PUTMAN, 2018, p. 14), para que não haja um distanciamento do propósito original de Jesus ao edificar a sua igreja.

Bosch, no seu clássico *Missão Transformadora*, apresenta alguns fatores que, determinaram a crise atual, no que diz respeito às comunidades, teologia e missão cristãs.

Primeiramente, ele destaca que “o avanço da ciência e tecnologia e, junto com elas, o processo mundial de secularização, parecem ter tornado redundante a fé em Deus; por que voltar-se à religião, se nós mesmos temos formas e meios de lidar com as exigências da vida moderna?” (BOSCH, 2002, p. 19).

Os avanços da ciência, propiciando o aumento da expectativa de vida, podem levar as pessoas a se tornarem cada vez mais autossuficientes e avessas à religião.

Inserida nesse contexto, a igreja não poderia deixar de sofrer com os efeitos dessa incerteza do mundo VUCA ou da ‘liquidez’ apresentada por Bauman que gera o relativismo ético.

Os relativistas éticos veem os padrões morais como culturalmente relativos; a ética situacional rejeita regras morais universalmente obrigatórias em favor de decisões dependentes de seus contextos peculiares. Os relativistas religiosos veem diferentes crenças e práticas religiosas como produtos legítimos de diferentes contextos históricos e culturais (HOLMES, 2016, p. 754).

Costa também destaca que a secularização, é um “processo por meio do qual a religião pode chegar a perder sua influência sobre as diversas esferas da vida em sociedade”, podendo afetar profundamente a realidade das igrejas, como acontece, especialmente, na Europa. “Pessoas secularizadas não fazem a mínima questão de ter uma religião; muito menos de entender e propagar a mensagem de Jesus.” (COSTA, 2015, p. 21).

Nesse contexto, também é possível perceber uma crescente aversão à igreja constituída ou institucional, notadamente pelas novas gerações. Silva, destaca que, na atualidade, existe um

sentimento paradoxal de interesse pela espiritualidade cristã, mas de aversão para com a religiosidade. [...] As pessoas demonstram gostar de Jesus e seus ensinamentos, mas não da igreja que se diz sua seguidora. Elas se interessam em assumir um estilo de vida como discípulo de Jesus, mas hesitam diante da ideia de se tornarem membros de uma organização religiosa chamada igreja, seja qual for a bandeira que represente (2007, p. 13).

Essa realidade demonstra que, na igreja, o organismo deve ser mais importante que a organização; os processos e, principalmente, as pessoas, devem ser mais importantes que as estruturas. De outra forma, ela propicia o surgimento desse sentimento paradoxal que demonstra interesse por Jesus, mas repele a sua própria igreja.

O segundo fator apresentado por Bosch diz respeito à “realidade de que o Ocidente – tradicionalmente não só o lar do cristianismo católico e protestante, mas também a base de todo o moderno empreendimento missionário – está, lenta, porém firmemente, sendo descristianizado” (2002, p. 19).

Na Europa, berço do cristianismo, é possível encontrar a triste realidade de templos de igrejas sendo transformados em boates, museus, restaurantes ou livrarias. Além desse aspecto visível, não é difícil constatar uma diminuição das referências religiosas na cultura, bem como do papel dos líderes religiosos no cotidiano das pessoas, nos momentos decisivos da vida ou na busca de sentido.

Dados divulgados recentemente, mostram que os cristãos não são mais maioria na Inglaterra e no País de Gales. De acordo com uma publicação do Jornal Valor Econômico no dia 29 de novembro de 2022, “pela primeira vez na história, menos de 50% dos cidadãos da Inglaterra e do País de Gales se declaram cristãos. Os dados do novo censo [...] mostram que 46,2% disseram ser cristãos em 2021 -

eram 59,3% em 2011. O segundo maior grupo, com 37,2%, diz não ter nenhuma religião. Há dez anos, eles representavam um quarto da população. O número de pessoas que se identificam como muçulmanas subiu de 4,9% para 6,5%. Os hindus aumentaram de 1,5% para 1,7%” (VALOR ECONÔMICO, 2022).

Silva destaca ainda que um dos maiores desafios enfrentados pelas comunidades cristãs na atualidade é a redescoberta de seu caráter missional no contexto de uma sociedade que se torna aceleradamente pós-cristã (STETZER; PUTMAN, 2018).

Bosch ainda afirma que o mundo já não pode ser dividido em territórios “cristãos” e “não-cristãos” separados por oceanos. Por causa da descristianização do Ocidente e das múltiplas migrações de pessoas de muitas religiões, o mundo de hoje é pluralista em termos religiosos (BOSCH, 2002, p. 19).

Se, algum tempo atrás, havia uma concentração de muçulmanos nos países árabes e cristãos, nos países ocidentais, hoje, os muçulmanos migraram para a Europa e as Américas. Por isso, não é possível determinar, geograficamente, a realidade religiosa dos povos dessas regiões.

Com a crise migratória, bairros com grande concentração de muçulmanos são encontrados atualmente em Londres, Paris e muitas outras cidades que, anteriormente, abrigavam, em sua maioria, cristãos.

Ainda segundo Bosch, “por causa da sua cumplicidade na subjugação e exploração de povos de cor, o Ocidente – e também os cristãos ocidentais – tende a sofrer de um sentimento agudo de culpa” (2002, p. 19). Infelizmente, não é possível voltar no tempo e mudar a história que narra a verdade dos fatos. Para sua tristeza e vergonha, grupos de cristãos estiveram unidos nesse processo de exploração e subjugação de povos, especialmente, africanos, na América do Sul, América Central e América do Norte.

Para Bosch “mais do que nunca antes, estamos hoje conscientes do fato de que o mundo está dividido – de modo aparentemente irreversível – entre os ricos e os pobres e de que, em geral, os ricos são aqueles que se consideram (ou são considerados pelos pobres) cristãos” (2002, p. 19).

Por último, Bosch acrescenta:

durante séculos, a teologia ocidental e as formas e práticas eclesiais ocidentais foram normativas e incontestes, também nos “campos de missão”. Hoje a situação é fundamentalmente distinta. As igrejas jovens recusam-se a

se submeter a ditames e estão valorizando muito sua “autonomia”. Além disso, a teologia ocidental atualmente é suspeita em muitas partes do mundo. Ela é muitas vezes tida como irrelevante, especulativa e produto de instituições que vivem numa torre de marfim (2002, p. 19).

A irrelevância é fruto da falta de conexão com a realidade. De um lado, é possível encontrar uma instituição que segue a sua teologia e as suas práticas sem se importar com quem está ao seu lado em grande sofrimento. De outro lado, no Brasil e muitas partes do mundo, tem surgido um número expressivo de igrejas jovens focadas na missão de Deus no mundo.

A esses fatores apresentados por Bosch, pode-se acrescentar a crise de liderança. Possivelmente, um dos melhores termômetros para medir a ‘saúde’ das comunidades cristãs é o quanto elas estão investindo na formação de líderes da nova geração. Caso não haja um investimento intenso e intencional na formação de novos líderes, cedo haverá a falta de ‘peças’ de reposição, comprometendo o futuro das comunidades cristãs. Essa realidade pode ser constatada com o esvaziamento dos seminários e escolas de formação teológica.

A crise nas comunidades cristãs na atualidade pode ter a sua origem na crise de liderança. Hernandes Dias Lopes afirma que, “embora estejamos assistindo a uma explosão de crescimento da igreja evangélica brasileira, não temos visto a correspondente transformação na sociedade” (2013, p. 31).

Nos tempos de Jesus e dos apóstolos, onde o evangelho era proclamado, provocava transformação nas pessoas, famílias, cidades e cenários. Espera-se que o mesmo evangelho pregado atualmente produza transformação nas pessoas e, conseqüentemente, na sociedade.

Ao escrever o prefácio do livro de Augustus Nicodemus Lopes, *O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro*, Paulo Romeiro alerta:

não é preciso grande dose de perspicácia para constatar que, nas últimas décadas, muitos evangélicos se distanciaram dos postulados da Reforma Protestante. Não há preocupação com interpretar corretamente o texto bíblico, com os parâmetros da hermenêutica e com a ética cristã. Os escândalos se multiplicam e a credibilidade da Igreja Brasileira esmorece cada vez mais. Há pouco interesse pela educação teológica. Assim, a Igreja Evangélica no Brasil não consegue mais ser sal da terra nem luz do mundo. É muito mais influenciada do que influencia. Os prejuízos têm sido enormes para a evangelização e para o crescimento espiritual dos fiéis (ROMEIRO apud LOPES, 2008, p. 7).

Diante desse cenário tão complexo e fragmentado, portanto, resta-nos perguntar pelo papel da liderança, não apenas impactado e questionado pelas mudanças rápidas, mas também como responsáveis pela interpretação dos sinais dos tempos em vista de um melhor alinhamento de estratégias de organização e animação das comunidades, dentro de uma visão mais missional e profética.

2.3 O PAPEL DA LIDERANÇA

O cenário atual representa, portanto, um grande desafio para os líderes em todos os ambientes, quer seja político, governamental, acadêmico, profissional, eclesial e até familiar. Como afirma Carnegie (2022), “líderes à moda antiga não têm chances de sobreviver no mundo atual”. Ele ainda destaca que

as pessoas não estão mais dispostas a aceitar um líder que imponha um ambiente com muita tensão e estresse elevado. Mas há outro motivo pelo qual os líderes à moda antiga já não conseguem sobreviver nos dias de hoje – e não tem nada a ver com a pressão que exercem sobre seus subordinados. Tem a ver, sim, com a pressão que exercem sobre si mesmos em um mundo em rápida transformação, complexo e até mesmo caótico. Não há nada de positivo em alegar que você sabe todas as respostas; mesmo que consiga levar outras pessoas a acreditarem no que diz, não será possível enganar a si mesmo, e viver uma mentira pode ser muito cansativo (CARNEGIE, 2022).

Sabemos, porém, que desafios novos também podem indicar novas possibilidades, não somente de adaptações, mas até de verdadeiras reinvenções do modo de viver e de liderar.

De acordo com Magaldi, John Chambers, um dos líderes mais bem-sucedidos do mundo contemporâneo dos negócios, muito cultuado no Vale do Silício, meca do empreendedorismo e da inovação nos Estados Unidos, afirmou:

Há uma década ou duas, o CEO podia ficar em sua sala com planilhas e trabalhar na estratégia. Hoje, se você não sair para escutar o mercado e compreender suas transições, não vai entender que precisa se reinventar constantemente a cada três ou cinco anos para poder sobreviver como CEO”. O modelo atual de liderança foi forjado em um mundo que não existe mais. Suas bases remontam há mais de um século, tendo como origem a Primeira Revolução Industrial. É evidente que ao longo dos anos emergiram novos conceitos, interpretações e contribuições valiosas não só sobre a prática da liderança, mas, principalmente, a respeito do papel do líder e suas atribuições. No entanto, estamos diante de um novo mundo que demanda um novo pensamento sobre liderança. O maior desafio do líder atual é adaptar a

sua empresa a esse novo ambiente. E, para que a adaptação tenha êxito, ele próprio deve se reinventar (CHAMBERS apud MAGALDI, 2022, p. 82).

O mundo está repleto de empresas e organizações, inclusive eclesiais que, simplesmente, deixaram de existir porque não se adaptaram às mudanças do seu tempo. Da mesma forma, é possível que os líderes fiquem para trás e se percam em seus próprios caminhos, tentando manter as coisas como sempre foram, ao invés de procurarem se reinventar para atenderem às demandas provocadas pelas transformações que ocorrem no mundo.

O grande desafio para os líderes e as organizações ao se reinventarem, é preservar ou manter os seus valores fundamentais. Nesse processo de mudança, poderão encontrar novas formas de operar, mantendo a essência daquilo que sempre foram.

No caso das comunidades cristãs, o desafio é preservar o conteúdo, a essência do evangelho de Jesus, atentando para a realidade deste tempo, procurando sempre formas mais eficazes, eficientes e efetivas para compartilhar a palavra de Deus com o maior número possível de pessoas.

“Definitivamente temos um mundo novo e precisamos de uma nova igreja para ele. Na verdade, a nova igreja é um retorno ao evangelho de Jesus, no qual Ele é o foco e o centro das atenções. Não precisamos inventar ou reinventar a igreja” (COSTA, 2015, p. 20).

Certamente, é necessário encontrar outras formas de compartilhar o evangelho, levando “a essência de Jesus até as pessoas e, dessa forma, nutrir uma igreja que seja relevante e abençoadora na pós-modernidade ainda que confrontadora em muitos aspectos” (COSTA, 2015, p. 20).

No Sermão da Montanha (BÍBLIA, 2020), por exemplo, Jesus comparou os seus discípulos ao sal (Mt 5,13), o qual, especialmente no contexto do primeiro século, era usado para preservar os alimentos, adiando a sua deterioração.

As comunidades cristãs e as organizações devem preservar os seus valores, mas precisam sempre buscar novas formas de compartilhá-los.

Maxwell lembra que a “liderança lida com pessoas e suas dinâmicas, as quais estão em constante mudança. Nunca são estáticas. O desafio da liderança é criar mudança e facilitar o crescimento. Isso exige movimento” (2015, p. 168).

James Hunter, no seu clássico *O Monge e o Executivo*, afirma: “um líder é alguém que identifica e satisfaz as necessidades legítimas de seus liderados e remove

todas as barreiras para que possam servir ao cliente” (2004, p. 33). Bizzo acrescenta: “a liderança pode ser considerada como um processo de influência através da qual um indivíduo ou grupo é orientado para o estabelecimento e atingimento de metas. Portanto liderança é uma relação entre pessoas através da influência e do poder” (2021, p. 9).

Ao refletir sobre essas teorias, é possível entender a liderança como o processo de influência exercido pelo líder, especialmente, quando serve os seus liderados.

Maxwell (2015, p. 168) pensa ser a liderança “ um processo, não uma posição”, à qual os líderes devem se apegar e defender. Em seu clássico *Os Cinco Níveis da Liderança*, ele afirma:

a posição é o nível de liderança mais baixo; é nível de entrada. A única influência que o líder posicional tem é a que vem com o título do cargo de trabalho. As pessoas seguem porque têm de seguir. A liderança posicional baseia-se nos direitos ganhos pela posição e título. Não há nada de errado em ter uma posição de liderança. Mas tudo está errado em usar a posição para fazer as pessoas seguirem você. A posição é substituta ineficiente para a influência. Pessoas que chegam apenas ao nível 1 podem ser chefes, mas nunca são líderes. Têm subordinados, não membros de equipe (MAXWELL, 2015, p. 202).

De acordo com Maxwell (2015, p. 213), o nível seguinte ao da posição é o da permissão, no qual as pessoas seguem os líderes porque querem. “Quando você gosta das pessoas e as trata como indivíduos que têm valor, você começa a desenvolver influência sobre elas. Você desenvolve confiança. O ambiente torna-se muito mais positivo, quer seja em casa, no trabalho, no lazer ou no voluntariado”. O objetivo para os líderes desse nível não é manter a posição que conquistaram, mas conhecer as pessoas que lidera, construindo relações sólidas e duradouras. “Você pode gostar das pessoas sem liderá-las, mas não pode liderar pessoas sem gostar delas”.

O terceiro nível é o da produção e diz respeito aos líderes que fazem acontecer e, por isso, conquistam

influência e credibilidade e as pessoas passam a segui-los por causa do que eles fazem. Nesse nível, os líderes tornam-se agentes de mudança. Podem resolver problemas difíceis e enfrentar questões espinhosas. Podem tomar as decisões difíceis que farão a diferença. Podem levar seus liderados a outro nível de eficácia (MAXWELL, 2015, p. 229).

O nível 4 é o da reprodução. Nesse nível, os líderes “usam a posição, relações e produtividade para investir em seus seguidores e desenvolvê-los até que esses seguidores se tornem líderes por conta própria” (MAXWELL, 2015, p. 229). A consequência desse investimento é que os líderes se reproduzem em outros.

O nível de liderança mais elevado e, certamente, o mais difícil de ser alcançado de acordo com Maxwell é o que ele chama de pináculo.

Ainda que a maioria das pessoas aprenda a subir os níveis 1 ao 4, o nível 5 exige não só esforço, habilidade e intencionalidade, mas também elevado nível de talento. Apenas os líderes naturalmente talentosos chegam a esse nível mais elevado. O que fazem os líderes de nível 5? Desenvolvem pessoas para tornarem-se líderes de nível 4. Se as pessoas são respeitadas, agradáveis e produtivas, podem estabelecer um grau de influência sobre os outros e ganhar seguidores com relativa facilidade. Desenvolver seguidores para liderarem por conta própria é difícil. Muitos líderes não conseguem, porque exige muito mais trabalho do que meramente liderar seguidores. No entanto, desenvolver líderes ao ponto em que possam e queiram desenvolver outros líderes é a tarefa de liderança mais difícil para a maioria (MAXWELL, 2015, p. 244).

Os líderes que alcançam esse nível de liderança “criam oportunidades que outros líderes não criam. Geram legados no que fazem. As pessoas os seguem por causa de quem são e do que representam. Em outras palavras, essa liderança ganha uma reputação positiva” (MAXWELL, 2015, p. 244).

Os estilos de liderança têm sido abordados sob o enfoque do comportamento do líder e têm sido classificados como liderança autocrática, liberal e democrática. Eles

variam de grupo para grupo e de situação para situação. Quando um grupo tem dificuldade em se orientar ou precisar seus objetivos e alvos, é uma direção forte e direta que traz bons resultados. Quando o grupo funciona bem entrosado e tem uma objetividade clara, o estilo de liderança democrata – mais indireta – é o indicado, o mais eficaz. Às vezes os grupos precisam de reorientação. Outras vezes, de estímulo (D’SOUZA, 1987, p. 35).

Isso significa que não existe um estilo de liderança que seja certo ou errado. Cada líder deve interpretar o contexto e procurar desenvolver o estilo que melhor atende às suas necessidades. Entretanto, o cenário atual exige que os líderes desenvolvam competências específicas para enfrentarem os desafios que se apresentam.

Pereira, Lacerda e Cunha citam Fleury e Amaro. Para eles

as competências se caracterizam como um conjunto de saberes em ação, que geram valor social para os indivíduos e valor econômico para as organizações (Fleury, Fleury, 2001), ou como um cluster de atributos individuais que afetam o desempenho do papel profissional a partir daquilo que os indivíduos entregam à organização (AMARO; FLEURY apud PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021).

Esses autores destacam sete competências fundamentais para o contexto atual de volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade.

A primeira competência é agilidade, relacionada à capacidade para solucionar e corrigir ações, rumos, planos e estratégias de forma rápida. Essa competência é complementada pela capacidade de antecipação, especialmente, por conta da ambiguidade encontrada no contexto atual.

Ou como Schoemaker *et. al.* (2018) esclarecem, antecipar é ir além do que aparece diretamente à frente do líder, observando com uma visão periférica os sinais ambíguos que ocorrem ao seu redor. Enfim, a agilidade é requerida em desafios que podem ser instáveis, inesperados ou com duração desconhecida, o que exige respostas imediatas por parte da liderança (SCHOEMAKER apud PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021).

Além de agilidade, o contexto atual exige alinhamento da equipe de trabalho por meio da confiança, lealdade, boas práticas e comunicação, que é a capacidade de promover um diálogo aberto (PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021).

A terceira competência está relacionada à capacidade de aprender, tendo em vista que o exercício da liderança é um processo contínuo de aprendizado. O líder está sempre aprendendo, quer seja por meio de treinamentos específicos ou pela própria experiência.

Riggio, citado por Pereira, Lacerda e Cunha, afirma que “o líder sábio aceita isso e passa pelo processo às vezes doloroso do seu desenvolvimento pessoal” (RIGGIO apud PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021). Trata-se de um processo difícil, especialmente, ao ser confrontado ou confrontar a si mesmo, procurando aplicar as lições aprendidas.

Além de desenvolver a capacidade de aprender, o líder precisa desenvolver a capacidade de decidir. Essa competência é extremamente exigida num contexto complexo, repleto de incertezas, quando o tempo para tomar decisões é curto e não há informações suficientes para resolver os problemas. Situações como essa exigem coragem. Carnegie oferece os seguintes conselhos para tomadas de decisões:

Como líder, espera-se que você tome decisões difíceis quando os outros se esquivam delas. Quer isso signifique dispensar alguém, quer signifique fazer mudanças drásticas que afetem sua empresa, é você quem deverá seguir em frente. Um líder indeciso muitas vezes não consegue fazer as coisas, e seus liderados tendem a se aproveitar dele. Seja firme quando a situação exigir e mantenha suas decisões (CARNEGIE, 2022, p. 272).

D'Souza cita algumas palavras de Peter Drucker, especialista em gerência e liderança que, embora tenham sido proferidas em 1978, podem ser aplicadas ao contexto atual:

É a coragem, mais do que a análise, que determina as regras verdadeiramente importantes para identificar as prioridades. Veja o futuro em contraposição ao passado; focalize a oportunidade, mais do que o problema; escolha sua própria direção – em vez de seguir a dos outros; e aponte alto, aponte para alguma coisa que faça diferença, em vez de escolher algo que seja 'seguro' e 'fácil de fazer' (D'SOUZA, 1987, p. 19).

Provavelmente, o mais seguro ou mais fácil de fazer é aquilo que as pessoas querem que o líder faça. As decisões difíceis são aquelas que envolvem riscos e precisam ser tomadas independente do aplauso ou aprovação das pessoas.

A capacidade de aprender e a capacidade de decidir somam-se à capacidade de inovar. Essa capacidade “traz um diferencial para enfrentar o desconhecido [...]”, exigindo “[...] que os líderes tratem dessa competência não como uma atividade pontual, mas como um modo de vida na administração atual” (PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021).

A sexta competência, a resiliência, fornece condições de lidar com todos os elementos do mundo VUCA, pois é “a capacidade de seguir adiante mesmo com a iminência de falha diante dos desafios” (PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021).

Nos dias atuais, têm surgido muitas teorias a respeito dessa competência. Coutu afirma que, pessoas resilientes, apresentam três características: “uma aceitação ferrenha da realidade; uma crença profunda, com frequência baseada em valores enraizados, de que a vida tem sentido; e uma capacidade excepcional de improvisar” (2020, p. 11). Essas qualidades também podem ser aplicadas às organizações.

A sétima e última competência é o autoconhecimento, incluindo

a capacidade de não ter dúvida de quem se é. Ou seja, ter um senso forte de identidade que nenhuma circunstância, nem mesmo as apresentadas pelo

mundo VUCA, conseguem abalar. E constituindo este senso de si mesmo está um profundo senso de propósito, o qual está ligado à visão de futuro (PEREIRA; LACERDA; CUNHA, 2021).

O autoconhecimento pode estar relacionado à sabedoria, individual ou coletiva, sendo a atenção plena, um caminho para acessar ambos: o autoconhecimento e a sabedoria.

O cenário do mundo atual, portanto, tem se refletido na sociedade, nas famílias, nas organizações e nas comunidades cristãs, exigindo que os líderes deste tempo questionem sua maneira de atuar e desenvolvam as qualidades, estilos e competências necessárias não somente para enfrentar os seus desafios, mas também para descobrir as oportunidades de mudança e crescimento. Por trás de uma crise pode haver uma grande oportunidade, a qual será bem aproveitada se houver disposição de aprender, inovar e reinventar produtos, processos, organizações e, sobretudo, a si mesmos.

Mas, se tudo muda e cada vez com maior rapidez, como as Escrituras antigas podem ainda servir de fonte ou referência? Será que os líderes bíblicos ficaram no passado ou poderiam inspirar a liderança em nossas comunidades contemporâneas? Seja como for não se pode fazer teologia cristã sem visitar os textos bíblicos ou, como os discípulos de Emaús, colocar-se no caminho, à escuta de Jesus, intérprete e cumprimento das Escrituras, portanto nosso referencial de liderança.

3 MODELOS DE LIDERANÇA SEGUNDO AS ESCRITURAS

Além das competências relacionadas no capítulo anterior, especialmente, para as comunidades cristãs, faz-se necessário realizar uma releitura das Escrituras, com o propósito de, por um lado, inspirar-se nos grandes líderes bíblicos conforme a sabedoria dos povos, mas, por outro lado, relacioná-los com o grande líder Jesus em vista de uma resposta aos desafios atuais e, dessa forma, identificar fundamentos da liderança cristã.

As Escrituras apresentam diversos exemplos de líderes que se destacaram na história do povo de Deus, inventário tão rico e inesgotável que não teríamos como apresentar todos. Tendo em vista as limitações de um trabalho deste tipo e o objetivo de nossa pesquisa, foi necessário fazer uma seleção de alguns desses líderes do Antigo e Novo Testamentos como exemplos de liderança, sem esgotar as possibilidades. Arriscamos escolher alguns, tendo como critério a sua importância reconhecida ou o seu paradigma para a própria missão de Jesus.

Se, por um lado, a revitalização das comunidades cristãs passa pelo questionamento e renovação da liderança pastoral, por outro lado, os líderes contemporâneos precisam, constantemente, voltar às Escrituras para reinterpretar sua missão, aprendendo com a experiência dos líderes do povo de Deus, apesar do tempo e da distância.

Foram escolhidos, a título de exemplos, apenas quatro personagens bíblicos reconhecidos na tradição bíblica, em função das limitações de tempo e espaço. Esses personagens estão entre os mais destacados na liderança do povo de Deus em momentos diferentes da história: Moisés, o libertador, que liderou o povo de Israel desde a sua saída do Egito até a entrada da terra de Canaã, entregando a lei que serviria para distinguir Israel dos demais povos da Palestina; Davi, o maior rei da história, que serviu de paradigma para os demais reis de Israel; Elias, o grande profeta que marcou a história do profetismo em Israel, e João Batista, enviado por Deus para preparar o caminho para o Messias, tornando-se a primeira voz profética do Novo Testamento. Esses líderes, apesar das suas limitações, prepararam o caminho para a maior referência de liderança da tradição cristã: Jesus, o Filho de Deus.

3.1 MOISÉS, O LÍDER LIBERTADOR

Moisés foi reconhecido como o maior líder do povo de Israel. Descendente da tribo de Levi, nasceu num tempo em que o povo de Israel sofria grande opressão no Egito. E sua liderança configurou-se nesse contexto de clamor do povo por libertação. Seu papel será definido, portanto, pela necessidade concreta daqueles que esperavam em Deus, mas também pelo seu pertencimento e identificação com o povo, assim como pela escuta de um duplo apelo, de Deus e do seu povo.

“Os filhos de Israel frutificaram, aumentaram muito e se multiplicaram, tornando-se cada vez mais fortes: a terra estava ficando repleta deles. Então um novo rei, que não havia conhecido José, levantou-se sobre o Egito” (Ex 1,7-8). Esse novo Faraó do Egito também não conhecia os benefícios que José fizera ao povo egípcio. Por isso, sentindo-se ameaçado pelo crescimento numérico dos descendentes de Jacó, resolveu subjugar-los (BÍBLIA, 2020).

O povo de Israel foi forçado a construir as cidades-celeiros ou entrepostos de Pitom e Ramessés (Ex 1,11). “A primeira fica em Tell er-Retâbeh, a oeste do Lago Timsâh, no nordeste do Egito. A última não é senão Avaris, antiga capital dos hicsos, reconstruída e novamente capital sob Setos I e Ramsés II e chamada por este último ‘A casa de Ramsés’” (BRIGTH, 2004, p. 198).

Os egípcios dominaram os filhos de Israel com uma tremenda brutalidade, impondo uma dura servidão. Brighth destaca que

embora não haja nenhum testemunho direto nas narrações egípcias da presença de Israel no Egito, a tradição bíblica exige uma fé a priori: nenhum povo poderia inventar uma tradição desta espécie! Não se trata de nenhum episódio épico e heróico de migração, mas da recordação de uma servidão vergonhosa da qual somente o poder de Deus poderia livrar (2004, p.198).

Como forma de conter a multiplicação do povo de Israel, o rei do Egito ordenou às parteiras que matassem os meninos e deixassem viver as meninas que nascessem. Moisés nasceu nesse contexto e foi escondido por sua mãe durante três meses.

Não conseguindo escondê-lo por mais tempo, arranhou-lhe uma arquinha feita de papiro, revestiu-a com betume e piche, nela pôs o menino e a levou para o meio dos juncos à beira do Rio. A irmã do menino ficou a distância para ver o que ia lhe acontecer. Ora, a filha do Faraó desceu para se lavar no Rio, enquanto suas acompanhantes andavam pela margem. Vendo a arquinha

entre os juncos, mandou que sua criada a apanhasse. Abriu-a e viu a criança: era um menino chorando. Teve piedade dele e disse: 'É uma criança dos Hebreus'. A irmã dele disse à filha do Faraó: 'Queres que eu vá chamar uma ama de leite entre as mulheres dos hebreus? Ela poderia amamentar o menino para ti. 'Vai', disse-lhe a filha do Faraó. E a jovem chamou a mãe do menino. 'Toma essa criança e amamenta-a para mim,' - disse-lhe a filha do Faraó - 'eu te darei salário'. A mãe tomou o menino e amamentou. O menino cresceu e ela, então, o levou para a filha do Faraó. Ele se tornou um filho para ela, que se deu o nome de Moisés, pois dizia: 'Eu tirei das águas' (Ex 2.2-10).

Esse menino cresceu no palácio de Faraó, cercado por tudo que havia de melhor no Egito, um país bem desenvolvido para a sua época.

A Bíblia (2020) refere-se a Moisés como um servo de Deus (Ex 14,31), o que significa que ele serviu ao propósito de Deus: libertar o seu povo do sofrimento do Egito. Entretanto, para tornar-se um servo, Moisés precisou despir-se da condição de príncipe. "Ele era filho adotivo da princesa do Egito. Cresceu em meio ao luxo do palácio e foi educado na ciência do Egito, convivendo com o poder e a riqueza daquela grande civilização" (PIRAGINE JÚNIOR, 2021, p. 46).

Estêvão refere-se a ele da seguinte maneira: "Moisés foi iniciado em toda sabedoria dos egípcios, e era poderoso em palavras e em ações" (At 7,22).

De acordo com Schultz,

Durante o período do Novo Reino, grandes instalações educacionais da corte egípcia foram usadas para treinar os herdeiros reais de príncipes tributários. Embora mantidos como reféns, para assegurar o recebimento de impostos, eram muito bem tratados naquela prisão principesca. Se falecia algum príncipe distante, um filho seu, que fora treinado na cultura egípcia, era nomeado para ocupar o trono vago, na esperança de que se mostraria leal vassalo de Faraó. É altamente provável que Moisés tivesse recebido seu treinamento egípcio na companhia de herdeiros reais da Síria e de outras terras (2009, p. 68).

Já crescido, Moisés resolveu visitar o seu povo. Vendo um egípcio espancando um hebreu, olhou para os lados e, vendo que não havia mais alguém por ali, matou o egípcio e escondeu o corpo dele (Ex 2,11-12). No dia seguinte, percebendo que a sua atitude havia sido descoberta, temendo ser morto por Faraó, fugiu e foi morar na terra de Midian onde conheceu a família de Jetro, casou-se com uma das suas filhas e passou quarenta anos apascentando rebanhos.

Ele aprendeu com a vida, e de maneira difícil, que nem sempre seremos bem-sucedidos apenas com boas intenções e ótimos projetos. No entanto, se eu perguntasse para quem é mais fácil fazer diferença na terra: um príncipe ou um servo? Com certeza, a maioria de nós responderia: um príncipe, é claro.

A vida de Moisés vai mostrar justamente o contrário. Enquanto era príncipe do Egito, não conseguiu ser agente de mudança para o povo de Deus, para o mundo ou para si mesmo. Moisés somente fez diferença à medida que se tornou um servo de Deus e se colocou debaixo da sua autoridade, mesmo tendo perdido a posição de príncipe e sendo um proscrito da sua terra (PIRAGINE JÚNIOR, 2021, p. 46).

No segundo período de sua vida, em Midian, Moisés se tornou um simples pastor de ovelhas, experimentando uma mudança radical. Ali no deserto, Moisés foi aperfeiçoado e capacitado para a missão de libertar o seu povo. Com, aproximadamente, oitenta anos de vida, no monte Horebe, Moisés teve um encontro com Deus que mudou a sua vida, o qual está registrado em Êxodo 3. Deus lhe disse (BÍBLIA, 2020):

Não te aproximes! Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é uma terra santa. O SENHOR disse: Eu vi, vi a opressão de meu povo no Egito e ouvi-o clamar sob os golpes dos chefes de corveia. Sim, eu conheço seus sofrimentos. Desci para libertá-lo das mãos dos egípcios e fazê-lo subir desta terra que mana leite e mel, para o lugar do canaanita, do hetita, do emorita, do perizita, do hivita e iebusita. E agora, visto que o clamor dos filhos de Israel chegou a mim e eu vi a carga que os egípcios fazem pesar sobre eles, vai, pois! Eu te envio Faraó. Faze sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel (Ex 3,5, 7-10).

A resposta de Moisés ao comissionamento de Deus foi bem interessante: “Quem sou eu para ir a Faraó e fazer sair do Egito os filhos de Israel?” (Ex 3,11). Ele admitiu diante de Deus as suas limitações: dificuldade para falar; descrédito do povo; medo do tremendo desafio que estava à sua frente.

Apesar das dificuldades apresentadas, Moisés foi até o Egito para cumprir a sua missão. Inicialmente, Faraó não permitiu a saída do povo de Israel do Egito. Mesmo recebendo duras pragas que destruíram o Egito, ele só cedeu quando ocorreu a morte dos primogênitos, inclusive o dele. Naquela noite foi estabelecida a Páscoa, festa que, originariamente, celebra a passagem de Deus pelo Egito, para libertar o povo de Israel.

Do próprio êxodo nós não temos nenhuma evidência extrabíblica, mas o próprio testemunho da Bíblia é tão impressionante que não deixa a menor dúvida de que se tenha realizado essa libertação admirável. Israel lembra-se do êxodo durante toda a sua existência no futuro como o acontecimento que o constituiu como povo. Essa libertação do Egito ficou no centro de sua confissão de fé desde o começo, como é testemunhado por certos poemas antigos (Ex 15,1-18) e credos (Dt 6,20-25; 26,5-10; Js 24,2-13), que remontam até o período primitivo de sua história e além. Uma crença tão

antiga e tão arraigada não admite explicações, salvo a de que Israel realmente se livrou do Egito sob as circunstâncias de acontecimentos tão estupendos que ficaram impressos para sempre na sua memória (BRIGTH, 2004, p. 200).

Após a travessia do Mar Vermelho, o povo de Israel peregrinou na direção do monte Sinai. Embora a sua localização seja incerta, Brigth destaca que “não há razão para se duvidar de que foi lá que Israel recebeu aquela lei e aquela aliança que fizeram dele um povo”. Por essa razão é possível “considerar como certo que as origens desta religião estão no deserto e que Israel a levou para a Palestina” (BRIGTH, 2004, p. 204).

No Sinai, Moisés recebeu as tábuas da lei com os 10 mandamentos (Ex 20). Recebeu também as instruções para a preparação do tabernáculo, a tenda do encontro ou da revelação, bem como os seus utensílios, destacando-se a arca da aliança e o propiciatório para o santo dos santos. Ele foi o mensageiro da aliança:

Da montanha, o SENHOR o chamou, dizendo: ‘Dirás isto à casa de Jacó e transmitirás este ensinamento aos filhos de Israel: Vós mesmos vistes o que fiz ao Egito, como vos carreguei sobre as asas de águia e vos fiz chegar até mim. Agora, pois, se ouvirdes a minha voz e guardares a minha aliança, sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa’ (Ex 19,3-6).

O propósito do chamado de Abraão estava se cumprindo. Sob a liderança de Moisés, a lei e a aliança com Deus foram estabelecidas. Uma nação foi formada para ser bênção para os outros povos do mundo.

Embora nada saibamos da sua carreira a não ser o que a Bíblia nos diz, e não possamos de modo nenhum verificar a veracidade dos detalhes, não pode haver nenhuma dúvida de que ele, como a Bíblia o retrata, foi o grande fundador da religião de Israel. As tentativas de alguns para diminuí-lo não convencem absolutamente. Os acontecimentos do Êxodo e do Sinai exigem uma grande personalidade à sua frente. E uma religião tão peculiar como a de Israel exige um fundador como o exige o Cristianismo ou o Islamismo. Negar esse papel a Moisés seria forçar-nos a colocar outra pessoa do mesmo nome no mesmo papel! (BRIGTH, 2004, p. 206).

Moisés liderou o povo de Israel durante 40 anos no deserto até chegar à entrada da terra prometida, a terra de Canaã. Ele enfrentou muitas dificuldades, desde o seu retorno ao Egito até a entrada da terra prometida. Segundo Wiersbe, “na liderança, as experiências difíceis com nosso povo nos edificam ou nos destroem” (2006, p. 323).

Antes de enfrentar Faraó pela primeira vez, precisou convencer o próprio povo de que Deus lhe dera a missão de libertá-lo da escravidão.

Logo em seguida, após falar com Faraó pela primeira vez, a situação piorou. O povo precisou colher palha para fazer tijolos e ainda assim, manter a meta de produção diária. Antes de Moisés, a palha era fornecida pelos egípcios. O povo foi reclamar com Moisés, dizendo que ele era o culpado pelo aumento do trabalho. Moisés, em seguida, queixou-se com Deus: “Moisés voltou-se para o SENHOR e disse: ‘SENHOR, por que maltrataste este povo? Por que me enviaste? Desde que vim ter com Faraó para falar em teu nome, ele tem maltratado este povo, e tu de modo algum libertaste o teu povo’” (Ex 5,22-23).

Nos 40 anos de peregrinação no deserto, muitas foram as lutas e provações enfrentadas: murmuração e rebelião do povo contra ele e contra o próprio Deus. Apesar dessas circunstâncias, Moisés se manteve firme em sua liderança e no propósito de Deus. Ao ser pressionado, o líder precisa decidir a quem deseja agradar e por qual razão deseja ser criticado. Por isso, Rick Warren afirmou: “Não conheço todas as chaves do sucesso, mas uma chave para o fracasso é tentar satisfazer a todos. Ser controlado pela opinião dos outros é uma forma segura de jamais atingir os propósitos de Deus para sua vida” (WARREN, 2013, p. 29).

Como se não bastassem essas dificuldades ele também enfrentou problemas com os seus irmãos, ou seja, dentro da sua própria família: “Quando Miriâm – e também Aarão – criticou Moisés por causa da mulher kushita que ele havia tomado por esposa; pois ele havia desposado uma kushita. Eles disseram: ‘Porventura o SENHOR falou somente a Moisés? Não falou também a nós?’ E o SENHOR os ouviu” (Nm 12,1-2).

Arão e sua irmã se uniram para questionar a liderança de Moisés. ‘Ao questionar a vontade de Deus e a autoridade de Moisés, Miriã e Arão estavam agindo exatamente como o povo de Israel! Moisés, porém, não respondeu nem tentou se justificar, mas deixou que o SENHOR o defendesse. [...] Deus ouviu as palavras deles, viu as motivações maldosas em seu coração e agiu rapidamente para que o pecado deles não se espalhasse no meio do povo, pois quando líderes pecam, as consequências podem ser desastrosas (WIERSBE, 2006, p. 323).

De fato, as motivações maldosas dos irmãos de Moisés parecem que estavam relacionadas, infelizmente, a questões raciais. Sousa afirma que a palavra traduzida como ‘cuxita’, ‘cusi’ ou ‘etíope’ aparece dezoito vezes no Antigo Testamento e denota

a ideia de 'negro'. Assim sendo, a esposa que Moisés tomara para si era 'negra'. Para Arão e Miriam, o fato de Moisés casar-se com uma mulher negra o desqualificaria como líder e colocaria "em questão sua autoridade" (SOUSA, 2000, p. 55). Como consequência desse questionamento, Miriam ficou leprosa, branca como a neve (Nm 12,10). "Sendo assim a discussão em torno da negritude da mulher de Moisés, leva a uma situação, na qual o ser branco se torna uma doença" (SOUSA, 2000, p. 57). A inveja, o ciúme e o racismo têm causado estrago nas famílias, empresas e comunidades eclesiais.

Essas situações produziram em Moisés esgotamento, depressão e cansaço.

Quando estava liderando o povo de Israel pelo deserto, as pessoas começaram a resmungar, reclamar e caluniar. O líder impecável cuja epifania no monte Horebe lhe dera coragem para enfrentar o grande faraó do Egito ficou tão exasperado e desanimado que clamou a Deus: 'Não posso levar todo esse povo sozinho; essa responsabilidade é grande demais para mim. Se é assim que vais me tratar, mata-me agora mesmo' (Números 11.14-15). 'Mata-me agora mesmo.' Ora, isso é que é um homem deprimido! Ele preferia morrer a continuar naquela situação desesperadora (CORDEIRO, 2011, p. 19).

Para livrar-se desse esgotamento, Moisés seguiu a orientação de Deus para delegar mais e distribuir melhor as tarefas. Seu sogro Jetro também lhe deu conselhos preciosos sobre a arte de delegar. Quando viu tudo o que Moisés fazia, todo o seu trabalho, sozinho a julgar as questões que o povo lhe apresentava, desde a manhã até o pôr do sol, Jetro lhe disse:

Tua maneira de agir não é boa. Vais te esgotar, e o mesmo acontecerá com este povo que está contigo. A tarefa é muito pesada para ti. Não podes cumpri-la sozinho. Agora, ouve a minha voz! Dou-te um conselho, e que Deus esteja contigo! Sê, pois, o representante do povo diante de Deus: Apresentarás os problemas a Deus, informarás as pessoas sobre os decretos e as leis, fazendo-as conhecer o caminho a seguir e a conduta a tomar. E mais: escolherás, dentre todo o povo, homens de valor, tementes a Deus, dignos de confiança, incorruptíveis, e os estabelecerás como chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. Eles jugaram o povo permanentemente. A ti apresentarão só os assuntos mais graves; o que for menos importante, eles mesmos jogarão. Alivia a tua carga. Que eles te ajudem a carregá-la. Se fizeres isso, Deus te dará as suas ordens, tu poderás aguentar e, além disso, todo esse povo voltará para casa em paz (Ex 18,17-23).

O conselho de Jetro deve ecoar nos ouvidos dos líderes de hoje diante da sobrecarga de trabalho, possivelmente, causa da falta de coragem para enfrentar

suas agendas e o ritmo de trabalho, distribuindo as tarefas para focar naquilo que realmente importa e ninguém pode fazer no seu lugar.

Cordeiro descreve da seguinte maneira a realidade de esgotamento físico e emocional que viveu:

Esquecemos que somos humanos e que um único equívoco pode afetar o potencial de nosso futuro. Essa condição chegou sem aviso, como uma pessoa que não foi convidada. Decisões que um dia foram simples de tomar agora recusavam a solução, e percebi que eu me esquivava de tudo o que carecesse de meu envolvimento emocional. Minha fé, outrora vigorosa, tornou-se frágil; eu evitava tudo aquilo que me exigisse ação (CORDEIRO, 2011, p. 13).

Bill Hybels compartilha o seu testemunho pessoal destacando o princípio da sustentabilidade. A liderança pode ser comparada a uma maratona e não a uma corrida de 100 metros. Quando o ritmo não é sustentável, o líder corre o risco de 'fritar as suas emoções', abusar dos seus dons espirituais, danificar o seu corpo e negligenciar a família e os amigos. "Fiquei por um fio, para me tornar uma estatística ministerial. [...] Não teríamos chegado onde chegamos, entretanto, se eu não tivesse enfrentado a minha agenda" (HYBELS, 2002, p. 195).

Assim como todo ser humano, Moisés, o maior líder de Israel, não era perfeito. Ele e seu irmão Arão não entraram na terra prometida. Morreram antes da travessia do Rio Jordão, porque desobedeceram a Deus no caso de Meribá (Nm 20,8-12). Moisés e Arão tiraram água da rocha, mas foram reprovados e por causa disso não entraram na terra prometida.

Um detalhe que vale a pena considerar é que Moisés conseguiu fazer o seu sucessor: Josué, filho de Num (BÍBLIA, 2020). Próximo à sua morte,

Moisés chamou Josué, e, na presença de todo Israel, disse-lhe: "Sê forte e corajoso, pois tu és quem entrarás com este povo na terra que o SENHOR jurou dar a seus pais; tu és quem lha dará em patrimônio. É o SENHOR quem marcha adiante de ti, é ele quem estará contigo, não te deixará, nem te abandonará; não temas, nem te deixes abater (Dt 31,7-8).

Josué viu de perto a intimidade que Moisés tinha com Deus e aprendeu que o seu relacionamento com Deus seria o diferencial que o sustentaria diante dos desafios que teria pela frente.

Moisés foi uma referência de líder que teve um profundo relacionamento com Deus. A Bíblia diz que após a sua morte,

nunca mais em Israel surgiu um profeta como Moisés, a quem o SENHOR conhecia face a face, a quem o SENHOR enviara para cumprir todos esses sinais a todos esses prodígios na terra do Egito, diante do Faraó, de todos os seus servos e de toda a sua terra: Moisés, que procedera com todo o poder de sua mão, suscitando todo esse grande terror ante os olhos de todo Israel (Dt 34,10-12).

Ele deixou um legado para as próximas gerações. Nos dias de Jesus, Moisés era citado frequentemente como o maior líder do seu povo, o grande legislador, responsável por transmitir a Lei de Deus ao seu povo. Mas, gostaria de destacar aqui, sobretudo, o seu papel de líder libertador, considerando que no mundo contemporâneo, embora tão diverso do Egito, multiplica e recria formas de escravidão e, nesse passo, suscita a necessidade de líderes que promovam, apoiem e acompanhem processos de libertação tanto das pessoas como das coletividades. Da mesma forma, importa aprender, com o próprio itinerário de Moisés, a maneira como o líder toma consciência de sua missão, de uma parte, relendo a sua própria história de pertencimento e identificação com o povo, e, de outra parte, a descoberta de seu papel e contribuição específica de liderança.

3.2 DAVI, O LÍDER CORAJOSO E QUE APRENDEU COM SEUS ERROS

Depois de Moisés, a liderança do povo teve a importante contribuição de Josué, mas a grande novidade veio com a instauração da monarquia, por volta da segunda metade do século 11 antes de Cristo, nos tempos do profeta Samuel, o último dos juízes. O reinado foi uma etapa bastante complexa e ambígua na história do povo de Israel (Gn 17,6-16; 35,11; 49,10; Nm 24,7-19), de certa forma vislumbrada (Dt 17,14-20), mas não sem as advertências e riscos (1Sm 8,10-18). Aqui importa, porém, perceber a liderança de um dos reis mais importantes.

Ao ser reprovado por Deus em suas atitudes, o rei Saul ouviu Samuel lhe dizer (BÍBLIA, 2020): “teu reino não subsistirá. O SENHOR procurou para si um homem segundo o seu coração e o SENHOR o instituiu” (1Sm 13,14).

Mais tarde, Samuel foi à casa de um homem chamado Jessé, sob a orientação de Deus, para ungir um dos seus filhos como o futuro rei de Israel. Davi foi o escolhido e tornou-se “tão poderoso que 62 capítulos do Antigo Testamento foram dedicados à sua biografia, e nada menos que 59 referências do Novo Testamento chamam a

atenção das pessoas para este homem – muito mais do que para qualquer outro personagem bíblico” (SWINDOLL, 1998, p. 243).

Ele ganhou notoriedade quando decidiu lutar contra o gigante Golias, um filisteu de quase três metros de altura que afrontava, dia após dia, o exército de Israel.

Saul ficou tão impressionado ao ver um rapaz tão novo com a disposição de lutar contra um guerreiro experiente, que lhe ofereceu a sua própria armadura. Davi experimentou, mas não conseguia andar e logo a retirou (1Sm 17,38-39). Eugene Peterson afirma que “não deve ter sido fácil fazer isso: abandonar a oferta de conhecimento experiente. Mas, se tivesse ido enfrentar Golias com a armadura de Saul, teria sido um desastre. Com armadura emprestada, sempre é. Davi precisava de algo autêntico, dele” (PETERSON, 2004, p. 67).

Humanamente falando, Davi foi um louco. Uma pessoa que se expôs a uma derrota humilhante e a um grande vexame. Davi era um simples rapaz. Um humilde pastor de ovelhas que, acostumado a depender de Deus, encorajou o exército de Israel: “Que ninguém perca a coragem por causa desse filisteu; teu servo irá combatê-lo” (1Sm 17,32).

Qualquer líder pode desfalecer diante dos desafios. A palavra de Davi transmitiu ânimo e coragem a um exército deprimido e amedrontado. Ele não venceu o gigante por causa da sua habilidade nem por causa da sua força. Ele venceu por causa da sua fé em Deus.

Com a vitória sobre Golias, Davi tornou-se um dos líderes do exército, alcançando muitas outras vitórias, o que causou ciúmes ao rei Saul, especialmente, quando ouviu as moças cantando e destacando as vitórias de Davi: “Saul ficou muito irritado. A coisa lhe desagradou. Ele disse: ‘Atribuem a Davi dezenas de milhares, e a mim, apenas milhares. Só lhe falta a realeza!’. A partir desse dia, Saul não olhava mais Davi com bons olhos” (1Sm 18, 8-9).

Quando novos feitos aumentaram de tal modo a popularidade de Davi, de modo a eclipsar sua própria popularidade, Saul não pôde suportar por muito tempo. Sentindo que o povo considerava Davi como seu herói carismático, ele passou a temer que também pudesse torná-lo rei (18,7s). Levado por insano ciúme, virou-se inteiramente contra Davi e tentou matá-lo repetidas vezes (19,9-17) (BRIGTH, 2004, p. 305).

Como resultado desse ciúme, Saul passou a persegui-lo. Nesse período de perseguição, andando de um lado para o outro, refugiando-se na caverna de Adulão

e até mesmo no território filisteu, Davi teve duas oportunidades para matar o rei Saul. Entretanto, preferiu não estender as mãos contra ele (1Sm 24,6).

Após a morte de Saul, as pretensões da sua família em perpetuar o reino foram empreendidas “por seu filho sobrevivente, Isbaal, que tinha sido levado para Maanaim, na Transjordânia, por seu parente Abner, que sobrevivera ao massacre de Gelboé e que lá o proclamou rei (2Sm 2,8ss)” (BRIGTH, 2004, p. 305).

Entretanto, pelo fato de ser descendente da tribo de Judá, Davi tornou-se rei de Judá, na cidade de Hebrom (2Sm 2,1-4). “Afinal de contas, ele era um deles, um forte líder, que podia defendê-los e estava em condições de ser mediador entre eles e seus senhores filisteus. Foi, portanto, aclamado rei por consenso popular e ungido no antigo santuário de Hebron” (BRIGTH, 2004, p. 305). Após a morte de Isbaal, o povo foi a Hebron e o aclamou rei de todo Israel (2Sm 5,1-3).

A cidade de Jerusalém foi conquistada durante o seu reinado e tornou-se a capital do reino. “Estava ela em local estratégico, sendo menos vulnerável a ataques. Sendo uma fortaleza cananea, ocupada pelos jebuseus, resistira com êxito à conquista e à ocupação israelita” (SCHULTZ, 2009, p. 160). Entretanto, Davi e seu exército conquistaram a fortaleza de Sião, onde ele morou e, por isso que passou a ser conhecida como a cidade de Davi (1Cr 11, 4-9).

Davi foi conhecido como o maior rei de Israel. Ele foi “um homem de tipo carismático. Isso é, foi homem capaz de uma liderança inspirada, cujos contínuos sucessos davam provas de que Iahweh o havia designado” (BRIGTH, 2004, p. 308). Ele foi escolhido por Deus para liderar o seu povo e demonstrou qualidades que o destacaram na história.

Como pessoa, como rei e como pai da dinastia davídica, Davi seguiu uma trajetória sempre ascendente ao longo da história bíblica, até se converter em protótipo do Messias, o futuro rei ideal que haveria de nascer do seu sangue. Adornado de todas as qualidades físicas, morais e espirituais, Davi aparece em 1/2 Samuel com todo o fascínio de um herói legendário: aparência bonita, fiel na amizade, justo e nobre com os inimigos, estadista, poeta e músico. Mas a grandeza de Davi é, sobretudo, de ordem religiosa. Mostra-se respeitoso com Saul e evita matá-lo, porque é o ungido do Senhor. Está consciente da sua condição de rei, da dignidade e, ao mesmo tempo, das obrigações daí decorrentes. Sabe o que é o pecado, porque é homem como os demais, mas também experimentou o que é o perdão. Sua piedade e virtudes religiosas ficam evidentes na transladação da arca, no desejo de construir o templo, no respeito dedicado aos profetas, aos sacerdotes e demais instituições sagradas (LAMADRID, 2019, p. 86).

Sua devoção pelo Deus de Israel ficou clara pela iniciativa em “transferir de Cariat-larim para a capital a Arca da Aliança do Senhor, que se encontrava negligenciada por todos há mais de uma geração. Para tanto, construiu uma tenda-santuário, onde a Arca deveria ser guardada” (BRIGTH, 2004, p. 312). Apesar dos contratempos ocorridos na primeira tentativa de transferência, com a morte de Uzá (2Sm 6,7), três meses depois, finalmente conseguiu colocar a arca na Cidade de Davi, numa tenda especialmente preparada para essa finalidade.

Esse fato o motivou a construir um templo, “uma casa de adoração que fosse mais permanente” (SCHULTZ, 2009, p. 161) pois, no seu entendimento, não fazia sentido ele morar num palácio de cedro e a arca de Deus permanecer numa tenda (2Sm 7,2). Deus o impediu de construir, mas prometeu que um dos seus filhos o sucederia no trono e construiria um templo em honra ao seu nome (2Sm 7,13), como aconteceu nos dias de Salomão.

Apesar de ter sido considerado um rei que procedeu segundo o coração de Deus, Davi foi um ser humano falível como todos os demais, como pode ser visto na história do seu adultério com Bate-Seba e consequente homicídio de Urias (2 Sm 11). Merece destaque que “[...] as imperfeições de caráter, de qualquer membro da família real, não são minimizadas nas Escrituras hebraicas. Um rei de Israel que caiu em pecado realmente não poderia esperar que escaparia do juízo de Deus” (SCHULTZ, 2009, p. 165). A Bíblia não esconde os erros dos personagens da história. Ao revelar esses erros, mostra a falibilidade do ser humano e a misericórdia de Deus em perdoar e transformar aquele que se arrepende.

Embora Davi não tivesse que prestar contas a quem quer que fosse em seu reino, ele deixou de perceber que esse “crime perfeito” era conhecido por Deus. No caso de um déspota de nação pagã, adultério e homicídio teriam passado sem reprimenda; porém, isso não poderia ocorrer em Israel, onde seu rei ocupava tal posição como uma incumbência sagrada (SCHULTZ, 2009, p. 166).

Swindoll destaca que os atos de Davi foram deliberados. “Ele não tropeçou no pecado. Ele cometeu adultério com Bate-Seba voluntária e conscientemente, matou o marido dela (pelo menos de forma indireta) e viveu deliberadamente uma mentira durante os meses que se seguiram” (SWINDOLL, 1998, p. 244).

Davi revelou problemas no seu caráter que comprometem o relacionamento com Deus e a sua liderança.

Caráter formado simplesmente significa que estamos tentando ser as pessoas que Deus quer que sejamos. Bill Hybels escreveu um livro cujo título é desconcertante: “Quem você é, quando ninguém está olhando? Quem você é quando não está no palco? Quem você é, quando ninguém está olhando para o seu trabalho? Quem você é na verdade? John Wooden (técnico de basquete universitário nos EUA) afirmou: “preocupe-se mais com o seu caráter do que com a sua reputação, porque o seu caráter é o que você realmente é, enquanto que a sua reputação é meramente o que os outros pensam que você é (NOLAND, 2007, p. 31-32).

O autor sagrado resume a atitude de Davi com as seguintes palavras: “Mas o que Davi fizera desagradou ao SENHOR” (2Sm 11,27). Ele, simplesmente, desagradou a Deus com os seus pecados.

O que foi errado há três mil anos continua errado hoje, mesmo que muitos o pratiquem. Estragar um casamento com uma relação adúltera continua sendo um pecado deliberado, embora muitos façam isso. [...] É possível que ninguém notasse, mas Deus notou. E ele preparou uma estratégia para colocar Davi de joelhos. Deus sabe muito bem como fazer isso. Ele não acerta suas contas no final de cada mês ou ano. Mas ele um dia as ajusta. Veja bem: “Não vos enganéis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará”, escreve o apóstolo Paulo (Gálatas 6,7) (SWINDOLL, 1998, p. 244).

Inicialmente, Davi apresentou uma dificuldade em reconhecer o seu erro, precisando ser confrontado pelo profeta Natã, o que aconteceu somente após o nascimento do filho de Bate-Seba, ou seja, pelo menos nove meses depois do adultério. Entretanto, merece destaque a sua reação ao arrepender-se dos seus pecados. Ele orou a Deus (BÍBLIA, 2020):

Tem piedade de mim, meu Deus, segundo a tua fidelidade; segundo a tua grande misericórdia, apaga minha culpa. Lava-me por completo da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado. Pois reconheço minha culpa, tenho continuamente presente o meu pecado. Pequei contra ti, e só contra ti, fiz o que é mau diante dos teus olhos; por isso serás justo quando falares, irrepreensível quando julgares. Fui gerado na iniquidade e, no pecado, concebido dos ardores de minha mãe. Nas trevas, o que te agrada é a verdade, na minha noite, me fazes conhecer a sabedoria. Tira meu pecado com hissopo e estarei puro; lava-me, e serei mais branco do que a neve. Faze com que eu ouça a alegria, e que dancem os ossos que trituraste. Desvia o teu olhar dos meus pecados, apaga todas as minhas iniquidades. Cria para mim um coração puro, ó Deus; enraíza em mim um espírito novo. Não me rejeites para longe de ti, não retires de mim o teu espírito santo; Restitui-me a alegria de ser salvo, e que me sustente o espírito generoso! Ensinarei o teu caminho aos culpados, e os pecadores retornarão a ti. Meu Deus, Deus salvador, liberta-me do sangue; que minha língua brade a tua justiça!

SENHOR, abre meus lábios, e minha boca proclamará o teu louvor. Não gostarias que eu oferecesse um sacrifício, não aceitarias holocausto. O sacrifício que Deus quer é um espírito contrito; um coração despedaçado e triturado, ó Deus, não rejeitarás. Faze o bem a Sião, reconstrói as muralhas de Jerusalém. Então aprovarás os sacrifícios prescritos, da oferenda total e do holocausto; então oferecer-se-ão touros no teu altar (Sl 51).

O arrependimento de Davi aliviou o seu coração da culpa que o esmagava e lhe proporcionou a reconciliação com Deus. Se a experiência de Davi revela que o pecado traz consequências, também revela que o arrependimento traz perdão e cura para a alma. Possivelmente, foi essa capacidade de se humilhar e reconhecer os seus erros que fez de Davi uma referência para a sua geração e para as seguintes.

O arrependimento é a primeira palavra do evangelho e abre a porta para a transformação. Ao confessar o seu pecado, Davi experimentou o perdão de Deus e recebeu uma nova chance de viver segundo o seu propósito. “Como pecador verdadeiramente penitente, que reconheceu sua iniquidade, qualificou-se assim como homem que agradava a Deus (1Sm 13,14)” (SCHULTZ, 2009, p. 165).

No final do seu reinado, Davi ordenou que um recenseamento militar fosse feito, entretanto, não buscou a direção de Deus ao tomar essa decisão (2Sm 24, 1-25). A narrativa que antecede esse incidente relaciona os valentes do exército de Davi. Por isso, “o recenseamento pode ter sido motivado por orgulho e por dependência da potência militar como se esta fosse a causa das realizações nacionais de Israel” (SCHULTZ, 2009, p. 170).

De acordo com Lamadrid, “poderíamos concluir que o pecado de Davi foi depositar sua confiança não na força e na graça de Deus, mas nos efetivos humanos. Por isso ele mandou fazer o censo, para ver com quantas pessoas podia contar” (2019, p. 82).

Schultz lembra que

Davi, arrependido de seu pecado, foi informado por meio de Gade, o profeta, de que ele poderia escolher um dentre os seguintes castigos: um período de peste de três anos, um período de reveses militares de três meses ou um período de peste de três dias. Davi entregou-se, com sua nação, à misericórdia de Deus, escolhendo a última alternativa (2009, p. 170).

A peste durou apenas um dia, mas 70 mil pessoas morreram em Israel. O anjo de Deus estava pronto para destruir a cidade, quando Davi implorou a misericórdia de Deus e intercedeu pelo seu povo. Orientado pelo profeta Gade, comprou a eira que

pertencia a Araúna e lá edificou um altar onde ofereceu holocaustos e sacrifícios de comunhão. Deus aceitou as súplicas em favor da terra e encerrou a praga que destruíra Israel. Impressionado, Davi resolveu que o futuro templo seria construído nessa mesma eira que comprara de Araúna.

O exercício da liderança requer sabedoria, especialmente, para tomar decisões. Muitos fatores, dentre eles, as pressões e as ambições podem, infelizmente, levar um líder a tomar decisões equivocadas. Particularmente, a liderança cristã exige a busca constante da direção de Deus para tomar decisões. As consequências da decisão de Davi ao realizar um recenseamento foram trágicas, mas, mais uma vez, ele contou com a misericórdia de Deus.

Davi expressou as suas experiências com Deus, suas dores, angústias, revoltas, clamores através das orações registradas nos salmos. Ele compôs a maior parte dos hinos e cânticos encontrados no livro dos Salmos, por meio dos quais expõe seus sentimentos mais profundos em orações de rasgar a alma e o coração, reconhecendo seus erros, admitindo suas falhas e pecados.

O caminho de Davi é o da imperfeição. A história que Davi viveu e os salmos que orou nos trazem uma imaginação que nos permite compreender as operações de Deus no processo de realizar sua obra perfeita em nós, não nossa capacidade de nos aperfeiçoar. As histórias contam-nos que nada em nós, seja bom, seja mau, é insignificante; as orações contam-nos que tudo dentro de nós, seja bom, seja mau, está relacionado com Deus. Juntas, as histórias e as orações libertam-nos de uma mentalidade de papéis e desempenhos, libertam-nos das expectativas perfeccionistas das pessoas e das ambições perfeccionistas que estabelecemos para nós mesmos (PETERSON, 2004, p. 120).

Lucas registra as palavras do apóstolo Paulo ao referir-se a Davi que, depois de ter estado em seu tempo a serviço do plano de Deus, adormeceu, foi ajuntado a seus pais, e experimentou a decomposição (At 13,36).

Avery T. Willis e Henry Blackaby (2001) lembram que o ser humano só pode servir à sua própria geração. É possível deixar um legado para as próximas gerações, mas não existe possibilidade de servi-las. Davi “obedeceu ao que ele cria que Deus o havia chamado para fazer. Sem obediência, Davi não teria compreendido o plano de Deus para sua vida.” (WILLIS; BLACKABY, 2001, p. 80-81).

O rei Davi, apesar de todas as suas limitações serviu, em seu tempo, em sua geração, ao plano de Deus e tornou-se uma referência, uma espécie de padrão para avaliação dos reis que o sucederam. Apesar de ser uma personalidade rica e um

reinado tão complexo, em conclusão, é possível destacar aqui tanto a confiança na força de Deus, enfrentando até um gigante, segundo a paradigmática luta entre Davi e Golias, quanto a capacidade do líder de aprender com seus próprios erros e até com seus próprios pecados, à condição de assumir a responsabilidade, deixando-se iluminar pela palavra profética ou, se quisermos, pela Palavra de Deus mediada por outros componentes da comunidade.

3.3 ELIAS, O GRANDE PROFETA

Ao pesquisar o uso da palavra “profeta” ou ‘profetisa’ no Antigo Testamento (BÍBLIA, 2020), é possível identificar que a vocação profética remonta ao tempo dos patriarcas, pois Abraão foi considerado por Deus como um profeta: “Restitui agora a este homem a sua mulher, pois é um profeta” (Gn 20,7).

Tendo em vista a dificuldade que Moisés tinha para falar, Arão lhe serviu como um. Miriam, sua irmã, foi reconhecida como profetisa ao proferir um cântico de vitória após a passagem do Mar Vermelho (Ex 15,20-21). No final da sua vida, Moisés advertiu o povo de Israel quanto aos falsos profetas (Dt 13,1).

É possível constatar uma atuação mais acentuada da atividade profética durante o período dos juízes e reis de Israel, procurando

manter viva a fé no Deus da Revelação e, impedir que Israel se afastasse de vez dos princípios da Torah. Os profetas tinham como tarefa principal em seus ministérios, exortar o povo quando a fé Javista estava ameaçada de sucumbir diante do politeísmo presente no Oriente Antigo; palco onde se desenrola toda a história do AT. Também os profetas foram vitais em animar o povo nas épocas difíceis de luta pela conquista da terra de Canaã. Ainda tinham como tarefa, consolar a Israel em tempos de opressão impingida por seus inimigos. Os profetas também exerciam uma ação didática ensinando ao povo os caminhos do Senhor (ME, 2021, p. 54).

Dentre os profetas que surgiram nesse período, encontra-se Elias, que se tornou um dos maiores profetas de Israel. “Uma figura tão misteriosa e imponente que seus feitos tornaram-se lendários em Israel” (BRIGTH, 2004, p. 378).

De uma forma diferente do que se costuma verificar nos escritos hebreus, não consta no texto bíblico a genealogia de Elias. “O ciclo de Elias não é, pois, uma biografia completa do profeta, mas uma série de episódios soltos” (1Rs 17–18)” (LAMADRID, 2019, p. 101). Brighth acrescenta que

sendo galaadita, das proximidades da fronteira do deserto (17,1), Elias estava impregnado da tradição mais rigorosa do javismo. A Bíblia o pinta como uma figura solitária, austera, de pêlo espesso, com cinto de couro cingido aos rins (2Rs 1,8), possivelmente um nazireato numa preparação ritual perpétua para a guerra, que frequentava lugares desertos para aparecer, como por um passe de mágica, onde quer que houvesse uma batalha de lahweh a ser combatida (BRIGTH, 2004, p. 378).

O ministério profético de Elias foi realizado no Reino do Norte, no tempo do rei Acabe e sua terrível e temível esposa Jezabel. Exteriormente o reino, alcançou prosperidade. “A capital tornou-se mais esplêndida com um palácio de marfim e os muitos estábulos para a sua enorme cavalaria” (BRUCE, 2007, p. 565).

A situação moral e religiosa do povo de Israel, entretanto, era degradante. O autor sagrado resume a Sua liderança da seguinte maneira:

Acab, filho de Omri, fez o mal aos olhos do SENHOR mais do que todos os seus antecessores. E, como se não bastasse imitar os pecados de Jeroboão, filho de Nebat, tomou por mulher Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios, e prestou culto a Baal, prosternando-se diante dele. Erigiu um altar para Baal na casa que edificara em Samaria. Acab ergueu o poste sagrado e continuou a agir de maneira a irritar ao SENHOR, o Deus de Israel, mais do que todos os reis de Israel que o haviam precedido (1Rs 16,30-33).

A liderança política de Israel havia levado o povo a distanciar-se dos propósitos de Deus. De acordo com Bruce, “a religião também era imponente, com uma casa pomposa construída para Baal, e as centenas de sacerdotes de Baal e Aserá que Jezabel apoiava estavam realizando de forma brilhante os seus rituais como os seus correspondentes posteriores em 2Rs 10,22” (BRUCE, 2007, p. 565).

Além de apoiar os sacerdotes de Baal e Aserá, Jezabel perseguia os profetas do Senhor. Por isso, Obadias, um homem temente a Deus e responsável pelo palácio, quando Jezabel fizera eliminar os profetas do Senhor, tomou “cem profetas e os escondera em grupos de cinquenta em duas cavernas, alimentando-os com pão e água” (1Rs 18,3-4).

A atração que os deuses e cultos das nações vizinhas exerciam sobre Israel

viu-se incrementada e favorecida pela própria corte. Jezabel, esposa de Acab, não só praticava pessoalmente o baalismo, mas também mandou erguer um templo na Samaria em louvor a Baal e converteu-se numa ativa militante da religião pagã, arrastando consigo uma boa parte da população e o próprio rei, segundo a versão deuteronomista (1Rs 16,31-33) (LAMADRID, 2019, p. 103).

Essa tentativa paganizante de Jezabel fez Elias anunciar “um teste de forças de Baal em relação à sua alardeada natureza de deus da tempestade e da chuva” (BRUCE, 2007, p. 565).

Em sua epístola, Tiago (BÍBLIA, 2020) afirma que “a súplica de um justo tem muito poder” (Tg 5,16). Ele ilustra essa afirmação dizendo: “Elias era um homem semelhante a nós, rezou fervorosamente para não chover – e não choveu sobre a terra durante três anos e seis meses. Depois, rezou de novo, o céu mandou chuva e a terra produziu seu fruto” (Tg 5,17-18).

A oração de Elias foi “um golpe duro na fonte da prosperidade de Israel. Assim, Elias estava orando por desastre nacional. Seria uma declaração inequívoca da soberania de Javé, visto que a palavra profética excluía qualquer possibilidade de isso acontecer por acaso” (BRUCE, 2007, p. 565).

Nesse tempo de seca, Elias contou mais de uma vez com a providência e a provisão de Deus. Inicialmente, escondeu-se junto ao ribeiro de Querite, na fronteira do Jordão. Ali, bebeu da água do ribeiro e alimentou-se com a comida que os corvos lhe forneciam pela manhã e à noite: pão e carne (1Rs 17,2-6). Quando o ribeiro secou, porque não chovia na terra, Elias, sob a orientação de Deus, foi para Sarepta, cidade que pertence a Sidom, onde foi alimentado por uma viúva (1Rs 17,9).

Depois desse tempo de reclusão em Sarepta, no terceiro ano após o anúncio da seca (1Rs 18,1), Elias encontra-se com Acabe que o saúda como “ave agourenta de Israel”. Elias responde: “Não sou eu o agourento de Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque abandonaste os mandamentos do SENHOR e prestastes culto aos Baals” (1Rs 18,17-18). A palavra hebraica traduzida por ‘ave agourenta’ é de difícil equivalência. “Denota uma situação religiosa anormal, insustentável e originada por uma ação maléfica” (BÍBLIA, 2020, p. 492). A versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) da Sociedade Bíblica do Brasil traduz essa palavra por ‘perturbador de Israel’. De qualquer forma, a palavra expressa “a estupidez comum que não consegue olhar adiante do juízo e enxergar as causas morais” (BRUCE, 2007, p. 567).

Diante de Acabe, Elias propõe um desafio no monte Carmelo, com todos os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas da deusa Asherá, diante do povo de Israel. O local proposto por Elias tinha uma razão especial: “O monte Carmelo era o extremo ocidental de uma cadeia de montanhas cujo domínio havia sido disputado por Tiro e Israel. O lado mais próximo do mar (a oeste do local

tradicional em memória de Elias) era reconhecidamente território de Tiro (e, portanto, pertencente a Baal)” (BRUCE, 2007, p. 567). Dessa forma, os profetas de Baal e Asherá seriam desafiados no seu próprio território.

O profeta “aproximou-se de todo o povo e disse: ‘Até quando dançareis num pé e noutro?’ A versão ARA traduz essa pergunta da seguinte maneira: ‘Até quando coxeareis entre dois pensamentos?’”. Vale a pena destacar que o verbo *pasah*

é usado em relação ao manco Mefibosete em 2 Sm 4,4 e Is 31,5 com relação a aves pairando no ar. No v. 26, o verbo descreve a dança ritual. A figura talvez seja de um aleijado caminhando com muita dificuldade com a ajuda de duas muletas, ou de uma ave esvoaçando de um galho para outro (BRUCE, 2007, p. 567).

Elias confronta e exige um posicionamento do povo de Israel: “Se o SENHOR que é Deus, segui-o, e se é Baal, segui-o” (1Rs 18,21), demonstrando que não seria possível ficar andando de um lado para o outro como um coxo ou dançando de um lado para o outro ou ainda, proceder como uma ave, pulando de um galho para o outro, ora adorando a Deus, ora adorando Baal.

Depois das diversas tentativas dos profetas de Baal e Asherá para que o fogo descesse sobre o altar, no horário previsto para o sacrifício, Elias preparou o altar e pediu a Deus que, naquele dia, o povo de Israel ficasse sabendo quem era, de fato, o Deus de Israel. Sua oração

foi simples, mas foi uma oração de fé. Não houve clamores, nem gritos. Ninguém berrou. Não houve repetição de palavras vãs por horas a fio. Apenas um pedido para que Deus provasse por si só que ele era o Senhor. Elias não usou a oração como último recurso. A oração foi seu primeiro e único recurso. Uma simples oração de fé foi seu maior contato com o Deus vivo. Foi ela que fez tudo o mais acontecer (SWINDOLL, 2001, p. 101).

Deus respondeu a oração do profeta e enviou fogo do céu para consumir o sacrifício. Todos se prostraram com o rosto em terra e reconheceram que só o Senhor é Deus (1Rs 18,39)

Elias, com suas palavras e seus milagres, proclama que o verdadeiro Deus e o autor da vida é Javé e não Baal. Ele é que fertiliza os campos, que multiplica o pão e o azeite, que ressuscita os mortos; Ele é que é o Deus de Israel, e não o Baal da rainha Jezabel; o Deus de Israel é também o defensor dos direitos das pessoas, por pobres que sejam, e é Ele quem concede a cura a Ocozias (LAMADRID, 2019, p. 103).

Por conta do confronto no Monte Carmelo, Jezabel empreendeu uma perseguição a Elias, que sentiu medo e fugiu para salvar a sua vida (1Rs 19,3). Entretanto, Bruce afirma que a sua fuga de Jezabel “[...] não foi fraqueza e covardia, mas puro realismo” (BRUCE, 2007, p. 568). Elias

pediu a morte e disse: ‘Não aguento mais! Agora, SENHOR, tira a minha vida, pois não valho mais do que meus pais’ (1Rs 19,4). Ele fugiu para não morrer, mas pediu a morte para si. Ele deitou-se e dormiu; e eis que um anjo o tocou, e mandou que ele se levantasse e comesse. O anjo deu-lhe comida. Ele comeu e andou até chegar ao monte Horebe. No monte ele entrou numa caverna onde passou a noite. Ali, naquela caverna, Elias ouviu a voz de Deus: ‘Por que estás aqui, Elias?’ (1Rs 19.9).

Após ter ouvido a reclamação de Elias, Deus o convidou para sair da caverna. O Senhor passou diante de Elias. E passou também um grande e forte vento que fendia os montes e despedaçava as pedras; depois do vento, um terremoto; depois um fogo. Só que Deus não estava em nada disso. Por último, houve o murmúrio de uma brisa suave, que a versão Nova Almeida Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil traduz como “som de um suave sussurro” (BÍBLIA, 2022).

Deus encontrou Elias na hora do sofrimento e abriu a sua visão para ver que nem tudo estava perdido: “deixarei em Israel um resto de sete mil homens, todos aqueles cujos joelhos não se dobraram diante de Baal e cujas bocas não o beijaram” (1Rs 19,18).

O último encontro entre Elias e Acabe aconteceu na vinha de Nabote (1Rs 21,1-29) onde, mais uma vez teve coragem para confrontá-lo e denunciá-lo pela injustiça cometida por Jezabel ao ordenar a morte de Nabote e ao se apropriar indevidamente da sua vinha.

Frustrado em sua tentativa de comprar a vinha, o desapontamento de Acabe não pode ser ocultado perante Jezabel, sua esposa. A violenta Jezabel não demonstrava respeito pelas leis de Israel, e não deu ouvidos à recusa escrupulosa de Nabote em vender sua propriedade – mesmo que fosse para o rei. Acusado por falsas testemunhas, Nabote foi condenado pelos anciãos e apedrejado. Acabe teve pouca oportunidade de desfrutar da posse cobiçada, antes de ter tido um encontro com Elias. O porta-voz de Deus corajosamente acusou Acabe de haver derramado sangue inocente. Devido a essa grosseira injustiça, a dinastia de Onri foi condenada à destruição. (SCHULTZ, 2009, p. 211).

Ao ouvir a palavra de condenação proferida por Elias, Acabe, surpreendentemente, rasgou as suas vestes, cobriu de pano de saco o seu corpo e

jejuou; dormia em panos de saco e andava cabisbaixo (1Rs 21,27). Essa humilhação o livrou de receber o castigo pelos seus atos de injustiça, o qual recaiu sobre o seu filho (1Rs 21,29).

Elias teve o privilégio de deixar um sucessor. “Assim como Josué foi chamado a ser o sucessor de Moisés, Eliseu foi desafiado a assumir a difícil tarefa de seguir o pioneiro de um novo estágio de desenvolvimento de Israel” (BRUCE, 2007, p. 574), dando continuidade ao ministério profético.

Eliseu lhe fez um pedido: “Seja-me concedida uma dupla parte de teu espírito”, em outras palavras, Eliseu estava pedindo a Elias: “faze de mim o principal herdeiro de teu espírito profético”. Sendo atendido em seu pedido, Eliseu se tornaria “o mais importante entre os profetas que Elias estava deixando” (BRUCE, 2007, p. 574). De fato, Eliseu se tornou um grande profeta para a sua geração, seguindo os passos de Elias.

No tempo do Novo Testamento, Elias foi citado como um dos maiores profetas de Israel. Mas, é possível concluir, que a grandeza maior de Elias foi descobrir a manifestação de Deus não no sucesso espetacular de uma missão, mas na experiência silenciosa e serena de sua presença discreta.

3.4 JOÃO BATISTA, O LÍDER PROFETA PRECURSOR DO MESSIAS

A figura de João, o Batista, é o último dos profetas, mas sua liderança está totalmente referida ao Messias. Em Lucas 1,5-25 narra-se a história do nascimento de João Batista, de origem sacerdotal. Seus pais, Zacarias, um sacerdote, e sua mãe Isabel, eram idosos quando ele nasceu. Quando, no entendimento deles, não havia mais possibilidade de terem um filho, Deus interveio e fez algo que os surpreendeu.

Zacarias foi cumprir o seu ofício sacerdotal. Entrou no lugar santo para oferecer o incenso. E as pessoas ficaram do lado de fora esperando que ele voltasse, mas ele acabou demorando mais do que o tempo normal. Ele havia tido uma visão. O anjo Gabriel fora designado por Deus para ir ao encontro de Zacarias para lhe esclarecer o que estava prestes a acontecer: sua esposa ficaria grávida e o seu filho teria a missão de preparar o caminho para o Messias.

Após o seu nascimento, Lucas afirma que o menino “crescia e o seu espírito se fortalecia; e esteve nos desertos até o dia da sua manifestação a Israel” (Lc 1,80).

Ele “usava um traje de pelo de camelo, com um cinto de couro a volta dos rins. Alimentava-se de gafanhoto e de mel silvestre. Então Jerusalém, e toda Judeia e toda a região do Jordão iam ter com ele; faziam-se batizar por ele no Jordão, confessando os pecados” (Mt 3,4-6).

O evangelista João afirma: “Houve um homem enviado por Deus; seu nome era João” (Jo 1,6).

O significado do precursor para a história está fundamentado no fato de que ele foi enviado por Deus, designado para esta tarefa específica. O fato de ter sido comissionado pelo Todo-Poderoso o coloca na mesma categoria de Moisés (Êxodo 3:10–15) e dos profetas (por exemplo, Isaías 6:8; Je. 1:4 e segs.) - de fato, a esse respeito, ele é como o próprio Jesus, que também foi enviado por Deus (3,17) (CARSON, 1991, p. 120).

João Batista teve plena consciência do propósito de Deus para a sua vida (Jo 3,28) e plena consciência da sua identidade, ou seja, de quem ele era e o que tinha vindo fazer neste mundo. Por isso, não quis se passar pelo Messias. Ele

comparou Jesus a um Noivo e afirmou que ele próprio era apenas o padrinho do casamento (Jo 3:29). Uma vez que o Noivo e a noiva tivessem se unido, o trabalho do padrinho estaria completo. Seria tolice o padrinho querer ‘roubar a cena’ do noivo e tomar seu lugar. A alegria de João era ouvir a voz do Noivo e saber que havia tomado a noiva para si (WIERSBE, v. 1, p. 382).

Por isso, João afirmou (BÍBLIA, 2020): “É preciso que ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30). Disse ainda, que não se achava digno de desatar as correias das sandálias do Messias (Lc 3,16). Ele não queria aparecer mais do que Jesus. Ele sabia muito bem qual era o seu lugar na história. Disse que era apenas uma voz que clamava no deserto, conduzindo o povo ao arrependimento (Jo 1,23).

O termo arrepender-se (metanoete) é mais adequadamente traduzido como ‘converter-se’ ou ‘tornar-se’, como no hebraico shuv ou no aramaico thuv. Na presença do reino dos céus, o governo soberano de Deus, a pessoa deve se voltar para Deus em submissão. A relação básica entre Deus e o homem é reconhecida no arrependimento (conversão) quando o homem toma seu lugar como súdito diante de Deus como rei. O termo Cristo (1:1) designa aquele que vem como ungido de Deus para reinar. O povo de Deus é aquele que se submete em submissão ao reino de Deus quando este os confronta em Cristo. Mateus via o reino como futuro em sua plenitude, mas já presente no ‘que vem’ (STAGG, 1969, p. 91-92).

Em essência, a pregação e o batismo de João eram focados na mudança de vida. Ele “não se contentava com remorso ou pesar. Desejava ver ‘frutos dignos de

arrependimento' (Mt 3,8). Era preciso provas de que a vida e a forma de pensar do indivíduo haviam sido transformadas" (WIERSBE, 2006, p. 19). As pessoas lhe perguntavam o que deviam fazer ao se arreenderem dos seus pecados.

Ele lhes respondia: 'Se alguém tiver duas túnicas, reparta com aquele que não tem; se alguém tiver o que comer, faça o mesmo. Também vieram coletores de impostos fazer-se batizar e lhes disseram: 'Mestre, que devemos nós fazer?' Ele lhes disse: 'Não exigais nada além do que voz foi fixado'. Militares lhe perguntavam: "E nós, que devemos fazer?'. Ele lhes disse: 'Não façais violência, nem mal a ninguém, e contentai-vos com o vosso soldo' (Lc 3,10-14).

Multidões saíam da cidade e iam ao deserto para ouvir João pregar uma mensagem bem dura: "Crias de víboras, quem vos mostrou como fugir da cólera que vem" (Lc 3,7). Hendriksen destaca que a sua mensagem

não era prolixa, porém concisa; não era complacente, porém perscrutadora da alma; não era bajuladora, porém assustadora, pelo menos em grau considerável. Ele era um pregador de condenação iminente (ver vv. 7 e 10), uma catástrofe que só poderia ser evitada mediante uma reviravolta radical do coração e da mente (HENDRIKSEN, 2001b, p. 277).

No meio da multidão que buscava o batismo de João, certamente, estava um bom número de fariseus e saduceus que, provavelmente, não eram sinceros. Por isso, ele os chamou de crias ou raça de víboras. "João conhecia essas serpentes do deserto. Ainda que bastante pequenas em tamanho, elas eram muito enganosas. Às vezes se tomava fácil confundi-las com galhos secos. De repente, contudo, atacavam, prendendo-se em suas vítimas. A comparação era apropriada" (HENDRIKSEN, 2001a, p. 281).

Stagg lembra o quanto o batismo de arrependimento foi revolucionário, especialmente, para os judeus que batizavam os gentios e passaram a ser batizados por João, sendo assim, colocados

no mesmo nível dos gentios, chamando-os para o mesmo rito de indução no verdadeiro povo de Deus. João não permitiria que nem mesmo fariseus e saduceus baseassem suas esperanças de inclusão no povo de Deus em sua descendência de Abraão, com um provável jogo de palavras aramaicas, dizendo: Deus é capaz destas pedras [banim] criar filhos [abanim] a Abraão (STAGG, 1969, p. 91-92).

O evangelista afirma que João “veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por ele. Ele não era a luz, mas devia dar testemunho da luz” (Jo 1,7-8).

Antes, o Batista já havia dito a respeito de Jesus: “Eis aquele do qual eu disse: depois de mim vem um homem que me precedeu, porque antes de mim ele era” (Jo 1,15).

Ele também disse a respeito de Jesus: “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). Sendo filho de um sacerdote, “como representante do que havia de melhor na linha sacerdotal, ele identificou publicamente a Jesus como o Cordeiro de Deus, a realização de tudo quanto fora simbolizado pelo regime de sacrifícios pela expiação de pecados” (Jo 1,29,36) (TAYLOR, 1945, v. 1, p. 211).

A respeito de João, Jesus afirmou:

que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Então, que fostes ver? Um homem trajando roupas elegantes? Mas os que usam roupas elegantes estão nas moradas dos reis. Então, que fostes ver? Um profeta? Sim, eu vo-lo digo, e mais que um profeta. Dele é que está escrito: Eis que eu envio o meu mensageiro diante de ti; ele preparará teu caminho diante de ti. Em verdade eu vos digo, dentre os que nasceram de mulher, não surgiu ninguém maior que João, o Batista; e todavia, o menor no Reino dos céus é maior do que ele (Mt 11,7-11).

João pagou um preço elevado por sua pregação. Ele não hesitou em dizer ao rei Herodes, que não era lícito a ele possuir a mulher do seu irmão (Lc 3,19-20). Sendo repreendido por João, Herodes acrescentou às suas maldades, a de lançá-lo na prisão, uma “masmorra terrível, profunda e quente que formava parte da fortaleza em Maqueronte” (HENDRIKSEN, 2001b, p. 294).

A pedido da filha de Herodiades, mulher de Filipe, irmão de Herodes, João foi decapitado. Seus discípulos levaram o seu corpo e o sepultaram (Mt 13,12).

Assim como Elias, João confrontou o povo que ouvia a sua mensagem no deserto, bem como o governante da sua época.

Quando estava na prisão, ouviu falar das obras que Jesus estava realizando e enviou seus discípulos perguntarem se ele era aquele que estava para vir ao mundo ou se deveria esperar outro. Jesus respondeu, pedindo que dissessem a João (BÍBLIA, 2020): “os cegos recobram a vista e os coxos andam direito, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa-Nova é anunciada aos pobres, e feliz de quem não cair por causa de mim” (Mt 11,5-6).

Esses eram alguns sinais da obra que o Messias realizaria, de acordo com várias profecias de Isaías. “Jesus indicou que João encontraria sua resposta exatamente onde ele encontrasse sua pergunta, nas obras do Cristo” (STAGG, 1969, p. 139). Dessa forma, Jesus estava dizendo a João que a sua missão fora cumprida.

João Batista foi uma referência de liderança profética para o seu povo, pregando mudança, transformação de vida. Certamente, porém, a sua característica maior, enquanto precursor do Messias, foi encarnar uma nova dinâmica de liderança expressa na frase: “É preciso que ele (Jesus) cresça e eu (João) diminua” (Jo 3,30).

3.5 APRENDENDO COM LÍDERES DAS ESCRITURAS

Os líderes acima mencionados não esgotam, evidentemente, os paradigmas de liderança nas Escrituras, mas apresentam fundamentos, valores e características que inspiram os líderes de hoje que desejam ser úteis e relevantes para as suas organizações, para as comunidades cristãs e para a sociedade.

Moisés foi uma referência de líder servo que teve um profundo relacionamento com Deus e uma crescente identificação com o seu povo, colocando-o em marcha, rumo à libertação.

Vale a pena destacar a sua coragem ao enfrentar o rei do Egito e libertar o povo de Israel de um cativeiro de 400 anos; a sua firmeza para liderar o povo numa peregrinação de quarenta anos num deserto, enfrentando escassez de água, alimento e conforto para uma multidão de pessoas, além da murmuração e oposição entre os seus próprios irmãos, Arão e Miriam, chegando a um elevado nível de tensão e cansaço da mesma forma como muitos líderes enfrentam atualmente.

Possivelmente, uma das maiores virtudes de Moisés tenha sido investir na formação de um novo líder que pudesse dar continuidade ao projeto de conquista da terra prometida após a sua morte. Ele soube passar o bastão da fé e da liderança para a nova geração. Como afirma Rowland Forman, “a liderança é uma corrida de revezamento” (2008, p. 21).

Muitos líderes não investem na formação de novos líderes, comprometendo o futuro da sua organização. O mesmo pode acontecer nas comunidades cristãs.

Cerca de dois mil anos atrás Jesus passou o bastão para os seus discípulos. Ele lhes deu a missão da Igreja e eles correram bem. Tão importante quanto fazer uma boa corrida, era passar o bastão para outros. Como Timóteo, por

exemplo, que recebeu o bastão de Paulo e entendeu que sua tarefa era procurar outros a quem passar o mesmo bastão. Ao longo dos séculos esse bastão tem sido passado de Jesus para os discípulos e para outros e para outros. O cristianismo está sempre a apenas uma geração da extinção. Sempre foi assim. A missão de Jesus sempre dependeu de uma geração de líderes, passando a missão para a seguinte. Onde eles fizeram isso de forma efetiva, suas igrejas e ministérios continuaram na corrida (FORMAN, 2008, p. 21).

O apóstolo Paulo recomendou a Timóteo (BÍBLIA, 2020): “O que aprendeste de mim na presença de numerosas testemunhas, confia-o a homens fiéis, que, por sua vez, serão capazes de ensiná-lo a outros mais” (2Tm 2,2). Moisés fez isso muito bem, investindo em Josué para ser o futuro líder do povo de Israel e deixando um legado para as próximas gerações.

Diferentemente de Moisés, Josué não conseguiu passar o bastão da liderança para um sucessor. Por isso, após a sua morte e a morte de toda a sua geração, “surgiu outra geração, mas esta não tinha conhecido nem ao SENHOR” (Jz 2,10).

Moisés também se tornou uma inspiração para que os líderes desenvolvam um profundo relacionamento com Deus e tenham melhores condições para enfrentar os desafios da liderança.

Dentre as qualidades de Davi, destacam-se a coragem e a dependência de Deus para enfrentar “leões, ursos e gigantes” que representam os desafios da vida e da liderança. Ele foi um rei devotado a Deus, que buscou a sua ajuda para liderar o seu povo.

Com ele, também fica claro que a liderança exige autenticidade, ainda que seja com apenas uma funda e cinco pedrinhas na mão. Sua autenticidade foi fortalecida pela sua experiência ao proteger as suas ovelhas. De experiência em experiência o seu caráter foi sendo formado e preparado para desafios maiores.

Todos os líderes, assim como todo ser humano, estão sujeitos a cometer erros, a tomar decisões equivocadas e a sofrerem as consequências das suas próprias decisões, como aconteceu com Davi ao adular com Bate-Seba e providenciar a morte de Urias.

A liderança exige humildade para receber uma confrontação e capacidade para admitir e corrigir erros. Davi era um homem sábio. Por isso, a correção de Deus, através do profeta Natã deu-lhe amadurecimento e crescimento.

Salomão afirmou (BÍBLIA, 2020):

Quem repreende um zombador só recebe desprezo e quem repreende um mau só recebe ultraje. Não repreendas o zombador, senão ele te odiará; mas se repreenderes o sábio, ele será teu amigo. Dá ao sábio e ele aumentará seu saber; ensina o justo e ele aprenderá ainda mais. O temor do SENHOR é o começo da Sabedoria, o entendimento é a ciência dos santos (Pr 9,7-10).

Davi precisou enfrentar as consequências trágicas dos seus erros, incluindo a revolta de Absalão, um dos seus filhos, mas arrependeu-se e ganhou novas oportunidades. “Quem oculta suas faltas não prosperará; quem as confessa e abandona obterá perdão” (Pr 28,13).

A história de Davi mostra que há esperança para qualquer líder que tropeça ao cometer erros e apresentar falhas. Quando este reconhece e se arrepende, tem a oportunidade de escrever novas páginas, fruto do amadurecimento e aperfeiçoamento do caráter.

Para as gerações seguintes, Davi tornou-se uma referência ou um padrão a ser usado na avaliação dos seus sucessores (2Cr 17,3).

Já Elias foi um profeta de Deus para o seu tempo. Confrontou o rei Acabe, um dos reis mais corruptos da história de Israel, que o considerou um perturbador de Israel (1Rs 18,17).

Confrontou também o próprio povo de Israel em sua apostasia, levando-o a reconhecer quem era o Deus de Israel.

Em um mundo que perdeu o rumo – em parte pela falta de uma liderança piedosa e equilibrada – sentimos, mais do que nunca, a necessidade de ter alguns Elias – tanto homens quanto mulheres – que não tenham medo de viver corajosamente diante de seus colegas enquanto caminham humildemente com seu Deus (SWINDOLL, 2001, p. 12).

Dentre as qualidades do profeta, destaca-se o seu profundo relacionamento com Deus. Esse relacionamento tornou-se tão intenso que Deus o tomou para si, num redemoinho (2Rs 2,11).

Se a história de Elias revela a coragem de um profeta que atuou como um porta-voz de Deus, ao mesmo tempo, revela a fragilidade humana. Tiago lembra que “Elias era homem semelhante a nós” (Tg 5,17), ou seja, sujeito aos mesmos sentimentos, aos mesmos problemas. Ele era um ser humano sujeito a medos, paixões, sofrimentos e tribulações.

Todos os líderes, por mais corajosos que sejam, são seres humanos frágeis e sujeitos a angústias, tristezas e depressão. Elias inspira os líderes a buscarem em Deus as forças necessárias para os momentos difíceis.

João Batista é um exemplo de líder que não se curva diante da corrupção, mantendo a integridade. A sua vida ensina que a liderança tem um preço. O preço da coerência e da transparência que o levou a perder a cabeça.

O exercício da liderança exige que a identidade e o propósito de vida estejam bem definidos. João sabia muito bem quem ele era e o que deveria fazer, ou seja, qual era a missão que deveria cumprir.

O seu exemplo permanece até hoje, especialmente, diante da corrupção que produz miséria e tantas mazelas na sociedade.

Ao invés de curvar-se diante de um governante corrupto, João Batista preferiu ser preso e depois morto, mantendo-se firme, não renunciando aos seus valores.

Ele inspira os líderes de hoje a denunciarem a mentira, a desonestidade e a corrupção, mantendo os valores que poderão ajudar na preservação de comunidades cristãs, bem como de organizações e da própria sociedade.

João Batista foi decapitado por Herodes, mas terminou bem o seu trabalho, porque cumpriu a sua missão. Ele não ficou pelo caminho. Foi até o fim, cumprindo a tarefa que Deus lhe designara: preparar o caminho para o Messias.

Esses líderes da tradição bíblica apresentam fundamentos de liderança que apontam para Jesus, a melhor referência de liderança encontrada nas Escrituras Sagradas. Diante disso, pode-se perguntar: de que forma Jesus, em questão de liderança, é cumprimento das Escrituras e das figuras bíblicas e inspirador dos líderes das comunidades cristãs contemporâneas?

4 O MODELO DE LIDERANÇA DE JESUS

Jesus, considerado para os cristãos, o maior líder de todos os tempos, não apenas deve ser aquele que além de permitir uma releitura das Escrituras e dos modelos de liderança da Antiga Aliança tem muito a ensinar e inspirar os líderes com o seu estilo de liderança, contribuindo para a formação de comunidades proféticas e missionais.

Desde o seu nascimento, em uma estrebaria de Belém, até sua morte na cruz, Ele viveu neste mundo durante menos de quarenta anos, deixando atrás de si apenas algumas centenas de seguidores, quando retornou aos céus. Jamais escreveu um livro, nunca ministrou aulas em seminários, nem mesmo deixou instruções detalhadas para seus discípulos. Após sua partida, Jesus enviou o Espírito Santo para auxiliá-los a retransmitir o que Ele havia feito e ensinado. Apenas alguns anos mais tarde, o movimento que iniciara já incluía milhares de novos adeptos. Em pouco tempo, seus seguidores se espalharam por todo o Império Romano, transmitindo as boas novas de Jesus. Após cinco gerações, o número de cristãos havia atingido a marca de milhões. Dois mil anos se passaram. Hoje, o número atual de seus seguidores já soma mais de um bilhão de pessoas, e a cada novo ano juntam-se a essa cifra milhões de novos cristãos. A organização fundada por ele – a igreja – possui ramificações em todos os países do globo. Ironicamente, no entanto, seu ministério público durou menos de quatro anos. Sem qualquer treinamento formal e enfrentando perigos e poderosos opositores, que visavam matá-lo, Ele inspirou tamanha lealdade em seus seguidores, que estes se mostraram dispostos a dar suas vidas por Ele. Ele é o filho de Deus e o maior líder que este mundo conheceu [...] (BRINER; PRITCHARD, 2009, p. 11).

O exame das Escrituras confirma Jesus como o maior líder da história do povo de Deus. De acordo com a tradição bíblica, três ofícios paradigmáticos podem ajudar a recolher os traços de uma liderança: profeta, sacerdote e rei. Nenhuma dessas categorias, porém, tem uma definição estática, elas foram evoluindo ao longo da história até o seu cumprimento em Jesus Cristo, o que significou não somente a ressignificação de cada uma delas, mas até mesmo a sua superação.

“O profeta falava as palavras de Deus ao povo; o sacerdote oferecia sacrifícios, orações e louvores a Deus em favor do povo; e o rei governava o povo como representante de Deus. Esses três ofícios prefiguravam a própria obra de Cristo de várias maneiras” (GRUDEM, 1999, p. 523). De acordo com Langston,

estas personagens eram as três mais importantes da história. Os profetas, os sacerdotes e os reis são, em certo sentido, os precursores de Jesus Cristo. Jesus exerceu estes três ofícios da maneira mais perfeita que se pode

imaginar. Nunca houve um rei que governasse tão sabiamente como ele, nunca houve um sacerdote que oferecesse um sacrifício tão completo e perfeito, e nunca houve profeta que interpretasse tão fielmente os atos e a vontade de Deus e desfizesse as trevas da ignorância que envolviam a raça. (LANGSTON, 2019, p. 114).

Esses paradigmas podem ser vistos no ministério de Jesus como um todo. Entretanto, William Hendriksen destaca que, em cada Evangelho, embora Jesus seja retratado como o Messias muitíssimo esperado, enviado pelo Pai e ungido pelo Espírito para ser o nosso Grande Profeta, compassivo Sumo Sacerdote e o Rei Eterno, é o ofício profético o que sobressai de forma proeminente em Mateus, o ofício real em Marcos e o sumo sacerdotal em Lucas” (HENDRIKSEN, 2001b, p. 123).

Dessa forma, é possível considerar que a liderança de Jesus foi profética, sacerdotal e real, de acordo com os valores do seu reino, mas sobretudo, uma liderança discipuladora, servidora e pastoral. A partir dessas noções busca-se fazer uma síntese para destacar, nos traços da liderança de Jesus, alguns fundamentos de liderança que poderão inspirar os líderes atuais em sua atuação na formação de comunidades cristãs.

4.1 LIDERANÇA PROFÉTICA

A atuação dos profetas ocorreu de forma muito clara e não menos conflitiva no período do Antigo Testamento.

Aqui é possível retornar a alguns aspectos, de forma complementar e sintética ao que se identifica na figura paradigmática do profeta Elias e de João Batista, mas olhando para Jesus, cumprimento da lei e dos profetas (Mt 5,17-19).

A atuação dos profetas se deu de forma decisiva no período dos juízes, dos reis e do exílio de Israel. Em períodos de distanciamento dos propósitos de Deus para o seu povo, os profetas se levantavam para trazer o povo de volta à aliança e ao compromisso firmado pelos seus antepassados.

Quando o rei Josias ouviu a leitura do livro da lei encontrado durante a reforma do templo, rasgou as suas vestes em sinal de tristeza e pediu que os seus auxiliares consultassem a profetisa Hulda sobre o futuro do seu povo que tanto se afastara dos propósitos de Deus.

Berkof destaca as atribuições dos profetas:

Era dever dos profetas revelar a vontade de Deus ao povo. Isto podia ser feito na forma de instrução, admoestação e exortação, promessas gloriosas ou censuras severas. Eles eram os monitores ministeriais do povo, os intérpretes da lei, especialmente nos seus aspectos morais e espirituais. Era seu dever protestar contra o mero formalismo, acentuar o dever moral, fazer ver a necessidade do serviço espiritual e promover os interesses da verdade e da justiça. Se o povo se afastava das veredas do dever, eles tinham que chamá-lo de volta à lei e ao testemunho, e anunciar o iminente terror do Senhor sobre os ímpios (2012, p. 610).

Berkof também afirma que a obra dos profetas “estava intimamente relacionada com as promessas da graça de Deus para o futuro. Era seu privilégio descrever as coisas gloriosas que Deus tinha em depósito para o Seu povo” (2012, p. 610).

Dentre “as promessas da graça de Deus” merece destaque a do envio do Messias, ungido de Deus, para trazer salvação ao seu povo.

O nascimento de Jesus, seu ministério, seu sofrimento, morte e ressurreição foram profetizados pelos profetas. Jesus foi o cumprimento das profecias a respeito do Messias. Hendriksen afirma que, no evangelho de Mateus,

Jesus é não somente o cumprimento da profecia; ele mesmo é também, de forma muito específica, o profeta. Como tal, ele é maior do que Jonas (12.39-41; cf. Lc 11.29-32), nos lembra vividamente de Isaías (13.13-15) e cumpre a predição dada a Moisés. Realmente, ele é o glorificado, o que devia vir e a quem o povo precisa ouvir (Dt 18.15-19; Mt 17.5). Como o profeta de Deus ele revela a vontade de seu Pai em tudo quanto é, diz e faz [...] (2001d, p. 123).

Certa ocasião Jesus perguntou aos seus discípulos: “No dizer dos homens, quem é o Filho do homem?”. Eles disseram: “Para uns, João, o Batista; para outros, Elias; para outros ainda, Jeremias ou algum dos profetas”. Ao receber essa resposta, Jesus se voltou para os discípulos e perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou? Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,13-16).

De acordo com a resposta dos discípulos, a opinião pública não reconhecia Jesus como o Messias, mas o reconhecia como um profeta.

Quando da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (BÍBLIA, 2020), toda a cidade se alvoroçou “e as multidões respondiam: É o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia!” (Mt 21,11). Os principais sacerdotes e os fariseus, “procuravam prendê-lo, mas tiveram medo das multidões, pois elas o consideravam como profeta” (Mt 21,46).

Autoridades judaicas enviaram sacerdotes e levitas para interrogarem João Batista, perguntando: “Quem és tu?”. Ele fez uma declaração sem restrição; declarou: ‘Eu não sou o Cristo’. E eles lhe perguntaram: ‘Quem és tu? És Elias?’. Ele respondeu: ‘Eu não sou Elias’ – ‘És tu o Profeta?’. Ele respondeu: ‘Não’” (Jo 1,19-21).

Os sacerdotes e levitas não perguntam a João se ele era um profeta. Eles especificaram: “És tu o profeta?” Cullmann lembra que a esperança judaica aguardava o retorno de um determinado profeta, de acordo com a profecia de Moisés em Dt 18,15:

O Eterno, teu Deus, suscitará dentre teus irmãos um profeta como eu’. Este texto tem uma importância capital para a noção de ‘profeta’. Sem dúvida, não se trata aqui de um retorno do próprio Moisés, mas da aparição, no fim dos tempos, de um profeta que se lhe assemelhará (CULLMANN, 2008, p. 35).

Carson assevera que “a promessa de um profeta como Moisés que falaria as palavras de Deus (Dt 18,15-18) foi logo compreendida como uma referência a um personagem especial do fim dos tempos; de fato, os samaritanos identificavam esse profeta com o Messias prometido” (CARSON, 2007, p. 143). De acordo com Cullmann

na época do Novo Testamento, a profecia, como profissão regular e organizada, já não existia no judaísmo. Por outro lado, quase não havia mais profetas no sentido especificamente israelita do termo, quer dizer, homens visitados pelo Espírito, que recebiam de Deus uma vocação particular” (CULLMANN, 2008, p. 73).

Jesus, entretanto, assim como os profetas do Antigo Testamento, foi a voz de Deus para o seu povo, em sua geração. Seus ouvintes tinham a convicção de que Ele falava as palavras de Deus com a autoridade de um profeta ou, como Cullmann destaca, não apenas mais um profeta, mas o profeta, o último que deveria cumprir toda profecia, no fim dos tempos (2008).

Langston lembra que “o profeta representava Deus diante dos homens. E o seu verdadeiro trabalho era interpretar os atos e os planos de Deus e fazer conhecida aos homens a sua vontade” (2019, p. 115). Entretanto, a proclamação de Jesus

aponta não só para seu ensino, mas para si próprio, ou seja, para a revelação de que ele é o Messias prometido, aquele em que Deus está presente em pessoa, não apenas pela ação do Espírito Santo, mas também por ele ser o próprio Deus, Emanuel, ‘Deus conosco’ (Mt 1.23), agindo entre seu povo (FERREIRA; MYATT, 2007, p. 563).

Jesus procurou transmitir e interpretar a palavra de Deus às pessoas da sua época. Os evangelhos estão repletos de palavras e ensinamentos de Jesus. O sermão do monte (Mt 5-7 e Lc 6), o sermão profético (Mt 23-24) e o último discurso aos seus discípulos, (Jo 14-16), representam o interesse de Jesus em compartilhar os oráculos de Deus aos seus discípulos.

Jesus exerceu o ministério profético em sua proclamação do reino de Deus. Ele ensinava segundo o que recebeu do Pai. 'O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou' (Jo 7.16). Portanto, o ensino dele tinha autoridade diferente da dos escribas (Mt 7.29). Através de parábolas (Mt 13), exposições do Antigo Testamento (Lc 24.27), conversas com indivíduos (Jo 3) e sermões (Mt 5-7), Jesus revelou a palavra de Deus (FERREIRA; MYATT, 2007, p. 561).

Grudem entende que “no sentido mais amplo da palavra profeta, significando simplesmente alguém que revela Deus a nós e nos transmite as palavras de Deus, Cristo é evidentemente um profeta de modo verdadeiro e completo” (1999, p. 525).

Vale a pena lembrar que Jesus, não apenas proclamou a palavra de Deus à sua geração. Ele foi a própria palavra. O *Logos* de Deus se encarnou na pessoa de Jesus de Nazaré. Eis a razão da coerência entre aquilo que Ele era, dizia e fazia (BÍBLIA, 2020): “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós e nós vimos a sua glória; glória essa que, Filho único cheio de graça e de verdade, ele tem da parte do pai” (Jo 1,14). Essa também era a razão da sua autoridade ao falar as palavras de Deus aos seus discípulos.

Jesus não era meramente um mensageiro da revelação de Deus (como todos os outros profetas), mas era ele mesmo a fonte da revelação de Deus. Em vez de dizer, como todos os profetas do Antigo Testamento disseram: “Assim diz o Senhor”, Jesus podia começar o ensino com autoridade divina, com a assombrosa declaração: “Eu porém vos digo” (Mt 5.22). A palavra do Senhor veio aos profetas do Antigo Testamento, mas Jesus falou com sua própria autoridade como o Verbo eterno de Deus (Jo 1.1) que revelou perfeitamente o Pai a nós (Jo 14.9; Hb 1.1-2) (GRUDEM, 1999, p. 525).

Lucas registra a visita de Jesus a um fariseu, rígido cumpridor da Lei de Moisés que oferece alguns elementos que podem ajudar na compreensão da atuação de Jesus como profeta.

Enquanto estavam sentados à mesa, na casa do fariseu, uma mulher entrou no ambiente onde estavam e ‘roubou a cena’ com a sua atitude de humilhação diante

de Jesus, pois “vindo por detrás, em lágrimas aos pés de Jesus, ela se pôs a banhar os seus pés de lágrimas; enxugava-os com os seus cabelos, cobria-os de beijos e derramava perfume sobre eles” (Lc 7,38).

Lucas não apresenta o nome da mulher e só no verso 40 apresenta o nome do fariseu. Uma personagem anônima chamou a atenção sem pronunciar uma única palavra. Ela entrou e saiu em silêncio. Entretanto, sua atitude foi suficiente para falar sobre o seu quebrantamento, arrependimento e disposição para mudar de vida.

Ao ver a atitude da mulher e a reação de Jesus, “o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: ‘Se este homem fosse um profeta, saberia quem é esta mulher que o toca, e o que ela é: uma pecadora’” (Lc 7,39).

Marshall destaca que “por trás da afirmação estão as duas suposições do fariseu, de que um profeta não se deixaria tocar por uma mulher pecadora e, portanto, impura, e que a marca de um profeta é a clarividência” (1978, p. 309).

No entendimento de Simão, se Jesus fosse um profeta, saberia quem era aquela mulher e a impediria de fazer o que estava fazendo. Hendriksen descreve de uma maneira muito clara o sentimento desse típico fariseu ao afirmar que ele

se sente profundamente ofendido pelo que a mulher está fazendo. Além disso, sente-se ferido em seus brios pelo fato de Jesus tolerar tal conduta por parte dela. Simão se põe a perguntar a si se Jesus realmente é um profeta. Se tivesse sido, já não era mais. Ele está convencido de que, se Jesus fosse profeta, imediatamente teria discernimento quanto ao caráter dessa intrusa de baixa categoria, essa ‘pecadora’. Teria despedido essa mulher de reputação infame. Simão, com sua autojustiça, não entendia - ou não queria crer - que Jesus se associasse com os pecadores para que os mesmos se convertessem e fossem salvos (HENDRIKSEN, 2001b, p. 545).

Mendonça destaca a perplexidade de Simão. Aquele que parecia ter certeza quanto à identidade profética de Jesus, agora tem dúvidas que isso seja verdade diante dos acontecimentos na sala da sua casa. Eis a questão central do texto: Jesus é ou não um profeta? O professor Pedro Rubens Ferreira Oliveira, ao analisar o texto de Mendonça, destaca que

o autor confirma sua hipótese de construção narrativa da identidade de Jesus no texto lucano, não sem evidenciar uma crise do paradigma profético (MENDONÇA, 2018a, p. 137). E, para deixar o leitor ser guiado pelo narrador do Terceiro Evangelho, outra questão emerge: até que ponto o título de profeta abarca a novidade de Jesus? O enigma de Jesus desvela-se, progressivamente, na narrativa de Lucas 7, e o episódio da intrusa que vai, silenciosamente, ao encontro de Jesus, revela o cerne da novidade de sua

missão salvífica, a saber, o encontro com os pecadores (cap. 9). Dito de outra forma, retomando algumas belas formulações do autor: ‘uma pecadora (que nos leva a Jesus)’ (MENDONÇA, 2018, p. 143) e Ele ‘revela-se não apenas o hermeneuta do coração humano, [...] mas também o intérprete competente do desígnio de Deus nas circunstâncias da história’ (MENDONÇA, 2018, p. 152). Jesus manifesta, diante daquela mulher inominada, que seu ministério é a salvação, intrinsecamente relacionada à fé, como Ele atesta de forma lapidar: ‘a tua fé te salvou’ (Lc 7,36) (OLIVEIRA, 2020, p. 423).

Jesus sabia muito bem que aquela mulher era uma pecadora! Não precisava que lhe falassem ou prevenissem a respeito dela. Ele conhecia a sua realidade de vida. Conhecia as dores, decepções, angústias e pecados. Conhecia o seu coração quebrado e quebrantado por tantos desencontros. Mesmo assim a acolheu, como procurou acolher a todos que dele se aproximaram.

De acordo com Mendonça, essa foi “sobretudo oportunidade para Jesus se revelar como o grande conhecedor do coração humano e para que, narrativamente, se juntassem dois títulos que, antes, apareceriam isoladamente: o de profeta e o de perdoador de pecados” (MENDONÇA, 2018, p. 171).

Somente Deus é capaz de perdoar pecados. Por isso, mais do que um profeta, Jesus foi o próprio Filho de Deus com a autoridade de perdoar os pecados.

Ele foi considerado amigo de publicanos e pecadores. Ele se identificava com todas as pessoas, procurando levá-las a Deus. Ele “manteve uma reconhecida convivialidade com gente moralmente impura” (MENDONÇA, 2018, p. 175). Ao ter essa amizade questionada, disse que “os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento” (Lc 5,31-32).

Mendonça destaca que “os mortos que Jesus toca, ressuscitam; os leprosos são purificados; a hemorroíssa fica sarada; o cego passa a ver; a pecadora é perdoada dos seus pecados. Jesus coloca as pessoas em relação com Deus” (2018, p. 175).

Jesus conhecia o coração daquela mulher pecadora e, vendo o seu quebrantamento, a despeito do seu passado, a acolheu e perdoou os seus pecados, dando-lhe uma nova oportunidade para viver segundo o propósito de Deus.

Tendo em vista a dúvida de Simão quanto à sua identidade e autoridade profética, Jesus contou-lhe uma parábola:

Um credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentas moedas de prata, o outro, cinquenta. Como não tivessem com que pagar, ele perdoou a dívida de ambos. Qual dos dois o amará mais? Simão Pedro respondeu: ‘Penso que aquele a quem ele perdoou a maior dívida’. Jesus lhe disse: ‘Julgaste bem’. E voltando-se para a mulher, ele disse a Simão: ‘Estás vendo esta mulher?’

Eu entrei em tua casa: tu não me derramaste água sobre os pés, mas ela banhou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Tu não me beijaste, mas ela desde que entrou, não cessa de me cobrir os pés com beijos. Tu não derramaste óleo perfumado sobre a minha cabeça, mas ela derramou perfume sobre os meus pés. Se eu te declaro que os seus pecados tão numerosos foram perdoados, é porque ela mostrou muito amor. Mas aquele a quem se perdoa pouco, testemunha pouco amor. Ele disse à mulher: 'os teus pecados foram perdoados.' Os convivas se puseram a dizer consigo mesmos: 'Quem é este homem que chega a perdoar os pecados?'. Jesus disse à mulher: 'A tua fé te salvou. Vai em paz' (Lc 7,41-50).

Jesus perguntou a Simão: “Estás vendo esta mulher?” (7,44). Não há dúvida que ele estava vendo a mulher. Entretanto, Jesus não via aquela mulher apenas como uma pecadora indigna de entrar na sua casa e, muito menos, de beijar os pés do Mestre. Jesus olhava as pessoas e via o coração, o sentimento, o desejo de experimentar uma nova vida. Ele viu naquela mulher o arrependimento, o desejo de encontrar perdão para os seus pecados e mudar de vida. “Lucas não nos coloca perante doutrinas ou virtudes morais: apresenta-nos uma pessoa como único referencial” (MENDONÇA, 2018, p. 175).

Em suma, percebe-se, em Lucas, o movimento de cumprimento e superação do paradigma profético em Jesus

A questão respondida negativamente pelo fariseu, no início do relato, volta à pauta (cap. 8): Jesus é ou não um profeta? (MENDONÇA, 2018a, p. 121). O autor confirma sua hipótese de construção narrativa da identidade de Jesus no texto lucano, não sem evidenciar uma crise do paradigma profético (MENDONÇA, 2018a, p. 137). E, para deixar o leitor ser guiado pelo narrador do Terceiro Evangelho, outra questão emerge: até que ponto o título de profeta abarca a novidade de Jesus? (OLIVEIRA, 2020, p. 423).

A pergunta é, de certa forma retórica, porque já orienta uma resposta na linha do cumprimento que abraça todos os profetas e os supera, fazendo de Jesus o profeta dos profetas, aquele que falou em nome de Deus, encarnando sua Palavra. Nesse sentido, a liderança profética de Jesus oferece uma referência e uma perspectiva de superação dos modelos ou sua atualização.

4.2 LIDERANÇA SACERDOTAL

Além de ser profeta, Jesus foi reconhecido como sacerdote mas, ao oferecer a si mesmo como sacrifício, acabou cumprindo e superando a categoria sacerdotal,

enquanto sacrifício perfeito e suficiente, realizado “uma vez por todas” (Hb 7,27; 9,12; 9,26; 9,28; 10,10).

Berkof faz uma abordagem interessante sobre a diferença entre o profeta e o sacerdote:

Ambos receberam de Deus o seu encargo, mas o profeta foi nomeado para ser representante de Deus junto ao povo, para ser Seu mensageiro e para interpretar a Sua vontade. [...] Por outro lado, o sacerdote era representante do homem junto a Deus. Tinha o especial privilégio de aproximar-se de Deus, e de falar e agir em favor do povo. É verdade que, na antiga dispensação, os sacerdotes também eram mestres, mas o seu ensino diferia do ensino dos profetas. Ao passo que estes acentuavam os deveres, responsabilidades e privilégios morais e espirituais, aqueles salientavam as observâncias rituais envolvidos num adequado acesso a Deus (BERKOF, 2012, p. 354).

Os sacerdotes foram estabelecidos para desenvolver o sistema sacrificial determinado pela Lei de Moisés. Quando alguém desejava oferecer uma oferta de gratidão ou suplicar o perdão para os seus pecados, o sacerdote representava essa pessoa diante de Deus. Grudem nos lembra que,

no Antigo Testamento, os sacerdotes eram designados por Deus para oferecer sacrifícios. Eles também ofereciam orações e louvores a Deus em favor do povo. Ao agir assim ‘santificavam’ as pessoas, ou tornavam-nas aceitáveis à presença de Deus, se bem que de forma limitada durante o período do Antigo Testamento. No Novo Testamento, Jesus tomou-se nosso grande sumo sacerdote (1999, p. 525).

João Batista (BÍBLIA, 2020) se referiu a Ele como “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). Paulo afirmou que “Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1Cor 5,7). Pedro destaca que Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus (1Pd 3,18). Jesus foi, não apenas o sacerdote, mas o próprio sacrifício em favor de toda a humanidade.

De acordo com Calvino, é preciso considerar a finalidade e a aplicação do sacerdócio de Cristo, ou seja, para

ser ele um Mediador limpo de toda mancha, o qual, por sua santidade, concilia Deus conosco. Mas, visto que justa maldição nos barra o acesso, e em função de seu ofício de Juiz, Deus nos é contrário, para que o sacerdote nos alcance seu favor a fim de aplacar-se a ira do próprio Deus, faz-se necessário que intervenha uma expiação. Portanto, para que Cristo desempenhasse este ofício, ele teve que apresentar-se com um sacrifício (FERREIRA; MYATT, 2007, p. 564).

A abordagem desse tema tem uma importante conexão entre o Antigo e Novo Testamentos. O livro de Levítico, no Pentateuco, apresenta o sistema sacrificial do Antigo Testamento. A carta aos Hebreus apresenta Jesus como o sumo sacerdote e o próprio sacrifício. Levítico é um vislumbre do sacrifício definitivo e suficiente que o próprio Filho de Deus ofereceria pelos pecados da humanidade. Os sacrifícios apresentavam um caráter cerimonial, simbólico, espiritual e tipológico. “Eram de caráter profético, prefigurando os sofrimentos de Cristo e sua morte expiatória” (FERREIRA; MYATT, 2007, p. 565).

Ao falar sobre o sacrifício oferecido no tabernáculo, o autor de Hebreus (BÍBLIA, 2020) afirma:

É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto, os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma (Hb 9,9-10).

Por essa razão, Berkof acrescenta que os sacrifícios apresentados no Antigo Testamento “em si mesmo não eram eficazes para expiar transgressões morais. Não constituíam o sacrifício real que poderia expiar a culpa moral e remover a corrupção moral, mas eram somente sombras da realidade por vir” (2012, p. 358).

Ele ainda acrescenta: “é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados” (Hb 10,4), lembrando que a lei é “sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas e, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles ofereciam” (Hb 10,1). Por isso, Ferreira destaca que

os sacrifícios do Antigo Testamento não constituíam o sacrifício real, que expiaria a culpa e removeria o pecado na antiga aliança, sendo apenas sombras da realidade por vir, não tendo o poder de remover pecados. Mas, por outro lado, eles apontavam para o sofrimento e a morte vicária de Cristo, salvando à medida que o fiel fixava a atenção na redenção prometida (FERREIRA; MYATT, 2007, p. 565).

De acordo com Hebreus 2,17-18, era necessário que Jesus se tornasse semelhante aos seres humanos, para se identificar com eles em seus sofrimentos, “a fim de se tornar sumo sacerdote misericordioso, ao mesmo tempo que acreditado junto a Deus para apagar os pecados do povo. Pois já que ele mesmo passou pela

provação, está em condições de prestar socorro aos que são provados” (BÍBLIA, 2020). Ele garante a todo aquele que nele crê, livre acesso a Deus.

É por meio desse sumo sacerdote, por meio da sua intercessão, que o ser humano tem acesso a Deus e pode, livremente, suplicar o seu favor:

Tendo pois um sumo sacerdote eminente que atravessou os céus, Jesus, o Filho de Deus, permaneçamos firmes na confissão da fé. De fato, nós não temos um sumo sacerdote incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas; à nossa semelhança, ele foi provado em tudo, sem todavia pecar. Aproximemo-nos pois com toda a segurança do trono da graça, a fim de obter misericórdia e alcançar graça, para ser auxiliados a seu tempo (Hb 4,14-16).

Moisés, segundo a orientação de Deus, construiu o tabernáculo na forma de uma tenda que acompanhou o povo de Israel durante os anos de peregrinação no deserto.

Nesse santuário, encontrava-se o Lugar Santo e o Santo dos Santos que eram separados por um véu. No Lugar Santo, somente o sumo sacerdote entrava, sozinho, uma vez por ano, para oferecer um sacrifício pelos próprios pecados e pelos pecados acumulados do povo.

Mateus registra que, quando Jesus morreu, “o véu do Santuário rasgou-se em duas partes de alto a baixo; a terra tremeu, os rochedos se fenderam” (Mt 27,51). Por essa razão o autor da Epístola aos Hebreus afirma que, pelo sacrifício de Jesus, é garantido acesso ao santuário, pois Ele inaugurou esse novo e vivo caminho através do véu, “isto é, através da sua humanidade. E temos um sacerdote eminente constituído sobre a casa de Deus. Aproximemo-nos pois com um coração reto e na plenitude da fé, o coração purificado de toda falta de consciência e o corpo lavado por uma água pura” (Hb 10,19-22).

Jesus, como grande sacerdote sobre a casa de Deus, abriu o caminho, permitindo que qualquer pessoa possa ter acesso à presença de Deus, ao Santo dos Santos, para suplicar o perdão dos seus pecados, pedir a sua misericórdia e ainda, interceder por outras pessoas que, da mesma maneira carecem do seu favor. “Como nosso perfeito sumo sacerdote, ele continuamente nos conduz à presença de Deus, de forma que não temos mais a necessidade de um templo em Jerusalém nem de um sacerdócio especial que se coloque entre nós e Deus” (GRUDEM, 1999, p. 525).

Stott destaca que, enquanto os sacerdotes representavam o povo diante de Deus, de maneira especial, quando ofereciam os sacrifícios, os profetas transmitiam ao povo os oráculos de Deus. Entretanto,

na nova aliança, esse duplo ministério de mediação agora é exercido somente por Jesus Cristo. É por intermédio de Cristo que nós chegamos a Deus; e é por meio de Cristo que Deus fala conosco. Ele é o único sacerdote por meio de quem temos acesso a Deus, e o único profeta por meio de quem desfrutamos do conhecimento de Deus (STOTT, 2021, p. 77).

Por meio de Jesus e de seu sacrifício, não existe mais a necessidade de mediadores. Qualquer pessoa pode se aproximar de Deus pela fé no seu sacrifício “pois há um só Deus e também um só mediador entre Deus e os homens, um homem: Cristo Jesus, que se entregou como resgate por todos” (1Tm 2,5-6).

De fato, “Jesus abriu para nós a via de acesso a Deus para que nos aproximemos continuamente da presença do próprio Deus sem temor, mas com ‘intrepidez’ e com ‘plena certeza de fé’” (GRUDEM, 1999, p. 526). Ele garantiu a todos os que nele creem o benefício do acesso a Deus pois só Ele, sendo o próprio sacrifício, poderia conceder. Na linguagem do profeta:

na verdade, são os nossos sofrimentos que ele carregou, foram as nossas dores que ele suportou, e nós, o considerávamos atingido, golpeado por Deus e humilhado. Ele, porém, era desonrado por causa das nossas revoltas, triturado por causa das nossas transgressões: a sanção, garantia de paz para nós, estava sobre ele, e nas suas chagas encontrava-se cura para nós. Nós todos, como ovelhas, éramos errantes, cada um de nós seguia o seu caminho, e o SENHOR fez recair sobre ele a iniquidade de todos nós (Is 53,4-6).

O sacrifício de Jesus foi vicário, isto é, ele tomou o lugar da humanidade, carregando e assumindo sobre si todas as suas dores. Nesse sentido, a pena pelos pecados, que deveria ser lançada sobre a humanidade, foi lançada sobre ele. Por isso, o seu sacrifício foi único e suficiente. Por essa mesma razão, não existe mais a necessidade de oferecer sacrifícios para conseguir o perdão dos pecados. O sacrifício que ele mesmo fez em favor de toda a humanidade é suficiente, tendo em vista que

não foi por oferecer-se a si mesmo reiteradas vezes, como o sumo sacerdote que entra todos os anos no santuário com sangue estranho. Pois, neste caso, ele teria precisado sofrer repetidas vezes desde a fundação do mundo. De fato, foi uma só vez, no fim dos tempos, que ele foi manifestado para abolir o pecado com seu próprio sacrifício. E como o destino dos homens é morrer uma só vez, após o que vem o julgamento, assim Cristo foi oferecido uma só

vez para tirar os pecados da multidão, e aparecerá uma segunda vez sem mais relação com o pecado, aos que o aguardam para a salvação (Hb 9,25-28).

Stott destaca que “desde a cruz, não se podem mais oferecer sacrifícios por pecados” (2021, p.77), pois o sacrifício de Jesus foi suficiente de uma vez por todas! Ele acrescenta:

os privilégios direcionados a Deus remanescentes do sacerdócio têm, por intermédio da obra de Cristo, sido herdados por todo o povo de Deus. Todos nós podemos nos aproximar de Deus, e ter “intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus”. Todos nós somos convidados a oferecer “sacrifícios espirituais” no nosso culto. E todos nós devemos orar uns pelos outros. Nenhum desses ministérios pertence, como pertenciam nos dias do Antigo Testamento, a uma casta privilegiada, ou seja, ao clero em distinção dos leigos (STOTT, 2021, p. 77).

Stott também destaca o ministério pastoral exercido pelos sacerdotes do Antigo Testamento. Além do ofício no tabernáculo e no templo, eles tinham a responsabilidade de cuidar do povo de Deus e ensinar-lhe as suas Leis (STOTT, 2021), com o objetivo de orientar o povo quanto às exigências da Lei para terem as suas ofertas aceitas por Deus. Eles “tinham um ministério voltado para o povo. Nessa função, eles cuidavam do bem-estar do povo; ensinavam-lhes a lei; abençoavam o povo, isto é, pediam ou pronunciavam a bênção de Deus sobre ele; e agiam como juízes e tomavam decisões.” (STOTT, 2021, p. 77)

Grudem lembra que Jesus, como sacerdote, também ora, intercede, continuamente, pela humanidade. Ele afirma que, o simples

pensar que Jesus está orando continuamente em nosso favor deve dar-nos grande ânimo. Ele sempre ora por nós, de acordo com a vontade do Pai, de modo que podemos saber que seus pedidos serão atendidos. Berkhof diz: É um consolo pensar que Cristo está orando por nós, mesmo quando somos negligentes em nossa vida de oração; que ele está apresentando ao Pai aquelas necessidades espirituais que não estavam presentes em nossa mente e que nós com freqüência deixamos de incluir em nossas orações; e que ele ora por nossa proteção contra os perigos dos quais não temos nem sequer consciência, e contra os inimigos que nos ameaçam, apesar de não os percebemos. Ele está orando para que nossa fé não se acabe e para que no final possamos chegar à vitória (GRUDEM, 1999, p. 527).

Havia, no sistema sacrificial do Antigo Testamento, uma série de exigências para que um sacrifício fosse aceito. Ao sacrificar um cordeiro, este não poderia ter qualquer defeito. Deveria ser perfeito (Ex 29,1).

Jesus foi o Cordeiro de Deus, o sacrifício perfeito para a salvação de toda a humanidade. Deus ofereceu ao mundo o seu próprio Filho. Ele foi o sacerdote e o sacrifício providenciado por Deus para toda a humanidade. Assim, todos os líderes poderão perceber um sentido amplo do tipo de sacerdócio, superando a instituição sacerdotal antiga e inaugurando um novo sentido a partir do próprio Cristo.

4.3 LIDERANÇA DE ACORDO COM OS VALORES DO REINO DE DEUS

Havia, nos dias de Jesus, uma expectativa de que o Messias viria ao mundo para restaurar o reino unido de Israel, libertando-o do Império Romano e estabelecendo um reino de justiça e paz.

Por essa razão, o povo de Israel teve dificuldades para aceitar que o seu rei seria preso, humilhado pelos soldados romanos e, por fim, crucificado. Essa foi a grande dificuldade para que o povo de Israel o identificasse como o Messias.

Em certa ocasião Jesus, “sabendo que viriam arrebatá-lo para fazê-lo rei, retirou-se de novo, sozinho, para a montanha” (Jo 6,15). Bruce lembra que a multidão “como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34) era um exército procurando um comandante para conduzi-la contra os romanos. Carson afirma que

a razão pela qual Jesus se retirou (ou 'fugiu': os testemunhos variam) para uma montanha (mais acima nas colinas de Golã) sozinho, deixando seus discípulos para cruzar o lago por conta própria (vv. 16ss.) foi seu conhecimento, sobrenatural ou meramente perspicaz, que as multidões pretendiam vir e fazê-lo rei pela força. A justaposição dos v. 14 e v. 15 pressupõe que as pessoas que pensam que Jesus pode muito bem ser o profeta escatológico (v. 14) entendem que o papel desse profeta é simultaneamente real. Se o primeiro profeta, Moisés, havia tirado o povo da escravidão do Egito, certamente o segundo o ajudaria a escapar da servidão a Roma. Os próprios galileus, é claro, não estavam diretamente sob um governador romano, como os judeus, mas Herodes Antipas, seu governante, era apenas um fantoche romano. Isso não significa necessariamente que eles entendem que Jesus está na linhagem davídica. Em outra parte do Quarto Evangelho, encontramos algumas pessoas fazendo distinção entre o profeta prometido e o Messias davídico (1,19–25; 7,40–42). [...] Os desejos dessa multidão não constituem evidência de uma estrutura teológica bem formulada. Em vez disso, eles haviam testemunhado ou ouvido falar dos milagres de cura de Jesus e foram alimentados com alimentos fornecidos por seu poder milagroso. Certamente nada poderia impedir tal pessoa de ser o poderoso libertador que tantos filhos de Israel almejavam. E se ele não estava disposto a assumir as prerrogativas e responsabilidades de tal liderança, eles estavam mais do que dispostos a forçar a questão, fomentando uma rebelião, coroando-o rei e provocando uma resposta das autoridades – forçando-o

assim a assumir o manto que eles tinham em mente para ele (CARSON, 1991, p. 271).

Jesus sabia que ele não seria um rei como os demais reis e nem o seu reino seria como os demais reinos do mundo. Nesse sentido, cada vez que se falou de Jesus Cristo como rei, do seu nascimento até a cruz, houve uma ambiguidade e um conflito de interpretações, não poucas vezes, com consequências violentas.

Os evangelhos ajudam a compreender muitas verdades sobre o reino de Deus e o seu Rei, em toda sua complexidade, indicando mais pontos de incompreensão que de aceitação pacífica.

Alguns autores destacam que Mateus seria o 'Evangelho do Rei' e teria sido escrito, principalmente, para leitores judeus e "uma vez que a realeza depende da linhagem, era importante determinar o direito de Jesus ao trono de Davi. Mateus apresenta a linhagem humana de Jesus (Mt 1,1-17) bem como a divina (Mt 1,18-25)" (WIERSBE, 2006, p. 10). Possivelmente, a genealogia apresentada por Mateus seja relacionada à ascendência de José e a de Lucas seja relacionada a Maria (Lc 3,23-38) (WIERSBE, 2006).

A genealogia registrada por Mateus menciona Jesus como descendente do rei Davi. Mais tarde ele foi identificado como Filho de Davi. "Enquanto Jesus se retirava, dois cegos o seguiram gritando: 'tem piedade de nós, Filho de Davi' (Mt 9,27), bem como os dois cegos da cidade de Jericó: 'Senhor, filho de Davi, tem compaixão de nós' (Mt 20,30). Ao ver os milagres e curas que realizava, as multidões se admiravam e diziam: 'Não é este o filho de Davi?'" (Mt 12,23), associando-o ao Messias que seria da linhagem de Davi.

Alguns magos do Oriente foram a Jerusalém e perguntaram: "onde está o Rei dos judeus que acaba de nascer?" (Mt 2,1), deixando Herodes alarmado e a cidade agitada com o nascimento do novo rei. Anos depois, João Batista apareceu no deserto da Judéia pregando: "Convertei-vos: o Reinado dos céus aproximou-se!" (Mt 3,2). Brown e Coenen afirmam que "a mensagem do Batista era revolucionária, Deus está prestes a agir, a esperança de Israel seria logo cumprida; mas o cumprimento profético requer a purificação da nação de Israel, a fim de que a intervenção apocalíptica de Deus se realize" (2009, p. 2045). De acordo com Hendriksen,

João queria dizer que estava começando a dispensação na qual, pelo cumprimento das profecias messiânicas, o reino dos céus (ou o reinado de Deus), no coração e na vida dos homens, começaria a manifestar-se de uma

forma muito mais poderosa do que jamais aconteceu; em certo sentido já tinha chegado. Grandes bênçãos estavam reservadas para todos aqueles que, pela graça soberana, confessassem e abandonassem seus pecados e começassem a viver para a glória de Deus (HENDRIKSEN, 2001a, p. 278).

Depois que João Batista foi preso, Jesus foi morar em Cafarnaum, cidade marítima, onde os sinais do reino de Deus foram visíveis, cumprindo a profecia do profeta Isaías: “O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz; para os que jaziam na região sombria da morte levantou-se uma luz” (Mt 4.16).

Mateus conhece Jesus de Nazaré como o Cristo, o ungido de Deus em quem o reino de Deus já raiou. Isso significa, antes de tudo, que o homem deve ‘arrepender-se’, isto é, submeter-se a Deus (3:2; 4:17; 7:21). Deus é rei e o homem está sujeito. Somente quando o homem aceita esse relacionamento, sua rebelião ou indiferença dando lugar à obediência voluntária, uma nova liberdade e existência se abrem para ele (STAGG, 1969, p. 69).

Depois de ser batizado por João e sofrer a tentação no deserto, Jesus começou a pregar a mesma mensagem de João, entretanto, a outros lugares onde, provavelmente, ele não estivera anteriormente: “Converti-vos: o Reinado dos céus aproximou-se” (Mt 4,17).

Logo em seguida, “percorrendo toda a Galileia, ele ensinava em suas sinagogas, proclamava a Boa-Nova do Reino e curava toda a doença e enfermidade entre o povo” (Mt 4,23). Mateus deixa claro que o evangelho, a boa nova de Deus para a humanidade, era a chegada do reino dos céus e que Jesus “[...] não tinha vindo para conquistar Roma, mas para transformar o coração e a vida daqueles que cressem nele” (WIERSBE, 2006, p. 10). O reino de Deus não seria estabelecido num determinado território geográfico, mas no coração de todo ser humano que se arrependesse dos seus pecados e confiasse em Jesus.

O reino dos céus é uma boa notícia. Mateus pode falar do ‘evangelho do reino’ (4:23; 9:35; 24:14). Nos dias terríveis do louco rei Herodes, foi uma boa notícia que Deus é o verdadeiro Rei e que ele veio no ‘rei nascido dos judeus’ (2:2). Foi uma boa notícia quando Mateus escreveu, enquanto Jerusalém jazia em cinzas e Roma parecia governar o mundo. Para os enfermos e pecadores, era uma boa notícia, pois sua entrada no mundo novamente em Jesus Cristo foi acompanhada pela cura de todas as doenças e enfermidades (4:23; 9:35) e libertação do domínio das forças do mal (12:28). (STAGG, 1969, p. 69).

Essa mensagem foi pregada por João, por Jesus e, posteriormente, pelos apóstolos ao serem comissionados: “A caminho, proclamai que o Reinado dos céus

se aproximou” (Mt 10,7). De acordo com Ruppenthal Neto, Jesus “não apenas empregou o conceito inúmeras vezes em sua pregação, como também se valeu de parábolas e ditos apocalípticos para explicá-lo e proclamá-lo” (2020, p. 11).

As parábolas do reino foram usadas por Jesus para explicar de modo reservado aos discípulos “os mistérios do reino dos céus” (Mt 13,10). Utilizando figuras comuns aos seus ouvintes, Jesus expôs muitas verdades a respeito do reino de Deus.

Elas ensinam sua presença nas palavras e obras de Jesus, seu julgamento, seu chamado ao arrependimento, sua natureza e seu triunfo final e significado em contraste marcante com sua aparente pequenez e fraqueza como aparece pela primeira vez na pessoa e método de Jesus (STAGG, 1969, p. 151).

Na parábola do semeador, Jesus descreve a semente que é lançada em vários tipos de solo: o solo da beira do caminho, o solo pedregoso, o solo cheio de espinhos e o bom solo que produz a trinta, sessenta e a cem por um. A semente, disse Jesus, é a palavra do reino (Mt 13,18).

O reino dos céus também foi comparado por Jesus a um homem que semeou no seu campo a boa semente, mas enquanto os seus empregados dormiam (BÍBLIA, 2020), “veio o seu inimigo, semeou joio por cima bem no meio do trigo, e foi embora. Quando a erva cresceu e deu espigas, então apareceu também o joio” (Mt 13,25-26). A explicação da parábola é a seguinte: “O que semeia a boa semente é o Filho do Homem; o campo é o mundo; a boa semente são os súditos do Reino; o joio são os súditos do Maligno; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é o fim do mundo; os ceifeiros são os anjos” (Mt 13,37-39).

Jesus ainda comparou o reino ao grão de mostarda (Mt 13,31), ao fermento que, embora seja usado em pequena quantidade, leveda toda a massa (Mt 13,33), ao tesouro oculto no campo (Mt 13,44), a um negociador de pérolas que, achando uma de grande valor, “foi vender tudo o que tinha e comprou-a” (Mt 13,45) e a

uma rede que se lança ao mar, e que reúne peixes de toda espécie. Quando está cheia, puxam-na para a praia, depois sentados, juntam em cestos o que é bom e jogam fora o que não presta. Assim acontecerá no fim do mundo: os anjos sobrevirão e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha de fogo; lá haverá choro e ranger de dentes (Mt 13,47-50).

Ele ainda comparou o reino “a um senhor de casa que saiu de manhã muito cedo, a fim de contratar operários para sua vinha”, dando a todos o mesmo valor

referente à diária de um trabalhador, incluindo aqueles que não trabalharam o dia todo (Mt 20,1-16).

Ao contar a parábola dos dois filhos, mais uma vez Jesus destacou a necessidade de arrependimento para entrar no seu reino. O primeiro filho disse que atenderia a ordem do pai e iria trabalhar na vinha, mas não foi. O segundo filho disse que não atenderia a ordem do pai, mas depois, arrependido, foi trabalhar.

Jesus lhe disse: Em verdade, eu vos declaro, os coletores de impostos e as prostitutas vos precedem o Reino de Deus. Com efeito, João veio a vós no caminho da justiça, e vós não crestes nele; os coletores de impostos e as prostitutas, pelo contrário, acreditaram. E vós, mesmo vendo isto, nem sequer vos arrependestes para finalmente crer nele (Mt 21,31-32).

Como destaca Stagg, “publicanos e prostitutas, que não têm ilusões sobre si mesmos, entram no reino antes dos orgulhosos religiosos” (1969, p. 70).

Mateus ainda inclui outras parábolas no seu Evangelho: a parábola dos lavradores maus (Mt 21,33-46), a parábola das bodas (Mt 22,1-14), a parábola da figueira (Mt 24,32-33), a parábola do bom servo e do mau (Mt 24,45-51), a parábola das dez virgens (Mt 25,1-13) e a parábola dos talentos (Mt 25,14-30).

Marcos (BÍBLIA, 2020) inicia o evangelho relatando que Jesus “dizia: ‘Cumpriu-se o tempo, e o Reinado de Deus aproximou-se: convertei-vos e crede no Evangelho’” (Mc 1,14-15).

A expressão “o tempo está cumprido” significa que “o tempo do cumprimento das profecias messiânicas já chegou, o futuro invadiu o presente e, por isso, o Reino ‘está próximo’”. Significa ainda que “a vinda do Reino não era apenas um dado apocalíptico, uma vinda iminente, mas, de alguma maneira, o Reino já estava presente, o cumprimento profético estava em ação” (BROWN; COENEN, 2009, p. 2046).

De acordo com Turlington, essa expressão significa que aquilo que era vago e distante invadiu a nossa visão. Entretanto, “o verbo não diz exatamente que o reino chegou e está totalmente realizado agora. [...] Mas o triunfo de Deus está agora tão próximo que os poderes do mal estão sendo combatidos com sucesso, e o reino de Deus é visto claramente em seu Filho” (1969, p. 272).

Esse autor acrescenta que seria natural que os discípulos e os cristãos das primeiras igrejas, baseados nessa palavra registrada por Marcos, acreditassem que o fim de todas as coisas estava próximo.

Mas as palavras de Jesus e de Marcos não vão tão longe. O anúncio afirma que a nova ordem de Deus invadiu significativamente a história em Jesus. No entanto, a velha ordem ainda não acabou e a luta continua. Ainda há um chamado para se arrepender e acreditar (TURLINGTON, 1969, p. 272).

De acordo com Marcos, o mistério do reino de Deus (Mc 4,11) é, simplesmente, “a sua vinda à história antes da sua manifestação apocalíptica”, ou seja, “cumprimento sem consumação” (BROWN; COENEN, 2009, p. 2048).

O ministério de Jesus, incluindo a sua pregação, curas, milagres, expulsão de demônios, libertando as pessoas do reino das trevas para o seu reino (Cl 1,13), indicavam que o reino de Deus já chegara.

Não eram meros ‘sinais’ do Reino que estavam presentes, mas o próprio Reino. [...] O ‘dia do Senhor’ realizou-se na história, mas apenas em sua primeira etapa; somente à parusia, é que se consumará. Jesus inaugurou a nova era, ao vir à Terra, e após sua parusia consumará a história e fará com que a nova era exista isoladamente, sem o acompanhamento desta era. O Reino chegou prolepticamente, em antecipação e preparação decisivas da consumação final do plano de Deus, as profecias foram cumpridas! (BROWN; COENEN, 2009, p. 2047).

Ao descrever a consumação do reino, Mateus, encerra o sermão profético de Jesus com o grande julgamento, ocasião em que alguns receberão a permissão para entrar no reino e outros serão impedidos. O Rei dirá aos que estiverem à sua direita: “Vinde, benditos do meu Pai, recebi em herança o Reino que foi preparado para vós desde a fundação do mundo”. Aos que estiverem à sua esquerda, o Rei dirá: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25,34,41).

O evangelho de Lucas prefacia o ministério de Jesus com um acontecimento na sinagoga de Nazaré. Segundo o costume, Jesus levantou-se para ler.

Deram-lhe o livro do profeta Isaías, desenrolando-o, encontrou a passagem onde está escrito: O Espírito do SENHOR está sobre mim, porque me conferiu a unção para anunciar a Boa-Nova aos pobres. Enviou-me para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos, a recuperação da vista, para despedir os oprimidos em liberdade, para proclamar um ano de acolhimento da parte do SENHOR. Enrolou o livro, entregou-o ao servente e se assentou; todos na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então, ele começou a lhes dizer: ‘Hoje, esta escritura se realizou para vós que a ouvistes’. (Lc 4,17-21).

Jesus poderia ter lido várias outras partes do extenso livro do profeta Isaías. Entretanto, preferiu ler o texto do capítulo 61,1-3 e depois afirmar que ele era o

cumprimento dessa profecia, indicando as obras que iria realizar. Em outras palavras, Ele estava dizendo que era o Messias e estava trazendo o ano aceitável do Senhor. Como Ladd afirma:

a esperada visitação divina para libertar Seu povo já se iniciara, não era algo meramente iminente, era presente! Eis o escândalo da mensagem de Jesus para os judeus. João havia anunciado uma iminente visitação de Deus que iria significar o cumprimento da esperança escatológica e a vinda da era messiânica. Jesus proclamou que essa promessa estava sendo realmente cumprida. Não era um reino apocalíptico, mas uma salvação presente. Jesus não prometeu a seus ouvintes um futuro melhor ou assegurou-lhes que logo eles entrariam no Reino. Pelo contrário, ele anunciou corajosamente que o Reino de Deus tinha chegado até eles. A presença do Reino era 'um acontecimento, um evento, a ação graciosa de Deus'. A promessa foi cumprida na atividade de Jesus: em sua proclamação da boa-nova aos pobres, libertação aos cativos, restauração de vista aos cegos, libertando aqueles que estavam sendo oprimidos. Isso não era nova teologia, ou novas idéias, ou uma nova promessa; era um novo evento na história (LADD apud BROWN; COENEM, 2009, p. 2046).

No evangelho de João, a expressão reino de Deus é mencionada quando Jesus apresenta a Nicodemos a necessidade de um novo nascimento como condição básica para ver e entrar no reino de Deus:

Em verdade, em verdade eu te digo: a menos que nasça de novo, ninguém pode ver o Reino de Deus. Nicodemos lhe disse: Como um homem poderia nascer, sendo velho? Poderia ele entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer? Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade eu te digo: ninguém, a não ser que nasça da água e do Espírito, pode entrar no Reino de Deus (Jo 3,3-5).

Antes do encontro com Nicodemos, Natanael reconhece Jesus como Messias e afirma: “— Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel” (Jo 1,49).

Assim como os sinóticos, João narra a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Uma grande multidão estava na cidade para participar da festa da Páscoa. Jesus entrou montado num jumentinho, cumprindo a profecia: “Não temas, filha de Sião: eis o teu Rei vem, montado num jumentinho” (Jo 12,15). A multidão “pegou ramos de palmeiras e saiu ao encontro dele, clamando: ‘Hosana! Bendito seja, em nome do SENHOR aquele que vem, o rei de Israel’” (Jo 12,13), expressão que o identifica como Messias.

Jesus disse a Pilatos (BÍBLIA, 2020): “A minha realeza não é deste mundo. Se a minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam combatido para que

eu não fosse entregue às autoridades judaicas. Mas a minha realeza, agora, não é daqui” (Jo 18,36). Mesmo assim, Pilatos mandou colocar na cruz, o título:

Jesus, o Nazoreu, rei dos judeus. Muitos judeus puderam ler este letreiro, porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado ficava próximo da cidade, e o texto estava escrito em hebraico, latim e grego. Os sumos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: Não escrevas ‘rei dos judeus’, mas sim este indivíduo pretendeu ser o rei dos judeus. Pilatos respondeu: ‘O que escrevi, escrevi-o’. (Jo 19,19-22).

Reconhecido ou não, o rei Messias veio ao mundo na pessoa de Jesus de Nazaré. Ele proclamou o evangelho do reino de Deus e, através do seu ministério, antecipou para o presente os benefícios e as bênçãos da futura consumação desse reino.

O “reino de Deus é o governo soberano de Deus. Significa que Deus é rei”. (STAGG, 1969, p. 69). O reino de Deus é “a realeza de Deus, seu governo ou soberania, reconhecido nos corações e que opera na vida de seu povo, efetuando neles sua completa salvação, sua constituição como uma igreja, e finalmente como um universo redimido” (HENDRIKSEN, 2001d, p. 348).

De acordo com Ladd,

o Reino de Deus é a realeza redentora de Deus, dinamicamente ativa para estabelecer Seu domínio entre os homens, e que esse Reino, que irá aparecer como um ato apocalíptico no final desta era, já veio à história humana na pessoa e missão de Jesus, para vencer o mal, libertar os homens do seu poder, e trazer-lhes as bênçãos do reinado de Deus. O Reino de Deus envolve dois grandes momentos: cumprimento dentro da história, e consumação no fim da história (LADD apud BROWN; COENEM, 2009, p. 2041).

A referência à realeza de Deus está relacionada ao governo ou à soberania reconhecida de Deus. A completa salvação diz respeito a todas as bênçãos decorrentes do reconhecimento de Deus como rei no coração. A igreja é a comunidade dessas pessoas em cujos corações Deus é reconhecido como Rei.

Jesus ensinou os seus discípulos a orarem: “Pai nosso, que estás nos céus, dá a conhecer a todos quem tu és, faze com que venha o teu Reinado, faze com que se realize a tua vontade, na terra, à imagem do céu” (Mt 6,9-10).

Se o reino de Deus não se estabelece num território geográfico, mas no coração humano, quando este se submete ao seu reinado e domínio, a oração “venha

o teu reino” suplica a Deus que exerça o seu reinado e que a sua vontade seja feita na terra da mesma forma como é feita no céu.

John Stott afirma que “o reino de Deus é o seu governo real”. Ele

é Rei, reinando em soberania absoluta sobre a natureza e sobre a História. Mas quando Jesus veio, anunciou um aspecto novo e especial do governo real de Deus, com todas as bênçãos da salvação e as exigências de submissão (1993, p. 151).

Jesus deixou claro o que esperava dos súditos desse reino. No “sermão da montanha” ele reinterpreto a lei, apresentando os princípios que formulam as leis. Ele aprofundou a lei na expectativa de que os seus discípulos orassem, jejuassem, dessem esmolas, enfim, vivessem de uma maneira diferente dos religiosos do seu tempo, a quem chamou de hipócritas,

semelhantes a sepulcros caiados: por fora têm bela aparência, mas por dentro estão cheios de ossadas de mortos e impurezas de toda a espécie. O mesmo se dá convosco: por fora ofereceis aos homens a aparência de justos enquanto por dentro estais repletos de hipocrisia e iniquidade (Mt 23,27-28).

John Stott resume o sermão do monte na expressão “contracultura cristã”. Ele afirma que “nenhuma outra expressão resume melhor a intenção de Jesus, ou indica mais claramente o seu desafio para o mundo moderno” e acrescenta que essa expressão

descreve o arrependimento (metanoia, a total transformação da mente) e a retidão, que fazem parte do reino; isto é, descreve como ficam a vida e a comunidade humana quando se colocam sob o governo da graça de Deus. E como é que ficam? Tornam-se diferentes! Jesus enfatizou que os seus verdadeiros discípulos, os cidadãos do reino de Deus, tinham de ser inteiramente diferentes. Não deveriam tomar como padrão de conduta as pessoas que os cercavam, mas sim Deus, e assim provar serem filhos genuínos do seu Pai celestial (STOTT, 1993, p. 5).

Nesse mesmo sermão, Jesus disse que os seus discípulos deveriam buscar “primeiro o Reino e a justiça de Deus” (Mt 6,33) e que, se essa justiça não excedesse em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrariam no reino dos céus (Mt 5,20).

Finalmente, é possível evocar ainda um texto de Mateus como conclusivo para os critérios do Reino de Deus, a saber o conhecido como “juízo final” (Mt 25,31-46). Por um lado, o rei assume o rosto e as situações diversas do sofrimento humano, de forma muito concreta. Por outro, os filhos do Reino serão reconhecidos por Deus

pela sua capacidade de acolher esses mesmos sofredores. Mais uma vez, a liderança de Jesus assume a categoria de um rei, cumprindo a expectativa messiânica, mas transformando-a por dentro, destituindo todo e qualquer rei que não abrace o sofrimento humano.

4.4 LIDERANÇA DISCIPULADORA

Além de cumprir e ampliar as categorias da Antiga Aliança, Jesus também inaugurou novidades que podem ser revisitadas sob a perspectiva da liderança. E, uma das novidades diz respeito ao discipulado, inovador em muitos aspectos. Jesus não organizou uma escola formal de liderança, mas seus discípulos, tiveram a oportunidade de aprender com ele a liderar e a viver de acordo com o propósito de Deus.

O contexto histórico e cultural da época de Jesus fornece elementos que podem ajudar a compreender o estilo e o modelo de liderança que Ele utilizou para formar líderes: o discipulado.

De acordo com Kivits, no tempo de Jesus, os meninos iniciavam os estudos das Escrituras com apenas seis anos de idade sendo que, aos dez anos encerravam a escola primária (Beit Sefer) tendo decorado a Torah, o Pentateuco. A essa altura dos estudos, somente os melhores alunos eram selecionados para a escola secundária (Beit Talmud). Aqueles que não eram selecionados seguiam a profissão da família. Entretanto, os selecionados, prosseguiram com os seus estudos e, aos catorze anos já sabiam de cor todas as Escrituras do Antigo Testamento. “Com essa idade eram também iniciados na tradição oral, a sabedoria dos rabinos acumulada ao longo da história de Israel, e passavam a discutir as interpretações e aplicações da Lei de Moisés” (KIVITS, 2012, p. 23).

Lucas (BÍBLIA, 2020) afirma que Jesus, aos 12 anos de idade foi encontrado por Maria e José “no Templo, sentado em meio aos mestres, ouvindo-os e interrogando-os. Todos os que o ouviam se extasiavam com a inteligência e das suas respostas” (Lc 2,46-47).

Quando chegavam aos catorze ou quinze anos, “somente os melhores entre os melhores estavam estudando, geralmente aos pés de um rabino famoso e respeitado. Esses pouquíssimos meninos da elite intelectual de Israel eram chamados talmidim” (KIVITS, 2012, p. 23).

O relacionamento de um discípulo com o seu mestre era pessoal, intenso, íntimo e intencional.

Em Israel havia uma recomendação aos talmidim: 'Cubra-se com a poeira dos pés do seu Rabi'. Isso significava que um talmid deveria observar tudo quanto seu rabino dizia, fazia e a maneira como vivia, pois sua grande ambição não era meramente saber o que seu rabino sabia, mas principalmente se tornar semelhante ao seu rabino (KIVITS, 2012, p. 23).

Jesus (BÍBLIA, 2020) afirmou que “o discípulo não está acima do seu mestre, mas todo discípulo bem-formado será como o seu mestre” (Lc 6,40). Assim sendo, o propósito do discipulado é, simplesmente, levar os discípulos a tornarem-se semelhantes ao seu mestre.

Uma das principais implicações do discipulado é a renúncia, pois, “o indivíduo que foi chamado deixa para trás tudo que possui não com o intuito de fazer algo especial, mas simplesmente por causa do chamado de Jesus, pois de outro modo não pode seguir seus passos” (BONHOEFFER, 2016, p. 32).

Se alguns discípulos deixaram as redes, barcos, coletoria de impostos, Paulo renunciou as vantagens que tinha na comunidade judaica. Como ele mesmo afirmou:

circunciso no oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamin, hebreu, filho de hebreu; quanto à lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que se encontra na lei, tornado irrepreensível. Ora, todas essas coisas que para mim eram ganhos, eu as considereei como perda por causa de Cristo. (FI 3.5-7)

A alegria de Paulo em viver para Cristo, residia em que ele, num determinado momento de sua vida, renunciou tudo para viver intensamente o Seu propósito. A partir daquele momento, na estrada para Damasco, Jesus passou a ser a prioridade da sua vida. Paulo se dispôs a perder algumas coisas, assim como todo discípulo precisa se dispor a abandonar algumas coisas e seguir o seu mestre.

Bonhoeffer observa, de maneira muito interessante, que a esse ato de renúncia não se atribui valor algum.

É completamente sem sentido, insignificante. Pontes foram destruídas, e simplesmente segue-se em frente. Uma vez chamado, o ser humano tem de abandonar a existência que levava até então. Sua única tarefa passa a ser 'existir', no sentido estrito do termo. Tem de abrir mão de tudo que viveu; o que é velho deverá ficar para trás. O discípulo deixa sua relativa segurança de vida e segue para a completa insegurança (isto é, na realidade, para a absoluta segurança e proteção da comunhão com Jesus); deixa uma situação

aparentemente previsível e calculável (mas, na verdade, muito imprevisível) para a imprevisibilidade, para o acaso total (quer dizer, para a única coisa que é necessária e previsível); deixa o domínio das possibilidades limitadas (isto é, de fato, das possibilidades infinitas) para o domínio das possibilidades infinitas (ou seja, para a única realidade libertadora). [...] Portanto, o chamado ao discipulado é o compromisso exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo. (2016, p. 32).

Aqueles que foram chamados por Jesus passaram, aproximadamente três anos ao seu lado, e receberam instrução necessária para darem continuidade à sua obra.

De acordo com Marcos 3,14, Jesus designou doze para estarem com ele. Ele os chamou para desenvolverem um relacionamento profundo com ele, para conhecerem melhor o seu jeito de ser e de agir, suas ações e reações, seu caráter, seus valores, seu propósito de vida e o seu compromisso inegociável com a vontade do Pai. Durante aqueles anos, os discípulos puderam aprender com os seus ensinamentos. Viram de perto as suas dores e as suas alegrias.

Sanders destaca que “Jesus escolheu leigos, ao invés de homens da hierarquia religiosa”. Ele ainda acrescenta que o Mestre

não escolheu eruditos nem fazendeiros, talvez porque tais ocupações os tornariam menos apropriados para a liderança revolucionária que lhes daria. Quase todos os seus discípulos vieram da Galileia, não da Judéia. A vida na ‘Galileia das Nações’ era muito mais cosmopolita do que na Jerusalém exclusivista, e as mentes dos galileus eram muito mais abertas às novas ideias (SANDERS, 1987, p. 27).

Ele não escolheu os melhores dentre os melhores alunos dos rabinos da sua época. Ele escolheu homens simples e humildes e investiu três anos da sua vida andando ao lado deles, permitindo que vissem de perto o seu estilo de vida, os seus valores, prioridades e a sua intimidade com o Pai.

Possivelmente, ninguém, a não ser Jesus, teria condições de ver naquele grupo diversificado de homens, o estilo de liderança que gradualmente emergiu

como resultado do aprendizado e experiência de alguns anos sob a habilidosa mão do grande Mestre. A seus talentos latentes, adicionaram uma devoção fervorosa e uma lealdade a toda prova, embora tivesse havido alguns casos isolados de fracasso (SANDERS, 1987, p. 28).

Caminhando com Jesus, os discípulos podiam aprender com as suas ações e reações, podiam conhecer os valores, o que realmente importava para ele, seus propósitos de vida e o seu modo de agir.

Nessa “escola” informal, os discípulos puderam aprender a viver e liderar de uma maneira semelhante à de Jesus. Com a exceção de Judas, que o traiu, os demais foram instrumentos para conduzir multidões de pessoas ao arrependimento e retorno ao propósito de Deus.

Jesus ofereceu aos seus discípulos mais que um treinamento de lideranças, com método a priori aplicado e replicável. Ele, pedagogicamente, os instruiu e motivou a viver o que ele vivia, de maneira prática e testemunhal, abrindo assim um novo jeito de liderar, de cultivar e de aprender a liderança, não apenas como dom, mas aprendizado da experiência vivida.

Jesus convidou as pessoas da sua época a segui-lo utilizando as seguintes palavras:

Vinde a mim todos vós que estais cansados sob o peso do fardo, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque eu sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas. Sim, o meu jugo é fácil de carregar e o meu fardo é leve (Mt 11,28-30).

O jugo era uma peça de madeira usada para atrelar bois a carroça ou arado; era uma canga. Os ouvintes de Jesus compreendiam que o jugo era um símbolo de submissão. Era feito de madeira, talhado cuidadosamente pela mão do carpinteiro para adaptarem-se ao pescoço do animal que deveria usá-lo. Ele era usado pelo animal para puxar uma carga e era utilizado pelo condutor para dirigir o animal.

Barclay lembra que os jugos eram feitos da seguinte maneira:

Levava-se o boi e se tomavam medidas. Logo se trabalhava o jugo e se voltava a levar o boi para prová-lo. Então se ajustava bem o jugo, para que se adaptasse ao pescoço do paciente animal e não o machucasse. Se fazia o jugo à medida do boi”. Uma lenda conta que Jesus fazia os melhores jugos da Galileia, e que gente de toda Galileia ia à sua oficina de carpinteiro para comprar as melhores juntas de bois que se podiam obter de um artesão (1975, p. 15).

Jesus agora afirma aos seus discípulos: “o meu jugo é fácil de carregar e o meu fardo é leve”, ou seja, “a vida que lhes dou para que vivam não é uma carga para machucar vocês; sua tarefa, sua vida, é feita sob medida para adequar-se a vocês” (BARCLAY, 1975, p. 15)

Nos escritos antigos, quando um aluno se submetia a um professor, dizia-se que ele tomava o jugo do professor. O discípulo era convidado a aprender com Ele. Jesus disse aos seus discípulos: “[...] aprendei de mim” (Mt 11,29).

O discípulo deve ser uma pessoa ensinável, capaz de aprender. Deve ser um aluno que tem prazer em aprender, que está sempre próximo ao seu professor para retirar dele todo o conhecimento que puder.

A promessa de Mt 11,28 aos cansados e oprimidos é para aqueles que se achegarem a Jesus para aprenderem dele e não apenas para se aproximarem dele física ou intelectualmente.

Jesus foi reconhecido como mestre pelos seus discípulos e pessoas de fora do seu colegiado apostólico. A análise de algumas palavras traduzidas como “mestre”, bem como alguns encontros podem fornecer elementos para uma compreensão do seu discipulado.

Marcos narra o momento em que, logo após a experiência da transfiguração, o pai de um rapaz se aproximou e disse-lhe: “Mestre, eu te trouxe o meu filho” (Mc 9,17). Em outro episódio, João, o apóstolo, disse-lhe: “Mestre, nós vimos alguém que expulsava os demônios em teu nome e procuramos impedi-lo, porque não nos seguia” (Mc 9,38).

Em ambos os textos, a palavra grega para “mestre” é *didaskale*, uma mera tradução do hebraico *rabi*, título usado pelos judeus para dirigir-se a seus mestres.

O emprego de ‘Rabi’ como forma de se dirigir a Jesus talvez seja historicamente autêntico, pois, segundo a tradição, tinha todas as marcas do rabino: pede-se da parte dEle diretrizes acerca de questões disputadas da Lei (Lc 12,13-14), e sobre questões doutrinárias (Mc 12,18 'e segs., a respeito da ressurreição); além disto, tem alunos. As condições posteriores para ter o título de rabino, a saber: o estudo e a ordenação, ainda não eram obrigatórias nos tempos de Jesus [...] (BROWN; COENEN, 2009, p. 642).

O evangelista Mateus, de modo geral utiliza a palavra *didaskalos* que pode ser traduzida por professor e, no Novo Testamento, significa “alguém que ensina a respeito das coisas de Deus, e dos deveres do homem; alguém que é qualificado para ensinar. Também pode ser aplicada aos mestres da religião judaica” (STRONG, 2002).

Mateus não se refere a Jesus como *rabi* pois, “estando em forte conflito com os rabinos, deseja evitar a atribuição frequente demais a Jesus do título deles. Além disto, o termo *rhabbi* também pode ceder lugar para títulos cujo conteúdo é cristológico

(Mt 8:25 com Mc 4:38)” (BROWN; COENEN, 2009, p. 642) embora, de acordo com Hahn (apud BROWN; COENEN, 2009, p. 642), “*didaskalos* deve ser interpretado cristologicamente: Jesus, acima de todos os demais, é o Mestre por excelência, cuja autoridade continua até depois da sua morte”.

Marcos também usa as palavras *didaskalos* e *rabi*. Lucas, entretanto, em algumas passagens, substitui o original, *didaskale*, por *epistata*, ‘ensinador’, ‘mestre’ (BROWN; COENEN, 2009, p. 642).

Fato interessante é que a variação *epistates* aparece principalmente em histórias de milagres. Jesus é o Mestre que salva a pescaria dos discípulos que haviam trabalhado a noite inteira sem resultado (Lc 5,5); é o Mestre que está dormindo durante a tempestade (Lc 8,24) e, apertado pela multidão, cura uma mulher que tinha um fluxo de sangue (Lc 8,45); é também aquele que se transfigura diante dos seus discípulos mais próximos (Lc 9,33).

Nenhuma palavra hebraica ou aramaica específica é conhecida como base para ἐπιστάτης, nem o uso no grego secular exige uma tradução específica. [...] A etimologia da palavra (ἐπιστάτης = ‘aquele que está sobre o outro’) e os contextos em que ele a usa indicam uma nuance de significado: enquanto Lucas usa κύριε de dignidade messiânica (por exemplo, 2:11; 5:12; 7: 6; 9:61) e διδάσκαλε da autoridade de ensino de Jesus (por exemplo, 10:25; 18:18; 20:21, 28, 39), ἐπιστάτης é usado para Jesus em sua posição de autoridade dentro de um grupo definido, seus discípulos. Isso é corroborado pelo fato de que encontramos ἐπιστάτης quase exclusivamente na boca dos discípulos, e os exemplos do grego secular correspondem a isso. Ἐπιστάτης, portanto, refere-se à autoridade de Jesus para instruir e à sua responsabilidade especial (cf. esp. Lucas 8:24!) para o grupo de discípulos que ele reuniu. Lucas 17:13 parece excluir esta interpretação, pois Jesus é chamado aqui por um grupo que é independente dele e pede ajuda. Mas a dificuldade desaparece assumindo o que Lucas queria expressar: quando o grupo de leprosos implora a ajuda de Jesus, submete-se à sua autoridade. Assim, ἐπιστάτης é sempre melhor traduzido como mestre (BALZ; SCHNEIDER, 1990, p. 37).

Jesus possuía autoridade para ensinar aos seus discípulos em particular. Naqueles anos em que investiu na formação dos apóstolos, Jesus revelou integridade e coerência entre o seu ensino e a sua própria vida. Eles puderam perceber que a sua autoridade vinha do próprio Deus e da coerência entre aquilo que vivia e ensinava.

Em outras ocasiões, Jesus foi chamado de *kurios*, palavra traduzida por senhor, que “transmite a ideia de alguém que está numa posição de autoridade” (LO apud MANGUM; BROWN; KLIPPENSTEIN; HURST, 2014). Essa palavra, quando

aplicada a Jesus, pode ser considerada uma forma de tratamento cortês. Trata-se de um título que “remonta, sem dúvida, ao de ‘Rabbi’. Esta forma de trato também subentende o reconhecimento de Jesus como líder, e a disposição quanto a obedecê-lo” (BROWN; COENEN, 2009, p. 2319). Vale a pena destacar que, no Novo Testamento é possível encontrar uma referência

a um mestre humano sobre um escravo (por exemplo, Mt 10,24; Ef 6,5) ou um marido com autoridade sobre sua esposa (1Pe 3,6). Pode ser um termo de respeito por um superior (por exemplo, Lc 13,8; Jo 12,21). [...] Dada a gama de significados disponíveis para *kyrios* no NT, há um grau de ambiguidade quando é usado como um título para Jesus. Por exemplo, quando *kyrios* é usado para se referir ao Jesus terreno como “mestre”, é concebível que a expressão seja usada como um título de respeito geral (por exemplo, Mt 17,4; Lc 6,46; Jo 5,7; 6,34). No entanto, a associação de *kyrios* com o Jesus ressuscitado e exaltado é uma confissão cristã primitiva que reconhece a superioridade de Jesus sobre todas as coisas (por exemplo, Rm 10,9; 14,9; 1Co 12,3; Fp 2,11) e seu governo universal sobre todas as coisas em nome de Deus [...] (por exemplo, 1Co 15,25, 28; Ap 1,5; 17,14) (LO apud MANGUM; BROWN; KLIPPENSTEIN; HURST, 2014).

O evangelista João registrou as palavras de Jesus na última ceia: “Vós me chamais de ‘Mestre e Senhor’, e dizeis bem, pois eu o sou” (Jo 13,13). “A ordem em que os dois títulos são mencionados pode refletir o desenvolvimento da compreensão dos discípulos, pois ‘Mestre’ é mais comum nos primeiros capítulos do evangelho e ‘Senhor’, nos últimos capítulos” (BROWN, 2020, p. 909). João utilizou as palavras *didaskalos* e *kurios*, para descrever Jesus como Mestre e Senhor.

Jesus foi o Mestre e Senhor com autoridade para dizer aos discípulos como deveriam viver, servir e liderar. Ele ensinou e mostrou aos seus discípulos o caminho a ser seguido.

No episódio da última ceia, Jesus afirmou: “Se pois eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis, também vós, lavar-vos os pés uns aos outros; pois é um exemplo que eu vos dei: o que eu fiz por vós, fazei-o vós também” (Jo 13,14-15). A palavra traduzida aqui por “exemplo” (gr. *hupodeigma*) significa: “sinal sugestivo de algo, delineamento de algo, representação, figura, cópia; um exemplo: por imitação; de algo a ser imitado” (STRONG, 2002).

Jesus deixou exemplo para os seus seguidores; um exemplo a ser copiado, imitado. Seguir o exemplo de Jesus “implica servir, ser útil e procurar trabalhar humilde e altruisticamente” (TAYLOR, v. 2, p. 440).

De acordo com Sanders, Jesus ensinou os seus discípulos

tanto com lições como pelo exemplo. Seu ensino era mais prático que formal. Ele providenciava retiros para ensinamentos especiais, mas, em geral, os caracteres dos discípulos foram forjados nas estradas da vida ao invés de no isolamento. As experiências do dia a dia dos discípulos constituíam oportunidades para inculcar princípios e valores espirituais. Ele empregava o método de residência (como, por exemplo, Lc. 10: 17-24), que permitia que eles aprendessem tanto através de seus erros quanto de seus sucessos (Mc 9:14-29) (1987, p. 43).

Jesus foi o Mestre que investiu de si mesmo na formação de outros líderes. Ele discipulou os seus seguidores com o seu exemplo de vida.

A liderança de Jesus foi não apenas formadora de discípulos naquela época, mas discipuladora para todo e qualquer tempo. Ele discipulou os seus seguidores para que pudessem dar continuidade à missão de fazer discípulos (Mt 28,19-20).

4.5 LIDERANÇA SERVIDORA

Jesus apresentou aos seus discípulos um novo paradigma de liderança: a liderança servidora ao afirmar: o Filho do Homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate pela multidão” (Mc 10,45). Isso quebrava com os paradigmas das escolas e dos mestres que, não apenas naquele tempo, mas ainda hoje colocam mais em evidência a distância hierárquica entre mestre e discípulo, senhor e servo.

Ao invés de ser servido, Ele procurou servir as pessoas que estavam ao seu alcance. “Embora Jesus não fosse um revolucionário no sentido político, muitos de seus ensinamentos eram espantosos e revolucionários, especialmente aqueles concernentes à liderança” (SANDERS, 1987, p. 15).

O apóstolo Paulo afirmou que Jesus tomou a condição de servo (Fl 2,7), (gr. *doulos*) que significa “escravo, servo, homem de condição servil” (STRONG, 2002).

Certa ocasião, os filhos de Zebedeu, Tiago e João, fizeram um pedido que causou indignação nos demais integrantes do grupo dos apóstolos (BÍBLIA, 2020): “Concede-nos que nos assentemos na glória, um à tua direita e o outro à tua esquerda” (Mc 10.37). Ao ouvir o pedido, Jesus os advertiu sobre o custo desse pedido: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber a taça que vou beber, ou ser batizados com o batismo que serei batizado?” (Mc 10,38) e alertou-lhes que “quanto a assentar-

vos à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim concedê-lo: isto será dado àqueles para quem foi preparado” (Mc 10,40).

De acordo com Briner e Pritchard, quando ele perguntou aos discípulos: “podem vocês beber o cálice que eu estou bebendo?” (Mc 10,38), “Jesus estava verdadeiramente convidando-os a morrer com Ele. É como se propusesse: ‘Vocês estão dispostos a sacrificar tudo o que lhes é mais precioso para seguir-me? Se a resposta for sim, então vocês também podem compartilhar as recompensas” (BRINER; PRITCHARD, 2009, p. 278)

Sanders lembra que “Jesus era franco e honesto demais para esconder o custo do serviço no reino. Para que pudesse cumprir a maravilhosa missão que lhe fora confiada. Ele precisava de homens e mulheres de qualidade, de olhos bem abertos, dispostos a segui-lo até a morte” (SANDERS, 1987, p. 17).

Ao perceber a indignação dos outros dez discípulos com o pedido de Tiago e João,

Jesus os chamou e lhes disse: ‘Como sabeis, os que são considerados chefes das nações as mantêm sob seu poder, e os grandes sob seu domínio. Não deve ser assim entre vós. Pelo contrário, se alguém quer ser grande dentre vós, seja vosso servo, e se alguém quer ser o primeiro entre vós, seja o escravo de todos. Pois o Filho do homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate pela multidão (Mc 10,42-45).

Jesus deixou claro aos seus discípulos que os governantes das nações lideram pelo poder. Hunter define poder como “a faculdade de forçar ou coagir alguém a fazer sua vontade, por causa de sua posição ou força, mesmo que a pessoa preferisse não o fazer” e autoridade como “a habilidade de levar as pessoas a fazerem de boa vontade o que você quer por causa de sua influência pessoal” (HUNTER, 2004, p. 16). Por isso, ele afirma que liderança é “a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir os objetivos identificados como sendo para o bem comum” (HUNTER, 2004, p. 15). A habilidade para influenciar pessoas deve estar relacionada à autoridade e não ao poder da liderança.

As palavras *dynamis* e *exousia* do Novo Testamento grego traduzidas na língua portuguesa por “poder” e “autoridade” ajudam na compreensão desse ensinamento de Jesus aos seus discípulos.

“A palavra *dynamis* sugere a capacidade inerente de alguma pessoa ou coisa para realizar algo, seja físico, espiritual, militar ou político” (BROWN; COENEN, 2009, p. 1691). Nos Evangelhos Sinóticos e Atos

denota o poder de Deus, os ‘poderes celestiais’, ‘poder milagroso’, e o ‘poder’ que leva a salvação à sua perfeita conclusão. Cristo era ‘poderoso em obras e palavras’ (Lc 24,19). Seus milagres são chamados *dynameis*, isto é, ‘atos poderosos’, porque neles, o reino de Deus na terra começa a ter efeito poderoso, e a luta contra o diabo é levada a efeito no nível da existência humana (BROWN; COENEN, 2009, p. 1694).

No Evangelho de João e no livro do Apocalipse, a palavra *dynamis* não é usada pois “a atividade messiânica de Jesus se baseia no envio do Filho, e na união da vontade do Pai bem como do Filho. O Filho nada pode fazer sem o Pai (5,19,30, *dynatai*); Seus milagres são sinais que revelam o poder divino de Jesus” (BROWN; COENEN, 2009, p. 1694).

A palavra *exousia* se emprega somente com referência a pessoas. “Indica o poder para agir que alguém recebe em virtude da posição que detém. Tal autoridade existe, independentemente de poder ser exercida em determinadas circunstâncias” (BROWN; COENEN, 2009, p. 1691).

Jesus disse aos seus discípulos: “Toda a autoridade me foi dada no céu e sobre a terra” (Mt 28,18). Jesus havia recebido *exousia* que, de acordo com Strong pode ter vários sentidos, dentre eles: poder de escolher, liberdade de fazer como se quer, licença ou permissão, o poder da autoridade (influência) e do direito (privilégio) (STRONG, 2002). Denota também a “possibilidade ou liberdade irrestrita de ação” (BROWN; COENEN, 2009, p. 1697).

Bonhoeffer lembra a autoridade de Jesus ao chamar os seus discípulos. Simão e André, Tiago e João estavam consertando as redes para a pesca e quando ouviram o chamado do Mestre, deixaram tudo e o seguiram (Mc 1,16-20). Mateus abandonou a coletoria de impostos para segui-lo (Mt 9,9-13). Em encontros como esses,

pode-se testemunhar a autoridade de Jesus, incondicional, imediata e que não demanda explicações. Nada é mais importante que o chamado, e nada ocorre além da imediata obediência daquele que foi chamado. O fato de Jesus ser o Cristo confere-lhe total poder para chamar e exigir obediência à sua palavra [...] (BONHOEFFER, 2016, p. 31).

Jesus tinha autoridade também para ensinar e liderar. Quando concluiu o sermão da montanha (BÍBLIA, 2020), “as multidões ficaram impressionadas com seu ensinamento; pois ensinava-as como quem tem autoridade, e não como os escribas” (Mt 7,28-29).

Diferentemente dos escribas, exegetas da tradição dos antigos, Jesus ensinava como representante da autoridade que só pertence a Deus. Os escribas e fariseus seguiam as tradições, “enquanto Jesus, o Ungido, não somente recebia as Suas palavras diretamente da parte de Deus, como Moisés e os profetas, mas também falava com a autoridade sem igual do Filho, que é o único que conhece o Pai e que pode revelá-lo” (BROWN; COENEN, 2009, p. 1700).

No Evangelho de João, a autoridade plenipotenciária de Jesus

se baseia no fato que Ele é o Filho e de que Ele foi enviado (Jo 17,2); além disto, recebeu a autoridade de Juiz no fim dos tempos (Jo 5,27). Nos escritos de João, porém, como ocorre nos Sinóticos, Jesus procura mais salvar os homens do que julgá-los. Seu poder não é dominação à força, mas, sim, total liberdade para ser um servo para o mundo. Tem *exousia* para dar a Sua vida, e para retomá-la (Jo 10,18). [...] Aqueles que O recebem e crêem no Seu nome recebem *exousia* para se tornarem filhos de Deus (Jo 1,12) (BROWN; COENEN, 2009, p. 1700)

A autoridade de Jesus vinha do próprio Deus e do seu estilo de vida e liderança. Havia coerência entre as suas palavras e as suas obras. Na verdade, Ele ensinava mais com o exemplo do que com as palavras.

Autoridade não provém da posição que temos. Quando nos é confiada uma atribuição, galgamos uma posição. Ou quando recebemos um título, um diploma, podemos imaginar que nos tornamos imediatamente uma autoridade. Mas isso é uma grande ilusão. Cedo ou mais tarde, vamos descobrir que a nossa posição não representa verdadeira autoridade, porque nossos defeitos sempre falarão mais alto que nossas palavras. A autoridade de fato vem do respeito que as pessoas têm pela nossa forma de viver, nosso comportamento à luz da graça, pela força do poder de Deus e da presença do Senhor em nós. [...] A autoridade de um servo de Deus vem do reflexo da glória de Deus em seu rosto (PIRAGINE JÚNIOR, 2021, p. 48).

Quando não existe coerência entre a prática e as palavras, entre a vida e a teoria, a autoridade para liderar fica comprometida. Mais do que apontar um caminho a ser seguido, o líder precisa andar nesse caminho. Dessa forma, os seguidores serão inspirados a andar nesse mesmo caminho.

A autoridade do líder também está na sua capacidade de servir aos seus liderados e as pessoas ao alcance da sua influência. Vale a pena lembrar que

o poder pode ser vendido e comprado, dado e tomado. As pessoas podem ser colocadas em cargos de poder porque são parentes ou amigas de alguém, porque herdaram dinheiro ou poder. Isto nunca acontece com a autoridade. A autoridade não pode ser comprada nem vendida, nem dada ou tomada. A autoridade diz respeito a quem você é como pessoa, a seu caráter e à influência que estabelece sobre as pessoas (HUNTER, 2010, p. 16).

A autoridade é conquistada pelo serviço despretensioso e humilde de alguém que se dispõe a servir os seus liderados. Por isso, Jesus “se referia a liderança no sentido de prestar o máximo de serviço. Liderança, no sentido do maior altruísmo” (SANDERS, 1987, p. 26).

Essa não era a liderança dos governantes do tempo de Jesus e nem da atualidade. “Os chefes das nações as mantêm sob seu poder, e os grandes sob seu domínio” (Mc 10,42). Ao invés de dominar as nações e exercer poder sobre elas, Jesus morre em favor e no lugar das multidões (BÍBLIA, 2020, p. 1908).

A resposta de Jesus aos dois irmãos, reflete a ignorância e a imaturidade dos discípulos: “Não sabeis o que pedis”. Os filhos de Zebedeu não tinham noção daquilo que estavam pedindo, muito menos do custo que teriam que pagar. Vale a pena lembrar que Tiago foi o primeiro dos doze apóstolos a morrer (At 12,1-2). Houve consequências para todos os apóstolos! Eles viveram, sofreram e morreram por causa da sua fé.

Jesus ensinou aos seus discípulos que o avanço no seu reino não é alcançado por meio de favores, nem obtido através de solicitações; mas que o caminho para os tronos é a via dolorosa da cruz; que os dignos de palmas nas regiões da glória serão aqueles que passarem por grandes tribulações; e os príncipes do reino serão aqueles que beberem mais do seu cálice de tristeza; e que para aqueles que se recusarem a bebê-lo, os egoístas, auto-indulgentes, ambiciosos, vaidosos, não haverá lugar nenhum no reino, muito menos lugares de honra à sua direita ou esquerda (BRUCE, 2007, p. 313).

Jesus estabeleceu um contraste claro entre o seu modelo de liderança e a liderança dos governantes das nações: “Não deve ser assim entre vós” (Mc 10,43). John Stott destaca esse princípio ao citar T. W. Manson, que afirma: “no reino de Deus, o serviço não é uma subida de degraus rumo à nobreza; ele é a nobreza, o único tipo de nobreza que é reconhecido” (MANSON apud STOTT, 2021, p. 72).

O padrão estabelecido por Jesus para o seu reino é o padrão de liderança servidora, de líder que serve, antes de ser servido.

“Não deve ser assim entre vós”, disse Jesus aos doze. Trata-se de um eloquente alerta! Ele deixou claro que, no contexto do seu reino, a liderança seria exercida de um modo diferente.

Hoje a ambição se transformou em motor de um mundo torpe, um incontrolável desejo por avanços pessoais a qualquer custo, mesmo que isso signifique ferir outros no processo. Vamos encarar os fatos. O mundo dos negócios está repleto desse tipo de ambição. Em toda empresa, quase sempre é possível encontrar quem esteja disposto a mentir e agir de má-fé para subir degraus na escada corporativa. São comuns em nossos dias atitudes como tomar atalhos, mentir nos relatórios de despesas, espalhar fofocas maliciosas, abusar da autoridade, apunhalar pelas costas e ainda por cima sair rindo (BRINER; PRITCHARD, 2009, p. 233).

Ao contrário da ambição dos apóstolos, o sentimento que sempre se viu no coração de Jesus foi a humildade. Ele deixou o seu trono de glória para se fazer um ser humano. Sendo o próprio Filho de Deus, tornou-se um ser humano e assumiu a forma de servo, obediente até a morte, morte de cruz (Fl 2,7-8). Ele não foi encontrado entre os poderosos do seu tempo. Muito pelo contrário, a forma que escolheu para se identificar com o ser humano foi a de um servo.

Jesus explica que grandeza para eles não será definida por um padrão estabelecido no mundo. A grandeza não envolverá posto, pois a grandeza vem para aquele que se torna como o mais novo. A grandeza não vem por meio do uso do poder, porque o líder deve ser servo. Jesus aponta para o inverso dos valores em seu próprio ministério. Embora o mundo defina o líder como aquele que senta à mesa para ser servido, Jesus ministrou para eles como aquele que serve. Este é o exemplo a ser seguido (BOCK, 2006, p. 337).

Um contraste entre líderes que lideram com a humildade de Jesus e outros que lideram com arrogância, pode ser encontrado no relato de João, na sua terceira epístola. Ele se refere a dois líderes: Diótrefes e Demétrio. Nessa epístola, João trata da questão da hospitalidade com seu amigo Gaio e faz menção a esses líderes. Diótrefes era a personificação da arrogância, pois gostava de exercer a primazia entre os seus irmãos. Disputava e lutava por poder dentro da igreja. Ao invés de procurar servir, ele procurava *status*, posição e oportunidade de comando. Demétrio, ao contrário, a própria verdade testemunhava em favor dele (3Jo 12).

Shola Richards, palestrante da conferência *The Global Leadership Summit* 2021, afirmou que as pessoas são definidas pela maneira como tratam os outros. Elas não são definidas pelas suas posses, herança material, familiar; pela sua posição, cargo ou conhecimento adquirido. Elas são definidas e serão lembradas pela forma como trataram os outros.

Essa afirmação traz implicações para a liderança. Tendo em vista a necessidade de desenvolver a gestão de pessoas, o líder terá melhores condições de influenciar as pessoas a seguirem a sua visão, dependendo da forma como as trata. Se ele for servo dos seus liderados, procurando servir ao invés de ser servido, exercerá uma influência e impacto em sua liderança.

Outro exemplo de liderança servidora é relatado por João, por ocasião da última refeição antes da festa da Páscoa.

Durante uma refeição, [...] Jesus se levanta da mesa, depõe o seu manto e toma um pano com o qual se cinge. Depois, derrama água em uma bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com o pano com que se havia cingido. Tendo acabado de lhes lavar os pés, Jesus tomou o seu manto, pôs-se de novo à mesa e lhes disse: “Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de ‘Mestre e Senhor’, e dizeis bem, pois eu o sou. Se pois eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis, também vós, lavar-vos os pés uns aos outros; pois é um exemplo que eu vos dei: o que eu fiz por vós, fazei-o vós também. Em verdade, em verdade, eu vos digo, um servo não é maior do que o seu senhor, nem um mensageiro maior do que aquele que o envia. Sabendo isso, sereis felizes, se ao menos o puserdes em prática (Jo 13,1-5;12-17).

Ao apanhar a bacia e a toalha, Jesus assumiu o lugar do servo mais humilde na hierarquia dos servos de uma família naquele tempo. Como afirma Darrel L. Bock, a posição de Jesus

torna o lava-pés muito mais admirável, porque é uma pessoa com toda a autoridade que assume a tarefa de um escravo medíocre e, humildemente, lava os pés de seus discípulos. Ao desempenhar esse ato, Jesus faz algo que os escravos hebreus eram instruídos como algo muito baixo para se fazer para seus mestres gentios (BOCK, 2006, p. 468).

Esse mesmo autor lembra que, “se Jesus, tendo esse posto superior, lava os pés deles, eles, como seus alunos, devem fazer o mesmo uns pelos outros” (BOCK, 2006, p. 468). O apóstolo Pedro afirma que Cristo deixou exemplo para que os seus discípulos sigam os seus passos (1Pd 2,21).

Jesus representou a seus discípulos um exemplo que estivessem preparados a imitar. O rabi prestou a seus discípulos um serviço que ocasionalmente discípulos generosos poderiam fazer pelo rabi; os discípulos deveriam estar prontos a praticar atos similares de serviço uns pelos outros (BROWN, 2020, p. 929).

Jesus lembra aos seus discípulos, de forma clara e incontestável que havia dado exemplo daquilo que deveriam fazer com os seus liderados: servi-los e não ser servido por eles. Nesse sentido, ele é o melhor exemplo de liderança servidora. O relato do lava-pés único testemunho no quarto evangelho (Jo 13,1-20), representa a virada dos sinais messiânicos à entrada no mistério pascal, diante do qual o discípulo só pode seguir o mestre.

4.6 LIDERANÇA PASTORAL

O último aspecto de liderança a ser tematizado à luz da liderança de Jesus é a sua dimensão pastoral que, de certa forma, é a nossa maneira de continuar a missão do Reino, inaugurada por ele.

O Evangelho de João registra duas parábolas e algumas afirmações que ilustram o relacionamento de Jesus com os seus liderados, bem como a sua perspectiva para o estilo de liderança pastoral (Jo 10,1-16).

As duas parábolas descrevem alguns detalhes sobre o relacionamento de um pastor e suas ovelhas. A primeira (Jo 10,1-5) contrasta o pastor que entra no aprisco porque recebeu missão para isso com “os que procedem irregularmente e querem dominar em proveito próprio” (BÍBLIA, 2020, p. 2017).

A segunda parábola (Jo 10,7-10) apresenta Jesus como a porta para a salvação e provisão.

Se, durante o dia, as ovelhas desfrutam dos pastos verdejantes, durante a noite são colocadas num aprisco, que é “cercado resguardado por uma mureta e postas sob a proteção de um guarda” (BÍBLIA, 2020, p. 2017).

Jesus descreveu a si mesmo como “o bom pastor” (Jo 10,11,14) e apresentou algumas peculiaridades que ressaltam o seu relacionamento com os seus liderados.

As ovelhas ouvem e reconhecem a voz do pastor (Jo 10,3-4). Não conhecem a voz dos estranhos (Jo 10,5). O pastor chama as suas ovelhas pelo nome porque as conhece pessoalmente (Jo 10,3).

Stott lembra que “na Palestina as ovelhas eram criadas para produzir lã, e assim o pastor as mantinha sob seu cuidado por muitos anos. Como resultado disso, um relacionamento de confiança e intimidade se desenvolvia entre eles” (2021, p. 80). Por isso, o pastor chamava as suas ovelhas pelo nome.

Jesus conhecia as suas ovelhas, as pessoas que estavam sob os seus cuidados pelo nome. Conhecia também as suas dores, angústias e ansiedades.

As ovelhas pertencem ao pastor (Jo 10,3). São parte da sua propriedade. Jesus usa essa parábola para destacar que, “dentro de Israel há, portanto, duas categorias de homens: os que pertencem de fato ao pastor e respondem ao seu chamamento e somente a ele, e os que não respondem porque nunca lhe pertenceram” (BÍBLIA, 2020, p. 2017).

O pastor conduz as ovelhas (Jo 10,3) porque vai adiante delas (Jo 10,4). “Abre caminho. Mostra a vereda acertada. As ovelhas o seguem voluntariamente”. Elas “seguem seu líder. É o exemplo, o guia, que é persuasivo e bom pastor” (TAYLOR, 1945, v. 2, p. 328).

O bom pastor dá a vida pelas ovelhas (Jo 10,11). Diferentemente do ladrão, do mercenário e do empregado, o pastor dá a vida pelas ovelhas (Jo 10,11). O bom pastor “se despoja da própria vida” ou coloca a sua vida à disposição das ovelhas, “arriscando-se no perigo enquanto o profissional da religião demonstrava pouca preocupação para com o homem comum, já assolado pelas devoradoras forças do mal” (HULL apud ALLEN, 1987, p. 355).

O ladrão não entra no aprisco das ovelhas pela porta, mas sobe por outra parte. Ele vem somente para roubar, matar e destruir (Jo 10,10). O empregado, que “é mercenário e pouco lhe importam as ovelhas” e o estado em que se encontram (Jo 10,13-14).

O bom pastor procura cuidar das suas ovelhas e protegê-las. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge (Jo 10,12). Davi nunca fugiu de leões e ursos que tentavam atacar o seu rebanho.

Por isso, Carson afirma que “o trabalho do pastor era cansativo e, às vezes, perigoso”. Ele diz que a palavra grega *kalos* (bom),

sugere talvez nobreza ou valor: o pastor nobre ou o pastor digno. Jesus não está se contrastando com tipos temporais, bem-sucedidos ou não, mas com trabalhadores contratados que não têm nenhum apego real às ovelhas.

Contra seu profundo interesse próprio, ele é o nobre pastor (CARSON, 1991, p. 385).

As parábolas de Jo 10 estão colocadas no Evangelho logo após a cura do cego de nascença (Jo 9). Nesse episódio, a forma como os judeus trataram o cego

levou Jesus à dupla certeza (Em verdade, em verdade) de que o povo de Deus estava sendo atormentado por líderes religiosos falsos, comparados aqui como ladrões e salteadores. Estes termos podem referir-se aos fariseus, que tinham tentado tirar tudo do mendigo curado por Jesus, inclusive a recepção dele por parte de seus pais, a legitimidade do milagre que lhe ocorrera e sua comunhão com a sinagoga. Podem também referir-se, de um modo geral, aos saduceus e autoridades sacerdotais que controlavam a organização do Templo, que Jesus chamou de 'covil de salteadores' (Mc 11,17), porque eles privavam os não-judeus de uma oportunidade igual no culto a Deus (HULL apud ALLEN, 1987, p. 353).

Jesus confrontou os líderes religiosos do seu tempo. Alguns exerciam o poder a partir da lei e da tradição e não se importavam com as pessoas, com o povo. Outros estavam interessados apenas em dinheiro, posição e poder. Esses líderes, portanto, sentiram-se ameaçados quando Jesus criticou a liderança deles, sobretudo porque Ele ensinava como quem tem autoridade. Ao percorrer cidades e aldeias, vendo as multidões, Jesus

tomou-se de compaixão por elas, porque estavam exaustas e prostradas como ovelhas sem pastor. Então diz aos seus discípulos: 'A messe é abundante, mas os operários, poucos numerosos, pedi, pois, ao dono da messe que mande operários para a sua messe' (Mt 9,35-38).

Jesus sentiu compaixão ao ver o estado em que se encontravam as multidões: como ovelhas sem pastor.

Jesus viu o povo num tempo em que os líderes espirituais de Israel eram incapazes de enxergá-lo. Ele viu o povo e tinha compaixão dele. A palavra grega *splagchnizomai*, traduzida por 'compaixão', é a mais forte na língua grega para expressar a compaixão a outro ser humano. Deriva-se do substantivo *splagchma*, que significa 'entranhas' (LOPES, 2019, p. 317).

O coração de Jesus se encheu de compaixão ao ver o estado deplorável em que o povo de Israel se encontrava. "As dores do povo são as dores do próprio Cristo, porquanto ele ama ternamente a essas pessoas sobrecarregadas. Ele sofre profundamente com elas e se prontifica a ajudá-las" (HENDRIKSEN, 2001d, p. 622). Possivelmente, a sobrecarga que essas pessoas levavam consistia em jugos pesados

que nem mesmo os líderes do povo colocavam sobre eles. Por isso, Jesus disse que esses líderes eram hipócritas. Eles detalhistas e rigorosos cumpridores da Lei, pagavam o dízimo de hortaliças, enquanto descuidavam daquilo “que há de mais grave na lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (Mt 23,23).

Jesus vê o povo e se compadece. Ele

os vê como somente ele é capaz, com seu coração maravilhosamente compassivo, vê-los, ou seja, como ovelhas cujos pastores as abandonaram, e portanto estão perecendo na estepe árida e varrida pelos ventos. Tais ovelhas estão ‘exaustas e abandonadas’, ‘angustiadadas e desnorteadas!’. Estão completamente exaustas e expostas às feras esfomeadas, ao vento e intempérie, à fome e sede. Que animal é mais dependente, daí mais indefeso quando deixado à própria sorte, do que a ovelha? Uma ovelha descuidada, desprotegida e que não é procurada - que quadro de pecadores entregues a si próprios ou acossados pelos rabinos daqueles dias! O povo, como ovelhas, carece de genuínos guias e pastores (HENDRIKSEN, 2001d, p. 622).

A ovelha é um animal que não tem condições de sobreviver sozinha. Ela precisa do cuidado de um pastor. “A palavra desgarradas (*eskulmenoi*) originalmente significa espoliadas, mutiladas” (STAGG, 1969, p. 132). Jesus disse que a causa dessa situação era a escassez de trabalhadores, de líderes. Curiosamente, havia muitos líderes em Israel naquele tempo. Entretanto, parece que eles se preocupavam apenas consigo mesmos, com os seus interesses pessoais e não com as pessoas.

De acordo com Stagg

a Palestina estava lotada de líderes religiosos no exato momento em que Jesus viu as multidões como ovelhas abatidas e indefesas e como uma colheita negligenciada. Por testes externos, a religião era robusta, com templo lotado, sinagogas em cada aldeia, seis mil fariseus, vinte mil sacerdotes inferiores, um pequeno mas poderoso grupo de sacerdotes saduceus, um grupo considerável de essênios e outros grupos sectários. [...] Embora fossem necessários ‘pastores’ e ‘ceifeiros’, a necessidade real era mais qualitativa. Simplesmente ter mais liderança religiosa do tipo com que as multidões já haviam sido assediadas não resolveria nada. A necessidade era daqueles cuja preocupação não era tanto pelo sábado, jejum, ritos de purificação e coisas do gênero, mas pelas pessoas (1969, p. 132).

Com o propósito de encorajar os seus discípulos a desenvolverem uma liderança pastoral, cuidando das pessoas, certa vez, depois de ressuscitado, Jesus encontrou-se com os discípulos numa praia do mar de Tiberíades, como consta em Jo 21.

Os discípulos estavam pescando, atendendo ao convite de Pedro que, desanimado, triste por ter negado o seu Mestre, talvez estivesse pensando em desistir da liderança e voltar à sua indústria pesqueira. Quando disse (BÍBLIA, 2020): “eu vou pescar” (Jo 21,3), possivelmente, estava dizendo: “eu desisto! Eu falhei! Eu neguei o meu Mestre e, por isso estou desqualificado para a liderança!”

Pedro e os seus amigos, experientes pescadores, passaram a noite pescando, mas não apanharam nada! Eles conheciam o mar como poucos. Mas isso não foi suficiente. Jesus sabia que eles não tinham apanhado nada e apareceu na praia e disse-lhes: “— Joguem a rede à direita do barco e vocês acharão. Assim fizeram e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes” (Jo 21,6).

Ao saírem do barco, os discípulos se encontraram com Jesus. Possivelmente, naquele momento, Pedro ainda se sentia envergonhado diante de Jesus, pensando na noite da última ceia quando foi advertido por Jesus sobre a possibilidade de o negar. “Com uma certa arrogância havia afirmado: ‘ainda que todos se escandalizem, todavia não eu!’ Ele admitiu a possibilidade das demais ovelhas se desviarem do Bom Pastor, ‘mas eu não!’ E, tão depressa, foi o único a negá-lo. Tudo isso a memória ergue, como fantasma horrendo” (TAYLOR, 1945, v. 3, p. 384) ao lembrar-se desse momento doloroso, que o levou a chorar amargamente (Mt 27,75).

Os discípulos se aproximaram e fizeram uma refeição com Jesus, aproveitando alguns peixes que haviam acabado de pescar (Jo 21,10).

Depois da refeição Jesus disse a Simão Pedro: ‘Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?’. Ele respondeu: ‘Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo, e Jesus lhe disse então: Apascenta os meus cordeiros’. Uma segunda vez Jesus lhe disse: ‘Simão, filho de João, tu me amas?’. Ele respondeu: ‘Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo’. Jesus disse: ‘Sê o pastor de minhas ovelhas’. Uma terceira vez, ele disse: ‘Simão, filho de João, tu me amas?’. Pedro ficou triste porque Jesus lhe dissera uma terceira vez: ‘Amas-me?’, e respondeu: ‘Senhor, tu que conheces todas as coisas, bem sabes que eu te amo’. E Jesus lhes disse: ‘Apascenta as minhas ovelhas’ (Jo 21,15-17).

Brown destaca que a maioria dos comentaristas tem encontrado nas respostas de Pedro uma afirmação do seu amor e uma anulação simbólica da tríplice negação que fizera de Jesus (BROWN, 2020, v. 2, p. 1613).

Se Pedro estava pensando em desistir da sua liderança, foi restaurado. Ele chegou a se entristecer, provavelmente, por ter sido interrogado três vezes com a

mesma pergunta e revelou arrependimento pela sua atitude de negar Jesus. Carson afirma que

a pergunta inicial de Jesus sonda Pedro até o fundo de seu ser. Ele não tenta responder em termos da força relativa de seu amor em comparação com o de outros discípulos. Ele apela antes para o conhecimento do Senhor. Apesar do meu amargo fracasso, ele diz, na verdade, eu te amo - você sabe que eu te amo. Jesus aceita sua declaração, sem dúvida para alívio de Pedro, e o comissiona: Apascenta meus cordeiros (CARSON, 1991, p. 677)

É muito interessante que “em vez de gloriar-se de que ama a Jesus mais do que outros (15), um Pedro reabilitado deixa sua causa no conhecimento de Jesus do que está em seu coração (v. 17)” (BROWN, 2020, v. 2, p. 1613).

Ao reafirmar o seu amor por Jesus, Pedro deveria cuidar do seu rebanho. A tarefa que Jesus deu a Pedro estava relacionada com a prioridade de Jesus: as pessoas. Por isso ele pediu para que cuidasse das pessoas que faziam parte do seu rebanho.

“É interessante que, a cada vez que Pedro confessava seu amor, Jesus dirigia esta confissão para um pedido para que apascentasse e pastoreasse o rebanho de Deus” (HULL apud ALLEN, 1987, p. 429).

Jesus não deu a Pedro uma lista de coisas que deveria fazer. Entretanto, pediu que se concentrasse em apenas uma atribuição: pastorear as suas ovelhas.

Vale a pena destacar que as ovelhas que estariam sob os cuidados de Pedro continuariam sendo de Jesus. Ele não fez uma transferência de propriedade para o nome de Pedro. O pedido de Jesus foi: “Apascenta os meus cordeiros [...] sê o pastor de minhas ovelhas [...] apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21,15-17). Se as ovelhas continuariam sendo de Jesus, isso elevaria sobremaneira a responsabilidade de Pedro e lhe daria o encargo da prestação de contas.

Fica evidente que, “apesar da desastrosa performance de Pedro durante a paixão, ele não só fora perdoado, como restituído ao serviço” (HULL apud ALLEN, 1987, p. 429). Brown entende que é preferível falar da sua reabilitação ao discipulado que ao apostolado: “antes era discípulo; agora ele é reabilitado como discípulo e se torna apóstolo” (BROWN, 2020, v. 2, p. 1613).

Jesus não desistiu de Pedro. Certamente, tomou a iniciativa de ir àquela praia para encontrá-lo e restaurar a sua liderança. Ele “confiou os seus poucos cordeiros

àquele que violara tão completamente seu mais sagrado juramento, havia tão poucos dias” (HULL apud ALLEN, 1987, p. 429).

No caso de Pedro, a sua restauração permitiu que, não apenas se tornasse um líder e um “discípulo por meio de um gesto de graça misericordiosa, como também ministrou aos outros discípulos, graças à disposição de Cristo em confiar nestes que, a despeito de o amarem, tinha falhado diante dele de modo tão trágico” (HULL apud ALLEN, 1987, p. 429).

Jesus deu a Pedro a oportunidade de recomeçar a partir das lições aprendidas com o seu fracasso. Tudo indica que, durante o seu ministério, Pedro procurou atender ao pedido de Jesus, de tal modo que ao escrever a sua primeira epístola, afirmou: “Apascentai o rebanho de Deus que vos é confiado, velando por ele” (1Pd 5,2).

Pedro também apresentou recomendações sobre a forma de exercer a liderança pastoral e o cuidado com o rebanho: “não por coação, mas de bom grado, como Deus o quer; não por cobiça, mas por dedicação. Não exerçais um poder autoritário sobre aqueles que vos couberem por partilha; mas tornai-vos modelos do rebanho” (1Pd 5,2-3).

A palavra traduzida por “coação” (gr. *anagkastos*), tem o sentido de “pela força ou constrangimento, obrigatoriamente” (STRONG, 2002), ou seja, liderar de maneira forçada, constrangida, coagida ou por uma obrigação. Ao contrário, Pedro entende que a liderança pastoral deve ser exercida de maneira espontânea e dedicada, de boa vontade, com o desejo de servir às pessoas, jamais por ganância ou interesse pessoal, pois a recompensa do pastorado é a coroa imperecível de glória que será entregue pelo próprio pastor supremo (1Pd 5,4).

Naquele encontro na praia, Pedro teve a oportunidade de reafirmar o seu amor por Jesus pois, somente assim poderia pastorear as suas ovelhas. Barclay destaca que o amor deu a Pedro uma tarefa: “‘Se me amas [...]’, disse Jesus, ‘[...] entrega tua vida a apascentar as ovelhas e os cordeiros de meu rebanho [...]’. Só podemos demonstrar que amamos a Jesus amando a outros. O amor é o maior privilégio do mundo mas também conduz a maiores responsabilidades” (BARCLAY, 1975, v. 2, p. 156).

No final do diálogo, Jesus recomendou a Pedro: “Siga-me” (Jo 21,19). Mais uma vez Jesus o convidou a segui-lo. Esse convite poderia ser entendido como uma oportunidade para um passeio privado na praia. Entretanto, no contexto deste livro,

elas dizem mais do que isso: “vinculam esse passo do discipulado ao chamado inicial de Jesus (1:43), desafiam Pedro a um discipulado consistente até que o martírio que ele agora enfrenta chegue” (CARSON, 1991, p. 680).

Pedro deveria seguir Jesus, tendo-o como exemplo e modelo de vida. Ele deveria colocar os seus pés nas suas pisadas, imitando o seu caráter e o seu jeito de ser e liderar o povo de Deus.

Se o amor deu a Pedro uma tarefa, de acordo com Barclay, deu-lhe também uma cruz. “Chegou o dia quando Pedro, estando em Roma, morreu por seu Senhor. [...] O amor lhe proporcionou uma tarefa e uma cruz. O amor sempre implica responsabilidades e sacrifícios” (BARCLAY, 1975, v. 2, p. 156).

Jesus foi o bom pastor para as multidões aflitas e desgarradas que nele encontraram amor e cuidado para as suas angústias e sofrimentos. Nesse sentido, ele inspira os líderes a buscarem nos apelos do pastoreio a melhor forma de liderar com o coração de pastor, aprendendo com aqueles que são alvo do seu serviço, a melhor maneira de servir e ser como o único e bom pastor, Jesus Cristo.

4.7 APRENDENDO COM JESUS

Jesus apresentou durante o seu ministério terreno fundamentos de liderança que serviram de referenciais para os seus discípulos e líderes nas gerações seguintes.

Ele foi uma referência de liderança profética para o seu tempo. Sempre que falava, transmitia a palavra de Deus aos seus ouvintes.

Ele foi exemplo de profeta que conduz os seus liderados ao propósito de Deus e a um relacionamento com Deus, capaz de ajudá-los a enfrentar os problemas da vida.

Ele também ensinou os seus discípulos a viverem de forma coerente com as suas palavras, com a sua pregação, como os profetas devem viver.

A sua vida sacrificial é uma inspiração para os líderes atuais que desejam assumir o custo de uma liderança relevante. Vale a pena destacar que uma liderança relevante requer do líder o sacrifício de si mesmo. Ele precisa dedicar tempo, esforço físico, mental e intelectual. Muitas vezes precisará sacrificar também os seus próprios recursos ou renunciar possibilidades mais rentáveis para cumprir o seu propósito de uma liderança sacerdotal.

A liderança de Jesus foi alinhada aos valores do reino de Deus. Ele e João Batista anunciaram a chegada do reino que, mesmo sem estar consumado, já pode ser percebido.

Seu reino é um reino de justiça, a justiça de Deus, muito mais elevada que a justiça humana.

A sua liderança foi discipuladora. Os discípulos puderam caminhar e conviver com o Mestre; puderam ver um exemplo digno de ser seguido e imitado.

Na linguagem de Maxwell, é possível afirmar que Jesus atingiu o mais alto nível de liderança, que é o nível do pináculo. Nesse nível, as pessoas seguem o líder por causa de quem ele é e o que representa. Ele afirma que os líderes que chegam a esse nível lideram tão bem por tanto tempo que criam um legado de liderança onde servem. Eles investem nos seus seguidores para que invistam na formação de outros (MAXWELL, 2012), exatamente como Jesus fez ao investir em seus discípulos para multiplicar a sua liderança e dar prosseguimento à sua obra.

Jesus foi o Mestre que ensinou os seus discípulos com a sua vida e com as suas palavras.

A liderança de Jesus foi servidora. Ainda que seja considerado por muitos como uma utopia, o padrão de liderança que Jesus estabeleceu precisa ser buscado pelos líderes, em todas as épocas.

A liderança servidora de Jesus se opõe à liderança dos governantes ambiciosos do seu tempo e de toda a história. Ele “subverteu os valores do mundo, virando-os de cabeça para baixo. [...] A verdadeira liderança não consiste em ostentar títulos, posição ou personalidade irresistível” (BRINER; PRITCHARD, 2009, p. 281). A verdadeira liderança consiste em servir aqueles que estiverem ao alcance da influência do líder.

Jesus inspira os líderes a liderarem servindo conforme Briner e Pritchard recomendam: “torne-se um servo. Apanhe uma toalha e comece a lavar pés imundos. Pense em si mesmo como um escravo e não como um mestre” (2009, p. 281).

Em todos os ambientes, inclusive nas comunidades cristãs, contrariando o ensino do Mestre, é possível encontrar líderes que lutam por poder, cargos e posições. Infelizmente,

a sedução do poder pode separar o mais decidido dos cristãos da verdadeira natureza da liderança cristã, que é servir aos outros. É difícil colocar-se num pedestal e lavar os pés de quem está embaixo. [...] Nada distingue mais os

reinos do homem do reino de Deus do que seus pontos de vista diametralmente opostos sobre o exercício do poder. Um procura controlar as pessoas, o outro busca servir às pessoas; um promove o ego, o outro subjuga o ego; um procura prestígio e posição, o outro eleva o humilde e desprezado (COLSON apud STOTT, 2021, p. 89).

Considerando Jesus como rei, tornam-se mais poderosas as palavras que proferira aos seus discípulos: “se alguém quer ser o primeiro entre vós, seja o escravo de todos. Pois o filho do homem veio, não para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate pela multidão” (Mc 10,44-45). Ele é o rei que se fez servo, que não ficou no trono esperando ser servido, antes procurou servir os súditos do seu reino.

Esse é o padrão de liderança do reino de Deus que Jesus anunciou com as suas palavras e com a sua própria vida.

Ele exerceu a sua liderança, não como os governantes deste mundo, que buscam poder e posições de acordo com os seus interesses, mas como um servo adquire autoridade por meio do serviço e não da sua posição.

Jesus deixou claro que os valores do seu reino são distintos dos valores dos escribas, fariseus e demais reinos do mundo. O maior do reino de Deus é aquele que serve.

O mundo e, particularmente, as comunidades cristãs, precisam de líderes que exerçam a sua liderança com humildade e disposição em servir; que não busquem poder, mas a autoridade adquirida por meio do serviço abnegado e despretensioso, da coerência entre palavras e obras; que sigam o modelo de liderança servidora de Jesus. “Grandeza, liderança e governo devem ser definidos por serviço e por ministério. [...] O único poder que líderes que seguem a Cristo devem procurar é aquele que dá de si mesmo ao povo que são chamados a servir” (BOCK, 2006, p. 291).

Jesus também foi um líder pastoral que encorajou os seus seguidores a focarem nas ovelhas, ou seja, nas pessoas.

John Stott afirma que o líder pastoral deve dedicar-se ao bem-estar das ovelhas, e toda a sua vida deve ser dominada pelas necessidades delas. Ele lembra que “a principal queixa de Deus contra os líderes de Israel era esta: ‘Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?’” (STOTT, 2021, p. 82).

Menezes cita John Stott que, em sua obra *Ouçã o Espírito, ouçã o mundo*, comenta:

Hoje, o modelo mais parecido que temos a imitar é o da gerência de negócios. [...] Com o crescente declínio do status dos pastores na sociedade, nós precisamos cuidar para não procurarmos compensar este fato buscando mais poder e mais honra na igreja. A marca essencial da liderança cristã é a humildade, não a autoridade; serviço e não senhorio, e também 'a mansidão' e benignidade de Cristo (MENEZES apud KOHL; BARRO, 2006a, p. 198).

O foco de um líder em atitude pastoral deve ser aquilo que Jesus fez. Ele pastoreou e cuidou das Suas ovelhas. O seu cuidado pastoral é uma inspiração para que os líderes de hoje foquem nas pessoas, em cada pessoa como única, em todos como parte do povo único de Deus.

5 CONCLUSÃO

Para cumprir a sua missão, as comunidades cristãs devem fazer uma releitura atenta das Escrituras, especialmente, dos Evangelhos para estudar e aplicar o estilo de liderança de Jesus. Dito de outra maneira: trata-se, em uma palavra, de escutar Jesus relendo as Escrituras, à maneira dos discípulos de Emaús (24,13-35), no caminho da vida e da missão, com a perspectiva do Ressuscitado.

O apóstolo Paulo escreveu aos Efésios (BÍBLIA, 2020): “E os dons que ele deu foram apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e docentes, a fim de por os Santos em condições de cumprir o ministério para edificar o corpo de Cristo” (Ef 4,11-12). Paulo afirma que Deus concedeu apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, mestres, enfim, líderes às comunidades cristãs para promoverem a sua edificação, capacitação e aperfeiçoamento visando o serviço no seu reino. Os líderes, além de ensinar, acolher, aconselhar e pastorear, devem capacitar o povo de Deus para cumprir a sua missão.

Sérgio Queiroz afirma que a liderança deve ser transformacional. Para ele, “os líderes transformacionais podem ser carismáticos e inspiradores, mas o que define sua liderança é uma influência centrífuga, isto é, para fora. [...] A liderança na igreja transformacional é missional em perspectiva e, nas decisões, é voltada à ação” (STETZER; QUEIROZ, 2017, p. 71). Eles afirmam ainda que

a igreja existe para a missão de Deus, e que o Senhor levanta líderes para ajudar a igreja a se concentrar nela. [...] Precisamos ter a mentalidade de missão e sermos missionais onde estamos plantados, quer seja nas cidades, quer nas zonas rurais do Brasil. E essa é uma questão que parte da liderança (2017, p. 71).

Stott afirma que “a condição da Igreja em todo lugar depende, em grande medida, da qualidade da ministração que ela recebe” (STOTT, 2021. p. 72). Como Richard Baxter singularmente disse:

se Deus reformasse apenas o ministério, e os fizesse [os ministros] cumprir seus deveres com zelo e fidelidade, o povo certamente seria reformado. Todas as igrejas prosperam ou caem conforme os seus ministros prosperam ou caem, não em riquezas ou grandeza terrena, mas em conhecimento, zelo e habilidade para o seu trabalho (BAXTER apud STOTT, 2021, p. 72).

Tendo em vista as demandas e a realidade do cenário atual, nesta pesquisa procurou-se identificar a partir da análise de alguns líderes da Bíblia, com destaque para Jesus, fundamentos e princípios que podem contribuir para a formação das comunidades cristãs alinhadas à missão de Deus, no contexto contemporâneo.

Primeiramente, destacou-se a realidade do mundo atual, com características tais como volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade, bem como a realidade das comunidades cristãs e as competências necessárias para o desenvolvimento de líderes nesse contexto.

Posteriormente, foi realizada uma breve releitura de fontes bíblicas para visitar alguns líderes do povo de Deus, destacando suas características principais, erros e acertos.

A formação de comunidades cristãs proféticas e missionais poderá ser mais eficaz na medida em que os seus líderes observarem os princípios de liderança sinalizados na pesquisa.

Na história de Moisés, foi possível encontrar o princípio da dependência de Deus para superar desafios, tais como enfrentar Faraó, atravessar o Mar Vermelho e a peregrinação no deserto durante 40 anos com escassez de alimentos e água, murmuração e oposição, até mesmo dentro da sua própria família.

Moisés aprendeu com o seu sogro Jetro a arte de delegar, distribuir tarefas e capacitar líderes para prevenir o esgotamento físico e mental.

Com Moisés é possível ainda aprender a investir na nova geração de líderes. Ele conseguiu preparar Josué para substituí-lo e dar continuidade ao projeto de conquista da terra prometida. O futuro de Israel estaria comprometido naquele momento se, após a morte de Moisés, não houvesse alguém preparado para assumir a liderança. O futuro das comunidades cristãs requer que os líderes de hoje tenham como princípio o investimento na nova geração.

Davi, um jovem pastor de ovelhas, ensina a não desanimar e desenvolver coragem para enfrentar desafios.

Ele demonstrou autenticidade ao decidir recusar a armadura de Saul e usar apenas uma funda com algumas pedrinhas retiradas do riacho. Os líderes de hoje precisam de autenticidade para reconhecer as suas limitações, fraquezas e vulnerabilidade.

Davi foi humilde o suficiente para reconhecer os seus erros. É verdade que precisou da ajuda de um profeta mas, confessou os seus pecados e humilhou-se

diante de Deus. O líder que não reconhece os seus erros terá muita dificuldade para prosperar na sua liderança.

Ele ainda ensina a buscar a direção de Deus para os momentos de decisão. O exercício da liderança é repleto de decisões. A tragédia ocorrida por causa de um recenseamento foi consequência do orgulho e da autossuficiência.

Elias desenvolveu uma liderança profética, transmitindo ao rei e ao povo de Israel a palavra de Deus. Ele desenvolveu um relacionamento profundo com Deus por meio do qual encontrou coragem para enfrentar um rei corrupto e a sua terrível esposa, conduzindo o povo de volta a Deus.

Ele revela a fragilidade de todo ser humano, inclusive, dos líderes que estão sujeitos a buscarem refúgio numa “caverna” em tempos de angústia e depressão. Apesar da sua coragem e todas as suas proezas, Elias demonstrou o quanto os líderes também são vulneráveis a tristezas, medo e solidão.

Com João Batista é possível aprender o princípio da identidade. Quando lhe perguntaram se ele era o Messias, ele demonstrou que sabia muito bem quem era e qual era o seu lugar na história. Líderes com crise de identidade terão muita dificuldade para entender o seu lugar, o seu papel e ainda, desenvolver uma liderança eficaz.

João Batista é também uma referência de integridade e coerência. Perdeu a cabeça, mas não perdeu a coerência com os seus valores e princípios. Manteve a sua integridade ao confrontar o rei e não se curvar diante da corrupção.

Além dos princípios aprendidos com líderes consagrados pela tradição bíblica, nesta pesquisa destacou-se o modelo de liderança de Jesus.

Como afirmou Wander Lara Proença, “o ministério de Jesus se desenvolveu com singularidade e estilo próprio, vindo a se constituir em modelo de uma liderança verdadeiramente transformadora e, por isso, parâmetro para a ação da igreja em nossos dias” (PROENÇA apud KOHL; BARRO, 2006, p. 15).

Jesus desenvolveu uma liderança profética, compartilhando e sendo a palavra de Deus para o seu povo, com verdade e amor para acolher as pessoas. Ele foi considerado amigo de publicanos e pecadores. Ele se envolveu com todos. Ele se aproximou de todos para compartilhar a palavra de Deus. Mais do que profeta, ele foi o Filho de Deus capaz de perdoar os pecados de uma mulher pecadora e de toda a humanidade.

Jesus foi o sacrifício e o sacerdote perfeitos. Nele cumpriu-se tudo o que o sistema sacrificial do Antigo Testamento previa. A sua liderança foi sacerdotal, demonstrando o quanto os líderes se sacrificam para cumprir a sua missão e precisam desenvolver um relacionamento profundo com Deus para ajudarem aos seus liderados.

Jesus liderou de acordo com os valores do reino de Deus. Ele ensinou esses valores aos seus discípulos, orientando para que esses valores estivessem presentes em sua liderança. Ele é o rei do reino de justiça que, antes de ser consumado, está ao alcance de todo aquele que nele confia. Os valores do seu reino são inspiradores e norteadores para liderança e para a sociedade.

A sua liderança foi discipuladora. Ele investiu na formação de novos líderes que dessem continuidade à sua obra por meio do processo do discipulado. Esteve com eles e andou com eles durante três anos, ensinando com as suas palavras, a sua vida, ações, reações, valores e prioridades.

A sua liderança foi servidora. O Cristo que é Senhor e Mestre, é também o servo que apanha a bacia e a toalha para lavar os pés imundos dos discípulos, sem segundas intenções. O maior líder de todos os tempos não veio para ser servido, mas para servir e demonstrar como liderar alinhado com os valores do seu reino. Ele foi o rei que se fez servo e, por isso, no seu reino, os maiores são aqueles que se humilham e servem os seus liderados.

A sua liderança foi pastoral. Ele foi o bom pastor que se despojou da sua própria vida em favor das suas ovelhas. Ele conhecia as suas ovelhas, assim como os líderes devem conhecer os seus liderados, dando-lhes proteção e segurança. O foco de Jesus sempre esteve nas ovelhas. Ele demonstrou que, mais do que as estruturas, as pessoas devem ser a prioridade para a liderança.

Os fundamentos de liderança encontrados nos personagens da tradição bíblica, brevemente relacionados, bem como o modelo de liderança adotado por Jesus, oferecem inspiração criteriosa para a busca de respostas e novas perspectivas frente aos desafios que representam a formação e edificação de comunidades cristãs proféticas e missionais na atualidade. No entanto, mais que fórmulas mágicas e critérios objetivos, é preciso escutar os sinais dos tempos, os apelos do povo e as interpretações do tempo presente para reler as Escrituras, à luz do Ressuscitado, e buscar novas pistas para uma liderança que seja sinal da Boa Nova do Reino, já agora presente no mundo, mas ainda não plenamente.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento**. Tradução de Israel Belo de Azevedo. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

BALZ, Horzt; SCHNEIDER, Gerhard. **Exegetical dictionary of the New Testament**. Michigan: Eerdmans Publishing, 1990. v. 2.

BARCLAY, William. **The gospel of John**. Philadelphia: Westminster Press, 1975. v. 1.

BARCLAY, William. **The gospel of Matthew**. Philadelphia: Westminster Press, 1975. v. 2.

BARRO, Jorge Henrique (org.). **O pastor urbano: dez desafios práticos para um ministério urbano bem-sucedido**. Londrina: Descoberta, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BERKOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo Almeida**. [Barueri]: Sociedade Bíblica do Brasil, 2022.

BÍBLIA. Português. **Bíblia TEB**. Tradução A. J. M. de Abreu. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2020. Notas integrais tradução ecumênica.

BIZZO, David. **Manual de liderança e gestão de pessoas e equipes: liderança, gestão eficaz de pessoas, equipes de alta performance, ferramentas gerenciais, feedback e relacionamento**. [S. l.]: Edição do autor, 2021. *E-book*.

BOCK, Darrell L. **Introdução e comentário aos evangelhos: Jesus segundo as escrituras**. São Paulo: Shedd, 2006.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Murilo Jardelino e Clélia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRINER, Bob; PRITCHARD, Ray. **Lições de liderança de Jesus: um modelo eterno para os líderes de hoje**. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2009.

BRIGTH, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus Editora, 2004. (Nova coleção bíblica). *E-book*.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.

BROWN, Raymond Edward. **Comentário ao evangelho segundo João**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020. v. 2.

BRUCE, Alexander Balmain. **O treinamento dos doze**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

CARNEGIE, Dale. **Liderança**: como conquistar a confiança, a lealdade e a admiração das pessoas. Rio de Janeiro: Sextante, 2022. *E-book*.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CARSON, D. A. **O Evangelho segundo João = The Pillar New Testament Commentary**. Grand Rapids: Inter-Varsity Press: W. B. Eerdmans, 1991.

CEARÁ. Secretaria do Desenvolvimento Econômico e Trabalho. Núcleo de Inteligência. **Mundo VUCA**: o que é, o conceito e como se preparar. Fortaleza: SEDET, 2021. n.109.

CORDEIRO, Wayne. **Andando com o tanque vazio?** Encha o tanque e renove a paixão. Tradução Emerson Justino. São Paulo: Editora Vida, 2011.

COSTA, Sidney. **Compre cadeira**: igrejas para hoje focadas em Jesus. Barueri: Alpha Conteúdos, 2015.

COUTU, Diane. **Resiliência**. Rio de Janeiro: Sextante, 2020. (Coleção Inteligência Emocional - Harvard Business Review). *E-book*.

VALOR ECONÔMICO. Cristãos não são mais maioria na Inglaterra e em Gales, diz Censo. **Valor**, São Paulo, 29 nov. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia2022/11/29/cristos-no-so-mais-maioria-na-inglaterra-e-em-gales-diz-censo.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2023.

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

D'SOUZA, Anthony A. **Como tonar-se um líder**. Tradução de Ruth Vieira Ferreira. Belo Horizonte: Loyola, 1987.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FORMAN, Rowland. **O bastão da liderança**. Curitiba: Editora Esperança, 2008.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

HENDRIKSEN, William. **João**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001a. Comentário do Novo Testamento.

- HENDRIKSEN, William. **Lucas**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001b. Comentário do Novo Testamento.
- HENDRIKSEN, William. **Marcos**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001c. Comentário do Novo Testamento.
- HENDRIKSEN, William. **Mateus**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001d. Comentário do Novo Testamento.
- HOLMES, A. F. **Novo dicionário de teologia: histórico e sistemático**. Londres: Inter-Varsity Press, 2016.
- HUNTER, James C. **O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- HYBELS, Bill. **Liderança corajosa**. São Paulo: Editora Vida, 2002.
- KIVITS, Ed René. **Talmidim: o passo a passo de Jesus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.
- KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos (org.). **Liderança cristã transformadora**. Londrina: Descoberta, 2006a.
- KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antônio Carlos (org.). **Missão integral transformadora**. Londrina: Descoberta, 2006b.
- LAMADRID, Antonio González. **As tradições históricas de Israel**. Petrópolis: Vozes, 2019. *E-book*.
- LANGSTON, A. B. **Esboço de teologia sistemática**. Rio de Janeiro: Convicção Editora, 2019.
- LOPES, Augustus Nicodemos. **O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o rei dos reis**. São Paulo: Hagnos, 2019.
- LOPES, Hernandes Dias. **Para onde caminha a igreja**. São Paulo: Hagnos, 2013.
- MAGALDI, Sandro. **Liderança disruptiva: habilidades e competências transformadoras para liderar na gestão do amanhã**. São Paulo: Editora Gente, 2022.
- MANGUM, D.; BROWN, R.; KLIPPENSTEIN, R.; HURST, R. **Lexham Theological Wordbook**. Bellingham: Lexham Press, 2014.
- MARSHALL, I. Howard. **The gospel of Luke: a commentary on the greek text**, New International Greek Testament Commentary. Exeter: Paternoster Press, 1978.
- MAXWELL, John C. **Os 5 Níveis da Liderança**. Recife: CPAD, 2012. *E-book*.

ME, Rafael Moreh. **O Profetismo Bíblico**: uma visão panorâmica do profetismo no Antigo Testamento. [S. l.: s. n.], 2021. *E-book*.

MENDONÇA, José Tolentino. **A construção de Jesus**: a dinâmica narrativa de Lucas. São Paulo: Paulinas, 2018.

NOLAND, Rory. **O coração do artista**: construindo o caráter do artista cristão. Traduzido por Jorge Camargo. São Paulo: W4 Editora, 2007.

OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira. O Verbo se fez poesia: a revelação de Deus na abordagem poética de José Tolentino Mendonça. **Teoliterária**, Campinas, v. 10, n. 22, p. 410-443, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/49844/33888>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PACTO de Lausanne. *In*: **Ultimato**. Belo Horizonte, [2020]. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/pagina/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PEREIRA, Ricardo; LACERDA, Leonardo Lincoln Leite de; CUNHA, Cristiano José Castro de Almeida. Competências do líder em um mundo VUCA: uma revisão de escopo. *In*: Congresso Virtual de Administração, 18., 2021, [S. l.]. **Anais eletrônicos** [...]. [S. l.]: Convibra, 2021. Disponível em: https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo_pdfEbc27.08.2021_22.03.25.pdf. Acesso em: 18 abr. 2023.

PETERSON, Eugene H. **Transpondo muralhas**. Rio de Janeiro: Danprewan Editora, 2004.

PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. **O líder espiritual**: lições práticas de liderança extraídas da vida de Moisés. Curitiba: Editora Águas Profundas, 2021.

RODRIGUES, Verônica. **Líder ágil, liderança VUCA**: como liderar e ter sucesso em um mundo de alta volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade. São Paulo: Autora, 2018.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. O reino de Deus na pregação de Jesus. **Revista Via Teológica**, [S. l.], v. 21, n. 42, p. 14-38, dez./2020. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/179/254>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SANDERS, Oswald J. **Liderança espiritual**. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

SAYÃO, Luiz. **Entendendo o processo da pós modernidade**. *In*: Jesus, o verbo de Deus, [S. l.], 14 jan. 2018. Disponível em: <https://jesusalegriadoshomens.wordpress.com/2018/01/14/entendendo-o-processo-da-pos-modernidade-luiz-sayao/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SHELLEY, Bruce L. **A igreja**: o povo de Deus. São Paulo: Vida Nova, 1989.

SILVA, Ricardo Agreste da. **Igreja? Tô fora**. Santa Bárbara D´oeste: SOCEP, 2007.

SOUSA, Ágabo Borges de. Reflexão sobre uma teologia negra no Brasil. Humanidade e Negritude: Pensando sobre racismo no Antigo Testamento. *In*: Seminário Teológico Batista do Nordeste, 2., 2000, Feira de Santana. **Anais** [...]. Feira de Santana: Seminário, 2000.

STAGG, Frank. **Mateus-Marcos**. Ed. Clifton J. Allen, Broadman Bible Commentary. Nashville: Broadman Press, 1969.

STETZER, Ed; PUTMAN, David. **Desvendando o código missional**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

STETZER, Ed; QUEIROZ, Sérgio. **Igrejas que transformam o Brasil**: sinais de um movimento revolucionário e inspirador. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

STOTT, John. **A igreja**: uma comunidade singular de pessoas. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2021.

STOTT, John. **A mensagem do sermão do monte**. São Paulo: ABU, 1993.

STRONG, James. **Dicionário Grego do Novo Testamento. Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

STRONG, James. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. [Barueri]: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. *E-book*.

SWINDOLL, Charles R. **Davi**: um homem segundo o coração de Deus. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

SWINDOLL, Charles R. **Elias**: um homem de heroísmo e humildade. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

SWINDOLL, Charles R. **A igreja desviada**: um chamado urgente para uma nova reforma. Tradução de Vanderlei Ortigoza. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

TAYLOR, William Carey. **Evangelho segundo João**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1945. 3 v.

TURLINGTON, Henry E. “**Mark**”, **em Matthew–Mark**. Ed. Clifton J. Allen, Broadman Bible Commentary. Nashville: Broadman Press, 1969.

ULTIMATO. A Igreja missional e a igreja missionária: qual a diferença. **Ultimato**, Belo Horizonte, 07 ago. 2017. Entrevista concedida por Michael W. Goheen. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/igreja-missional-e-igreja-missionaria-qual-a-diferenca>. Acesso em: 21 abr. 2023.

WARREN, Rick. **Para que estou na terra?** uma vida com propósitos. São Paulo: Editora Vida, 2013.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Santo André: Geográfica Editora, 2006. 6 v.

WILLIS, Avery T.; BLACKABY, Henry T. **Em missão com Deus**: vivendo o propósito de Deus para sua glória. São Paulo: Editora Bom Pastor, 2018.